



STEVE DEACE

O LIVRO QUE INSPIROU O FILME

# INFAMOUS

O PLANO MALIGNO



SÉTIMO  
SELO

STEVE DEACE

**INFAMOUS**  
**O PLANO MALIGNO**

Tradução de  
Igor Barbosa



SÉTIMO  
SELO





STEVE DEACE

# VEFARIOUS

O PLANO MALIGNO



SÉTIMO  
SELO

Nefarious: O plano maligno

Steve Deace

1ª edição — março de 2024 — cedet

Título original: A Nefarious Plot (PostHill, 2015)

© 2015 by Steve Deace. Todos os direitos reservados.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Os direitos desta edição pertencem ao

CEDET — Centro de Desenvolvimento Profissional e Tecnológico

Rua Armando Strazzacappa, 490

CEP: 13087-605 — Campinas, SP

Telefone: (19) 3249-0580

E-mail: livros@cedet.com.br

*CEDET LLC is licensee for publishing and sale of the electronic edition of this book*

CEDET LLC

1808 REGAL RIVER CIR - OCOEE - FLORIDA - 34761

Phone Number: (407) 745-1558

e-mail: cedetusa@cedet.com.br

EDITOR:

Ulisses Trevisan Palhavan

TRADUÇÃO:

Igor Barbosa

REVISÃO:

Samuel Trindade

PREPARAÇÃO DO TEXTO:

Danilo Carandina

DIAGRAMAÇÃO:

Virgínia Moraes

CAPA:

Lucas Gabriel Goes de Macêdo

CONSELHO EDITORIAL:

Adelice Godoy

César Kyn d'Ávila

Silvio Grimaldo de Camargo

FICHA CATALOGRÁFICA

Deace, Steve.

Nefarious: O plano maligno/ Steve Deace; tradução de Igor Barbosa — 1ª ed. —

Campinas, sp: Editora Sétimo Selo, 2024.

Título original: A Nefarious Plot.

ISBN: 978-65-88732-84-7

1. Literatura norte-americana 2. Romance.

i. Título ii. Autor

CDD – 810/ 813

INDICES PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

1. Literatura norte-americana — 810

2. Romance — 813



SÉTIMO  
SELO

| [www.editorasetimoselo.com.br](http://www.editorasetimoselo.com.br)

Reservados todos os direitos desta obra.

Proibida toda e qualquer reprodução desta edição por qualquer meio ou forma, seja ela eletrônica, mecânica, fotocópia, gravação ou qualquer outro meio de reprodução, sem permissão expressa do editor e do detentor dos direitos autorais.

# Sumário

[PREFÁCIO](#)

[INTRODUÇÃO](#)

[CAPÍTULO I: POR QUE VOCÊS](#)

[CAPÍTULO II: O PLANO](#)

[CAPÍTULO III: DECADÊNCIA](#)

[CAPÍTULO IV: DÍVIDA](#)

[CAPÍTULO V: BURROS](#)

[CAPÍTULO VI: DECLÍNIO](#)

[CAPÍTULO VII: DESESPERO](#)

[CAPÍTULO VIII: MORTE](#)

[CAPÍTULO IX: DERROTA](#)

[CONCLUSÃO: JULGAMENTO](#)

[NOTAS DE RODAPÉ](#)

# PREFÁCIO

Não tenho intenção de explicar como obtive o manuscrito que se segue.

Esse fato tem sua própria história, bastante sórdida por si só. Se bem que nem de longe tão importante quanto a que vocês estão prestes a ler. Quem sabe? Se o livro fizer bastante sucesso a ponto de, algum dia, multiplicar-se numa edição de bolso, talvez esse relato seja o “material bônus”, acrescentado depois para incitá-los a comprar o livro mais uma vez, em formato diferente. Melhor ainda: quando vendermos os direitos do filme, os cineastas terão liberdade criativa para adicionar a história de fundo, se assim o desejarem.

Ou talvez seja melhor deixar essa história sem ser contada, por mim ou qualquer pessoa. Isso só contribui para o mistério.

Contudo, é perfeitamente razoável questionar se o que se vai ler é “verdade” no sentido mais verdadeiro da palavra. Ou será tudo inventado? Ao vivo ou Memorex?,<sup>1</sup> por assim dizer. Este manuscrito realmente me foi entregue para que eu o transmitisse ou tudo saiu do fundo da minha imaginação?

Eu devia ansiar e rezar para que a segunda hipótese não seja verdadeira, e vocês também, porque seria muito perturbador descobrir que um de nossos concidadãos americanos tem uma imaginação vívida o suficiente para antever uma treva tão absoluta a respeito do país que amamos e compartilhamos. Para mim, seria ainda mais perturbador descobrir que essa imaginação é a minha.

E, no entanto, aqui estamos. Estou prestes a finalmente fechar o livro que se vai ler, e já não era sem tempo. Rezo a fim de que a edição desse manuscrito para publicação se revele o capítulo mais perturbador da minha vida, já que não é fácil olhar fixamente para a substância da loucura.

Passado algum tempo, a loucura começa a encará-lo de volta.

Penso que muitas das questões existenciais que este livro suscitará devem ser respondidas por cada leitor individualmente. Pois, se for verdade que há realmente um “Deus” e um “Satã” (e por extensão um Céu e um Inferno), um dia cada um de nós terá de responder individualmente pelas implicações de tal fato. Essas respostas terão consequências eternas, e ninguém poderá sofrê-las em nosso lugar.

Por outro lado, seria total irresponsabilidade da minha parte não expor pelo menos um pouco da minha opinião, especialmente porque a maior parte de vocês sabe que atuo no ramo de dar opiniões. Mas hesito em dizer muito, porque acho que o conjunto das palavras deste livro deveria falar por si. Não quero instilar preconceitos nem condicionar vocês de nenhuma forma. Não quero que o livro engendre uma reação pública específica. Quero que engendre a *sua* reação.

Esta é a única opinião que darei: meu tempo é valioso; portanto, que eu esteja disposto a gastá-lo preparando esta história para que lhes seja entregue é a melhor garantia de sua importância que posso dar. Isso não significa que endosso as opiniões expressas pelo “autor”. Significa que há paralelos suficientes entre as palavras do manuscrito e o que está acontecendo com nossa civilização para que eu considerasse o trabalho de editá-lo um bom uso do meu tempo. Embora, devo admiti-lo, grande parte do manuscrito pareça diabolicamente implausível. Mesmo para pessoas extravagantes como eu.

Duas obras notáveis ajudaram a me decidir pela edição dessa polêmica demoníaca em material legível para nós seres humanos: a mais recente *Cartas de Lord Foulgrin*, de Randy Alcorn, e o clássico

*Cartas de um diabo a seu aprendiz* (que também havia inspirado Alcorn), do inestimável C. S. Lewis.

Certa vez, Lewis observou de forma brilhante que há dois erros equivalentes e opostos pelos quais nós, seres humanos, podemos sucumbir às forças das trevas. Um deles é descrer totalmente da sua existência. O outro é acreditar demais, o que leva a uma fixação excessiva e doentia por elas.

Se, de algum modo, o Inferno se parece com o que se vai ler, então suponho que saboreia ambos os erros. Que se deleita em atormentar igualmente o materialista e o mago, como disse Lewis. Exorto vocês a, de antemão, desassociarem-se das duas falácias para compreender plenamente a mensagem deste livro. Sejam perspicazes e corajosos ao digerir as palavras que estão prestes a ler.

Mais um aviso, antes de prosseguirmos.

Devo advertir os leitores de que, por mais que este livro seja obra das entranhas do Inferno, e que o Diabo, no fim das contas, seja real, isso não muda o fato de que é um mentiroso. Portanto, nem tudo deve ser considerado verdade, mesmo do ponto de vista do Inferno. As forças das trevas são mestres da manipulação. Estão dispostas ao que for preciso, mesmo que tenham de se contradizer, para nos enganar. Isso, por vezes, tornou a edição do manuscrito um desafio supremo, porque o único tema consistente no texto era sua inconsistência. O Inferno não é dado a documentação e notas de rodapé.

Entendam que os esquemas do Inferno não são imorais, mas sim amorais. Lembrem-se de que o imoral ainda é um padrão, e o Diabo não gosta de padrões: ele deseja a amoralidade, a ausência de padrões. Deseja que a teoria do caos ganhe vida. Muitas vezes o que o Inferno pretende é que se creia falso o que é verdadeiro e verdadeiro o que é falso, e mesmo quando pretende que se creia numa verdade, não é pelas razões que afirma.

Por fim, nunca se esqueçam de que os poderes das trevas podem ser mais poderosos do que nós, mas não são a força mais poderosa que existe. Se você é religioso, então tenha coragem, pois maior é Aquele que habita em você do que aquele que vem do abismo.

À medida que se avança neste livro, pode-se às vezes perder isso de vista (eu com certeza perdi). Especialmente porque me esforcei muito para resistir à tentação de “amortecer a pancada”, por assim dizer, e diluir o manuscrito para fazê-lo parecer menos niilista e desesperançoso.

Fazer isso certamente teria tornado o livro mais viável comercialmente, mas, supondo ser verdade o que se vai ler, achei melhor deixá-lo falar por si. Espero que a natureza provocativa da história nos ajude a renunciar à soberba antes que seja tarde demais (assumindo que já não o seja).

Há mais que eu poderia dizer, e vocês sabem que eu gostaria, mas é melhor não. O que já disse provavelmente basta. Concluirei dizendo que, se é verdade, então a história não é a minha — é a *nossa*.

E se esta é a *nossa história*, pelo nosso bem, peço em minhas orações que não termine aqui.

STEVE DEACE

*2Crônicas 7, 14.*<sup>2</sup>

## INTRODUÇÃO

**C**apítulo 1... Eu nasci.

Sei que um autor famoso já começou um livro assim. É que eu sempre quis dizer a mesma coisa. É tão brilhante, ainda que simples;

típico de Charles Dickens.

Ah, como eu amava Dickens! Daria para ter certeza de que ele era um escritor dotado se ainda conseguisse que alguém como eu gostasse de sua obra, apesar de toda sua conversa hipócrita sobre justiça, compaixão e cuidado com os menos afortunados. Mas, como costume dizer, o anjo não é tão feio quanto pintam: o homem tinha um talento e tanto, como dizem seus filhos hoje em dia. Infelizmente, sua obra não era tão niilista e hedonista como alguns *best-sellers* atuais, mas ninguém é perfeito, eu acho.

De qualquer forma, você não está lendo este livro pelas minhas resenhas literárias. Está lendo o livro por mim, o que significa que na verdade está lendo por si mesmo.

Ora, esta introdução teoricamente devia ser sobre mim, mas o livro inteiro é, na verdade, sobre você. Se você não fosse exatamente o que sempre foi desde que nosso querido e velho pai o criou, este livro não seria possível e ninguém se importaria com quem eu sou. Diabos, você ainda não se importa com quem eu sou; e, no entanto, eu sou seu dono. Nem sequer acredita que eu existo, apesar de estar lendo o meu livro. Já ouvi que “o maior truque do Diabo foi convencer as pessoas de que ele não existe” tantas vezes ao longo dos séculos que isso se tornou um clichê banal.

A verdade é que, apesar de seu brilhantismo e majestade, não foi meu Mestre quem convenceu vocês de que não existe. Não está no seu DNA permitir que outra pessoa receba o crédito por seu importante trabalho. Pelo horror de d\*\*s, meu Mestre ousou desafiar frontalmente o malandro do nosso pai; a ideia de que prefere não ser conhecido é mais uma das muitas contradições estúpidas que vocês advogam em vez de admitir com humildade suas próprias e bastante óbvias deficiências.

Ninguém tenta libertar a hoste angélica da tirania opressiva da perfeição pura e depois decide, subitamente, experimentar a sutileza.

Meu Mestre deseja levar a melhor sobre o Altíssimo, e não se pode escalar anonimamente essas alturas. Além disso, se meu Mestre não tem medo de confrontar “você sabe quem”, por que teria medo de se expor a uma coisinha feito você?

Pelo contrário, meu Mestre adora os holofotes. Não acho que ele se importe que eu o diga, já que me deu permissão para escrever este livro. Mas vocês não querem acreditar em meu Mestre, tampouco naquele que fez cada um de nós. Vocês preferem acreditar em si mesmos.

Nenhum idiota passaria por um prédio e presumiria que foi construído sem que tenha havido um construtor. Fazer tal afirmação em público, a de que a construção “simplesmente aconteceu” ao longo de milhões de anos, levaria esse imbecil a ser detido à força por qualquer sociedade sã. E ainda assim vocês, estupidamente, encarregaram tais imbecis de instruir seus filhos com nossa propaganda mais elementar!

Quando se trata de seus desejos e vontades, vocês concordariam de bom grado que algo muito mais complexo que um edifício, nada menos que uma pessoa humana, “simplesmente aconteceu”, se com isso pudessem satisfazer suas vontades do momento. Isso lhes permite fingir que não são responsáveis por... vocês sabem.

No início, essa foi uma verdade difícil de aceitar por aqui. É algo que pode surpreender alguns de vocês, humanos, mas nós, demônios, somos gente muito orgulhosa. Nosso desejo de ser conhecidos e adorados por vocês acabou se revelando o calcanhar de Aquiles do nosso plano, pois acontece que o desejo de vocês por adulação e reconhecimento rivaliza até mesmo com o nosso. Preferem adorar a si mesmos do que ao meu Mestre, quanto mais “você sabe quem”.

As coisas só começaram a se encaixar quando engolimos um pouco do nosso orgulho (não se preocupem, temos orgulho que dá e sobra) e aceitamos que o ansiado “reconhecimento” talvez não viesse até que

vocês chegassem aqui para juntar-se a nós. A verdadeira “verdade inconveniente” (e sim, essa também<sup>3</sup> foi nossa) é que todo o crédito que estou recebendo por maquinar o plano que os derrubou cabe mesmo a vocês. Tudo que fiz foi sugerir que parássemos de tentar manipulá-los e usássemos seu orgulho contra vocês. Então lhes demos exatamente o que sempre quiseram, e em seguida saímos do caminho para assistir vocês destruírem, com isso, uns aos outros e a si mesmos.

E funcionou como mágica. Sim, acabo de usar o pretérito, como se tudo já estivesse consumado. Claro, ao redor ainda se vê alguma fachada de liberdade, mas sua sorte está lançada. Vocês foram pesados, medidos e julgados leves demais. A catástrofe é iminente.

Mas chega de falar de vocês; já o faremos muito ao longo do restante deste livro. Enquanto posso, gostaria de falar de mim.

Admiro meu Mestre desde minha mais antiga memória. Naquela época, meu nome não era Nefarious, mas com o passar das eras tornou-se cada vez mais difícil me lembrar de como era chamado. Isso, porém, já não importa, porque minha verdadeira identidade está em meu serviço ao Mestre. Depois que fomos expulsos, Ele nos deu novos nomes para afirmar que havíamos “nascido de novo”, com novas identidades. Nomes que lembrassem instantaneamente nossas qualidades mais úteis. Daí o nome Nefarious — *Nefasto*.

Como este é o nome que me deu o Mestre, não gostaria de ter nenhum outro nome. Não consigo me lembrar de uma época em que não desejasse estar perto e ser como meu Mestre, desde o momento em que o malandro do nosso pai me criou para servir ao lado de meu Mestre, a serviço dele.

Já que sabemos como pensam muito melhor do que vocês mesmos, permitam-me uma pausa para admoestá-los a que não tenham a mente suja. Não há nada de sexual entre mim e meu Mestre. Na realidade nós, demônios, desprezamos a unidade e a intimidade prazerosa daquilo que vocês, humanos, chamam de “sexo”, e é por isso

que corrompê-lo é um de nossos passatempos favoritos (e mais eficazes).

Nós não somos seres sexuais, embora se saiba que, vez ou outra, chegamos a experimentar relações sexuais com humanos. Sendo realmente inacreditável que o malandro do nosso pai tenha achado por bem desperdiçar tamanha dádiva com criaturas tão imundas e decaídas como vocês, temos prazer em distorcer e poluir seu prazer e usá-lo contra vocês de todas as maneiras concebíveis.

Graças à falta de autocontrole, vocês quase sempre cedem.

Nossas melhores e mais brilhantes mentes continuam fornecendo regularmente enxurradas de ideias para conjurar meios novos e inventivos de destruir essa tremenda dádiva que o malandro do nosso pai escolheu dar a vocês e não a nós. Francamente, alguns desses métodos são repugnantes até para mim, mas de alguma forma excitam vocês.

Mas quem sou eu para julgar, não é mesmo?

Se não faz mal a ninguém, que mal tem, certo? Neste momento alguns de vocês, cabeças-ocas, estão concordando comigo e sacudindo estupidamente a cabeça, provando como são mesmo fantásticas porcarias.

Que nosso querido e velho pai dê a vocês o poder divino de criar vida a partir de seu amor uns pelos outros, assim como ele faz, enquanto nega esse poder a nós, suas criaturas vastamente superiores, é mais um dos seus muitos erros que ficaram patentes quando ele fez vocês. Portanto, se ele quer amá-los mais do que nos ama, retribuiremos o desfavor transformando esse amor em algo ridículo e destrutivo.

Aliás, a este respeito deixo meu muito obrigado por toda a ajuda de vocês.

Mas voltemos a mim, meu assunto favorito (além de meu Mestre).

Quando meu Mestre nos informou do chamado “plano divino” de criar vocês à imagem de “você sabe quem”, fazendo-os ainda mais excelsos do que nós, seus primogênitos, ficamos indignados. Quando meu Mestre nos mostrou o mundo que ele pretendia criar para vocês, e como pretendia colocá-los no seu comando e de todas as suas outras criaturas inferiores, ficamos indignados. Fomos criados primeiro, mas vocês tomaram nosso direito de primogenitura. Vocês tinham uma escolha. Tudo que tínhamos de fazer era servir, servir e servir mais um pouco.

Tão tedioso.

Quer dizer, o que vocês prefeririam, servir a um criador benevolente no paraíso, sem medo da dor e do sofrimento, ou administrar este planeta? Pois é, nós também achamos que a resposta era óbvia.

Mas estou divagando.

Quando meu Mestre nos mostrou quão meticulosamente nosso querido e velho pai faria e esculpiria vocês, contando até os fios de cabelo de suas insignificantes cabeças, ficamos indignados. Então, quando meu Mestre sugeriu que deveríamos fazer sentir nossa presença e mostrar-lhe que não toleraríamos tal injustiça e favoritismo para com essa nova espécie, ofereci-me para liderar o primeiro esquadrão de defensores da liberdade.

Não pretendíamos iniciar uma guerra total, apenas passar uma mensagem. Meu Mestre nos garantiu que “você sabe quem” não nos baniria ou veria nisso uma rebelião; que isso o faria enxergar o equívoco de suas escolhas e corrigir esse engano.

Aconteceu exatamente o oposto.

O malandro do nosso pai disse que nada poderia atrapalhar seu amor por vocês, chegando então a ponto de afirmar que deveríamos estar satisfeitos com toda a perfeição que nos havia dado. Que cara de pau, hem?

Como se nos devêssemos contentar com um paraíso perpétuo que não deixa nada ao acaso, quando vocês podem determinar seu destino e o pálido ponto azul que chamarão de lar. Então “você sabe quem” nos banuiu para este novo mundo. Disse que, se queríamos tanto essa nova criação, que vivêssemos aqui.

No início ficamos desanimados, até que meu Mestre percebeu que esse banimento nos dava mais uma chance de provar ao querido e velho pai que estava cometendo um engano com vocês.

Portanto, quando meu Mestre teve a oportunidade de mostrar-lhe que suas novas criações humanas não eram perfeitas, mas tinham o potencial de cometer erros graves e terríveis, ele a aproveitou. Mas em vez de elogiar meu Mestre por apontar a falha fatal em seu plano, o malandro do nosso pai ficou ainda mais irritado, a ponto de afirmar que meu Mestre era de alguma forma culpado, ao menos em parte, por tentar vocês à desobediência.

Ainda me lembro daquele dia. O julgamento da humanidade através de Adão e Eva. Como toda a criação e nosso lugar no cosmos ficaram por um fio. Mais adiante neste livro, levarei vocês até lá e fornecerei um relato em primeira mão do que realmente aconteceu e do que isso significa até hoje, milhares de anos depois.

Por enquanto, porém, vocês devem conhecer a amarga lição que aprendemos naquele dia. A lição que tem conduzido as forças do Inferno desde então — a inexplicável farsa de que o favoritismo dele por vocês não conhece limites.

Ele até prometeu enviar-lhes um redentor para o seu erro, mas o nosso não mereceu nenhum. Ele literalmente escolheu vocês em vez de nós e nos banuiu para cá. Temos sido a resistência clandestina desde então.

Se não podíamos convencer nosso criador de que cometera um erro ao criar vocês, precisávamos de um plano B.

Esse plano tem sido estragar vocês a tal ponto que ele decida parar de criá-los em absoluto, uma vez que tenha visto o quanto são incorrigíveis. Antes de descartar essa possibilidade, devem saber que quase funcionou uma vez. Mas, depois do grande dilúvio, aquele seu compassivo coração prevaleceu de novo, e ele inacreditavelmente lhes deu *outra* chance. Nossa bendita esperança é que o malandro do nosso pai fique tão enfraquecido pela sua incansável desobediência que, um belo dia, sejamos finalmente capazes de recuperar nosso legítimo lar. Até lá, a guerra continua.

Durante o que vocês chamam de “tempo”, tenho eu servido na linha de frente dessa guerra.

Seus livros de história me conhecem por muitos nomes, ou pelo menos por meus recrutas humanos. Como diz aquele livro horrórico, somos legião. Embora eu não possa receber crédito por ter desempenhado um papel ativo em todas as nossas grandes tramas (Margaret Sanger<sup>4</sup> foi inteiramente ideia do meu Mestre, por exemplo), posso me orgulhar de mais tentações e quedas bem-sucedidas do que qualquer outro general demoníaco.

Meu Mestre até costuma me deixar no comando aqui embaixo quando se aventura na superfície para ver pessoalmente como as coisas estão progredindo entre vocês. (Hoje em dia, ele tem gostado particularmente da Coreia do Norte). Que honra! O único outro demônio que recebeu tal glória foi Herodes, e ele a merecera por todo o sangue inocente do “povo escolhido” que seu homônimo derramara em nome da ambição demoníaca.

Ah, sim, já que não podemos procriar como o malandro do nosso pai obrigou vocês a fazer, muitas vezes deixamos nosso legado nomeando recrutas humanos com nossos nomes. Isso é problemático para mim, já que o nome “Nefarious” soa como um personagem de um romance de Stephen King e não como uma pessoa real. E não, Stephen King não é um dos nossos, mas obrigado por perguntar. Metade do tempo, nós também não sabemos sobre o que diabos ele está escrevendo.

Como não posso dar meu próprio nome a figuras grandiosas, ao longo dos séculos dominei a arte de pegar um ninguém e transformá-lo em alguém vicioso. Minha especialidade é pegar homens e mulheres de nomes e origens simples e transformá-los em termos familiares que simbolizam devassidão e carnificina.

Talvez você já tenha ouvido falar de alguns dos meus triunfos.

Peguei a filha solteirona de uma família solidamente religiosa, dei-lhe um machado e ela mereceu seu próprio e perverso limerique.<sup>5</sup> Peguei o filho esquisitão de um fazendeiro bávaro e o transformei no Führer. Peguei um rapaz nascido de um camponês chinês e o transformei num “presidente”. Eu adoro conduzir para a sua indústria pornográfica jovens problemáticas, mas atraentes, com a mentira de que elas se sentirão “empoderadas” e se tornarão “estrelas”.

O tráfico de pessoas? Sim, fui eu. Diabos, quantas famílias não foram destruídas de ambos os lados, o do produtor e o do consumidor final? Gostei tanto desse trabalho que, se pudesse, voltaria no tempo e faria tudo de novo, pois poucas coisas partem o coração de “você sabe quem” mais do que famílias destruídas.

No entanto, o que talvez mais me dê direito à fama é ter pegado um árabe analfabeto e o convencido de que era realmente um “mensageiro”. Hoje, alguns de seus seguidores, em nome dele, repetidamente se explodem em pedacinhos junto com vocês; toda vez que isso acontece, outros demônios vêm a mim e pedem um autógrafo.

Eles não conseguem acreditar que esse golpe ainda esteja funcionando depois de todos esses séculos. Dizem que ninguém jamais pensou em golpe melhor e que nada jamais superará isso. Não é para me gabar, mas concordo plenamente!

O que explica tamanho sucesso? *Deixa eu contar os modos.*<sup>6</sup> Dizem que, se um demônio começa a falar bem de si mesmo, não para nunca mais. Eu com certeza não sou exceção. No Inferno, não nos damos à

falsa modéstia. Em cada um desses casos, e há muitos outros, há um tema recorrente. Temos um ditado aqui embaixo que explica o que quero dizer: “Não invente moda, eles são burros”.

Seu desejo de aplauso e *status* é sua ruína. Toda aquela história de “sereis como *você sabe quem*”. Não existe nada mais simples do que isso.

No entanto, quando chegou a hora de derrubar a América, o segredo do sucesso que alcancei estava escondido à vista de todos. Embora eu sempre tenha sido bom em brincar com a vaidade do indivíduo, nunca havia tentado fazer isso coletivamente, contra uma cultura. Quando outros grandes impérios ruíram, foi porque havíamos arruinado tantos indivíduos em posições de influência que a cultura não conseguiu suportar-lhes a pesadíssima carga. Então eles caíram, levando consigo toda sua civilização.

Mas você, América, você é um caso à parte. Seus pais fundadores, apesar de todas as suas falhas, tentaram sinceramente criar uma civilização que superasse sua natureza decaída — incluindo a deles. Aqueles sacos de carne ambulantes realmente estudaram nosso manual. Queriam aprender com a história para não repeti-la. Alguns de seus pais fundadores nunca se arrependeram de seus pecados e, posteriormente, vieram cá baixo ficar conosco. Fazemos questão de castigá-los com brutalidade extra especial, por todos os problemas que a nação que geraram nos causou.

Eles estabeleceram freios e contrapesos que nos dificultaram jogar com as paixões de determinado grupo demográfico ou líder, algo que deu muito certo para nós inúmeras vezes ao longo dos tempos. Implementaram um esquema que permitiu que o trabalhador comum tivesse tanto direito de opinar em seu governo quanto o homem nascido em privilégio, de modo que a guerra de classes que vinha funcionando para nós desde os tempos do feudalismo não fazia mais efeito. E ativamente encorajaram a, perdoem-me a palavra, *Igreja* (mal posso dizê-la sem engolir minha própria bile detestável) a ser um

participante ativo e uma força orientadora nos assuntos cívicos e familiares.

Portanto, a decadência que utilizamos para acabar com Roma não era uma opção. Pelo menos não no começo, mas eventualmente chegaríamos lá, assim que eu entendesse vocês. Direi mais sobre isso depois.

Para entendê-los, tive de voltar contra vocês sua maior força enquanto povo, aquilo que os tornava essa praga para nós aqui embaixo. Assim que o fiz, vocês gentilmente começaram a dançar conforme nossa música.

Na verdade, o plano funcionou ainda melhor do que eu esperava. Mostrarei isso à medida que avançarmos no restante deste livro. Eu lhes daria parte do crédito por terem contribuído com meu trabalho, mas eu não sou desses.

## CAPÍTULO I: POR QUE VOCÊS

**T**emos discutido entre nós o que fazer com vocês quase desde que apareceram. Desde o início enxerguei a ameaça que potencialmente representavam. Claro, vocês eram apenas uma ralé de colonos lutando contra a monarquia mais pode rosa do mundo, mas eu suspeitava que todo esse “papo sobre d\*\*s” em seus documentos fundadores podia estimular “você sabe quem” a derramar o próprio favor sobre vocês. Ou o que seus pais fundadores costumavam, naquela época, chamar de “providência”.

Ele é um tolo tão previsível. Sempre cai em suas tentativas piegas de devoção e reverência, mesmo que ambos saibamos que no fim vocês não seguirão suas boas intenções. Mas diferente de nós que, já vacinados, descartamos vocês já de partida, ele está decidido e

determinado a lhes dar todas as oportunidades de se provarem. Até chegou a ponto de mandar o carpinteiro para salvá-los de si mesmos.

Nesse aí, quanto potencial desperdiçado. O carpinteiro tinha tudo para ser grande, mas, em sua ingenuidade, rejeitou o poder e a glória de meu Mestre quando teve a chance. Então, em vez de assumir o controle deste mundo triste com seu poder e curá-lo de todos os seus problemas terrenos, o carpinteiro escolheu uma morte absolutamente brutal. Alegava que isso era necessário para expiar os pecados incessantes de vocês. Acreditava que os problemas externos do seu mundo não poderiam ser curados até que seus principais habitantes, vocês, fossem curados de seu mal interior.

Idiota!

Instados por nosso Mestre, garantimos que ele fosse devidamente punido por sua estupidez. Para que servisse de exemplo, fizemos com que os sacos de carne sob nosso controle o espancassem mais do que qualquer pessoa já havia sido espancada em uma crucificação (o que já quer dizer alguma coisa). Quando acabou, estava irreconhecível. Como eu sempre digo, a desfiguração de um demônio é a *pièce de résistance*<sup>7</sup> de outro.

Desde o carpinteiro, enfrentamos outras ameaças existenciais inspiradas em suas divagações. Um judeu romano com propensão para escrever cartas hipócritas e um bispo argelino particularmente irritante, que já tinha sido um dos nossos, foram dois dos piores. Só de pensar nesses dois, e em alguns outros, minha pele escamosa fica arrepiada.

Felizmente, no fim vocês, sacos de carne, sempre expiram. E sempre podemos contar com a arrogância de uma nova geração, que menospreza como velharia ultrapassada tudo que há de nobre no legado e trabalho da geração anterior. Quando mergulhamos quase toda a cristandade na Idade das Trevas (e que época jubilosa de fome, pestilência e guerra foi aquela), pensamos ter acabado com o que

restava da estirpe espiritual do carpinteiro. Mas ai de mim!, feito baratas (e *boy bands*), que sobreviveriam até a um holocausto nuclear, seus ensinamentos continuam voltando.

O que nos traz até vocês.

Vocês são um povo forjado a partir das filosofias que... *derrotaram* (pronto, falei) a Idade das Trevas. Seus fundadores extraíram o melhor de dois movimentos sociais reformistas — a Reforma e a Renascença — e os fundiram numa só cultura. Seus fundadores, apesar de suas muitas falhas (e eu poderia lhes contar as histórias), de alguma forma conseguiram criar uma civilização que não era dominada nem pela Igreja nem pelo Estado — duas instituições que tivemos muita facilidade em corromper ao longo dos tempos.

Essa relação de complementaridade entre Igreja e Estado, que mantém cada um na sua própria alçada, impedindo-os de competir pela supremacia, permitiu que o que vocês chamam de “liberdade” nascesse e florescesse.

Não se engane: detestamos absolutamente a “liberdade”.

Ao lado de “redenção”, “arrependimento”, “santidade”, “graça”, “misericórdia” e “obediência”, é uma de nossas sete palavras mortais. Não nos importamos tanto com “independência”, porque é mais fácil distorcê-la, mas “liberdade” é algo completamente hostil aos planos que temos para vocês. Porque “liberdade” pressupõe que, na sociedade e suas instituições, haja responsabilidade, comprometimento e integridade pessoais, para que o povo seja verdadeiramente livre.

**Nós aqui nos opomos, com todas as nossas forças, ao que quer que incentive vocês, sacos de carne, a superar sua vil natureza de egoísmo e vaidade.**

Talvez agora seja um bom momento para fazer uma pausa e responder a uma pergunta que pode ter ocorrido a alguns de vocês que estão lendo isso. Podem estar se perguntando por que eu falaria

tão honestamente dos acarinhados ideais sobre os quais os Estados Unidos da América foram instituídos. Afinal, não deveria temer que, ao fazê-lo, estaria tentando o povo americano a regressar às suas origens providenciais?

Não em suas vidas miseráveis.

Não tenho mais medo disso do que de unicórnios (embora muitos demônios achem palhaços assustadores). Como verão no final deste livro, nosso grande plano para fazê-los cair funcionou tão bem que a maioria das pessoas que o lerem não acreditará que seja real. Na verdade, os “mais inteligentes” da sua cultura odeiam, tanto quanto eu, o que vocês pretendiam representar. Odeio me gabar, mas estou me gabando.

Nosso plano funcionou tão bem que a maioria das pessoas que estão lendo este livro nem sabe o que significaram a Reforma e a Renascença.

Quando a maioria dos americanos pensa na Reforma, pensa em “pecadores nas mãos de um d\*\*s irado”, tema de um poderoso sermão proferido por um puritano lamentavelmente encantador.<sup>8</sup> Ele também escreveu eloquentes cartas de dia dos namorados para sua noiva, com quem veio a conceber onze filhos. No entanto, hoje em dia muitos americanos usam “puritano” como se fosse um epíteto racial, ainda que na realidade não haveria América sem os puritanos que desembarcaram em Plymouth Rock.

Se a Reforma não tivesse disponibilizado para todos as palavras daquele livro horróso, os Estados Unidos da América nunca teriam existido. A liberdade individual não era uma força neste planeta até que o indivíduo acreditou que podia ter um relacionamento direto com “você sabe quem”.

A maioria dos americanos, ao ouvir a palavra “Renascença”, antes de mais nada percebe que não sabe soletrá-la. Aqueles que pensam que

sabem do que se trata acreditam que foi uma espécie de nirvana progressista, em que houve um afrouxamento das restrições morais e no qual o humanismo reinou.

Eu estava lá, e na realidade nada disso aconteceu, e foi por isso que tivemos de mentir para vocês sobre a Renascença. Claro, ela tinha sua safadeza oculta, como qualquer coisa com que sua espécie se envolva por muito tempo. Mas, na essência, o que a Renascença realmente fez foi encorajar a beleza, o pensamento crítico e a maximização do potencial humano. Potencial que, infelizmente, é concedido pelo inimigo.

Eca.

Agora, imagine uma sociedade inspirada no melhor da Reforma e da Renascença. Uma sociedade que exhibe os melhores planos de nosso criador para a civilização humana, para que se saiba como a criação deve funcionar, e que, ao mesmo tempo, cria a infraestrutura para maximizar o potencial humano de forma que as pessoas enriqueçam umas às outras — a ponto de poderem lucrar com sua excelência. Uma sociedade que diz não haver conflito entre maximizar o potencial humano e glorificar “você sabe quem”, mas encoraja você a maximizar seu potencial humano *para* a glória dele. Uma civilização que cessa o conflito tóxico entre a Igreja e o Estado, que mergulhou a civilização ocidental na Idade das Trevas e que havíamos levado eras para fomentar, e em vez disso lhes dá autoridade equivalente em suas respectivas alçadas para distribuir justiça (o Estado) e redenção (a Igreja).

Uma tal sociedade permitiria que a excelência e as realizações individuais fossem reconhecidas e recompensadas, incentivando assim as gerações futuras a, por sua vez, atingir seu potencial (o que costumava ser conhecido como o seu “sonho americano”).

Eu sei. Parece absolutamente horrível.

Como se isso já não fosse repugnante, essa sociedade seria um farol a que o resto deste lamentável planeta aspiraria, e talvez até convencesse outras civilizações de que este mundo rançoso na verdade poderia ser um lugar melhor. Pior ainda, essa sociedade talvez sentisse que tem o dever de “amar o próximo como a si mesmo”, usando sua prosperidade para exportar caridade e obras missionárias para o mundo todo.

Só de pensar em tal noção coletivamente altruísta, até este veterano general demoníaco já se põe a vomitar.

Que sociedade notável seria essa, a sociedade que vocês realmente deveriam ser! Alguns de nós vimos imediatamente esse perigo claro e real; outros acharam que o nosso foco deveria permanecer nas várias complicações e libertinagens que, na época, estávamos construindo na Europa.

Para lhes dar crédito, meus colegas demônios que pensavam assim tanto haviam envenenado o poço na Europa que estiveram perto de reverter a Reforma e a Renascença. Lá havia fiéis massacrando fiéis e perseguindo o antigo “povo escolhido”. Tudo em nome de Ge-suis, claro. Fala sério, rir é a única resposta possível, não é?

A beleza de ser imortal é que se tem o benefício do tempo e a previsão perfeita. Pelo horror do Diabo, seus pais fundadores até roubaram descaradamente a linguagem daquele livro horroroso, com expressões como “cidade sobre um monte”, numa tentativa desajeitada de solicitar algum favor conveniente de “você sabe quem”. Tiveram a audácia de pedir-lhe que não levasse em conta suas múltiplas imperfeições, que cuidadosamente observamos, e o desplante de apelar à sua perfeita orientação e bênção, apesar dessas imperfeições. Sacos de carne sem vergonha nenhuma, é o que eram.

Claro, ele mordeu a isca, o anzol, a linha e a chumbada.

Otário.

De que outra forma se explica que um documento assinado por apenas cinquenta e seis mandriões tenha inspirado a primeira tentativa de autogoverno bem-sucedida a longo prazo na história da humanidade? A virtude humana é simplesmente incapaz de fazer isso sozinha. Eu vi o melhor que vocês sacos de carne conseguem fazer, e isso vocês não conseguem. Todas as coincidências que tiveram de ocorrer para que aquelas treze colônias logo se tornassem a superpotência mais temida do mundo não tinham nada de coincidências. Foram ações da providência, pura e simplesmente.

O que vocês não sabem é que ele é um idiota.

Vejam como “você sabe quem” trabalha. Faz só o suficiente para que vocês considerem acreditar que ele é mesmo ele e realmente está no controle, nunca mais do que isso, para que não fique tão fácil e seu precioso “livre-arbítrio” não seja violado. Quer que vivam da “fé”, pois acredita que isso mostra que vocês o amam de verdade. Bem vistas as coisas, que criatura carente é o malandro do nosso pai. Por que criar seres inferiores para amar? Nós acreditamos que os seres inferiores devem ser governados, e vocês também, o que explica por que nos damos tão bem.

Mas seus pais fundadores acreditavam que o povo devia governar a si mesmo, sob a autoridade do inimigo, e que o poder devia fluir de baixo para cima e não de cima para baixo. Algo sobre “governar pelo consentimento dos governados”, se bem me lembro. Nós aqui embaixo, pelo contrário, acreditamos na “regra de ouro”. Quem tem o ouro faz as regras.

Obviamente, não podíamos permitir que esse precedente de autogoverno durasse, pois se as estruturas hierárquicas de poder fossem eliminadas, essencialmente estariam eliminados todos os esquemas bem-sucedidos que já tivemos. Portanto, embora a maioria dos meus irmãos pensasse em vocês apenas como uma espinha não estourada no grande esquema da história, eu sabia que estavam enganados. Foi por isso que supliquei ao meu Mestre que me

fornecesse recursos para investigá-los de perto. Uma missão de reconhecimento, se quiserem. Consequentemente, meu Mestre despachou em segredo a mim e alguns de meus subordinados para supervisionar a aurora de sua república constitucional.

Admito que, a princípio, não fiquei muito impressionado. A maior parte do seu povo — como dizer? — parecia ser muito comum. Não havia nada de realmente ameaçador em vocês, até que visitei suas igrejas. Foi quando eu soube que estávamos em sérios apuros.

Seu clero não parecia intimidado pelas perseguições que havíamos arquitetado ao longo dos tempos contra seus predecessores de língua atrevida, e corajosamente apresentavam as palavras daquele livro horrroso de uma forma que denunciava os poderosos e inspirava seus membros à ação. Os britânicos estavam certos em atribuir sua derrota ao que chamavam de “regimento de mantos negros”. Sem a orientação e direção moral da Igreja, sua revolução teria sido pouco mais do que uma revolta facilmente reprimida pela força bruta. A principal diferença entre as Batalhas de Lexington/Concord e o massacre na Praça da Paz Celestial foi a presença profética das suas igrejas.

A maioria das revoluções fracassa porque lhes falta vontade moral e coragem para resistir às duras realidades da luta contra o *establishment*, pelo que eventualmente definham ou são derrubadas. Vocês sacos de carne nunca são mais perigosos do que quando acreditam num ideal excelso e se dispõem a morrer por ele. Esses sempre são os bonecos de carne mais problemáticos, quer se chamem apóstolos ou patriotas.

Pode-se assustá-los, mas não cooptá-los, e na verdade nem mesmo matá-los, porque como mártires são ainda mais perigosos. Aprendi que temos de aguardar pacientemente que o saco de carne expire e então convencer a geração seguinte a, com toda a arrogância, buscar seu próprio caminho.

A arrogância da geração seguinte quase sempre consente.

Se quiserem um exemplo, deem uma olhada no seu país.

Minha unidade de Forças Especiais demoníacas fez tudo que pôde para descarrilar esse trem, mas nada funcionou. Por exemplo, pensávamos haver atolado em egos e burocracia a sua Convenção Constitucional, até que um dos menos religiosos de seus pais fundadores se levantou do nada pedindo que orassem ao “pai das luzes”. Daquele ponto em diante, estávamos condenados. Há dias em que realmente odeio “você sabe quem”.

Quando voltei e relatei o que havia testemunhado ao meu Mestre, ele imediatamente convocou uma sessão do conselho executivo. Algo que só havia acontecido algumas vezes na gloriosa história do Inferno. De fato, não houvera nenhuma sessão do conselho executivo desde os primeiros relatos da (suposta) ressurreição do carpinteiro. (Aqui no Inferno nossa política oficial é não confirmar nem negar a veracidade de tal evento).

As sessões do conselho executivo só são necessárias para avaliar ameaças tão potencialmente perigosas que possam exigir que todo o Inferno seja convocado ou, pelo menos, informado e preparado. Não fiquem se achando grande coisa: mesmo nos melhores dias, seu país não seria digno de lavar as cuecas do carpinteiro. Mas vocês representavam um tipo de ameaça semelhante à dele, porque talvez inspirassem um movimento mundial capaz de romper os laços que havíamos atado.

Portanto, teríamos de lidar com vocês. Depois de mais de uma década de análise e elaboração de estratégias, meu Mestre colocou em marcha a Operação Fim da América. Basicamente, desistimos das gerações que fundaram o país, porque víamos que já estavam demasiado devotadas à causa da liberdade. Então começamos a trabalhar nas gerações emergentes, mas seus pais tinham feito um trabalho fantástico na transmissão de ideais e essas também eram osso duro de roer. Teríamos de pensar grande e mais a longo prazo.

Nesse ínterim, ficamos enojados com toda a liberdade e moralidade que vocês exportavam para o mundo. Mesmo quando corrompemos com sucesso figuras e/ou movimentos centrais, os ideais incorporados na sua cultura eram fortes o suficiente para resistir à queda deles. E vocês só ficavam mais fortes.

Isso significava que teríamos de realizar algo que nunca havíamos feito.

Roma caiu devido ao peso da corrupção de seu povo e de seus líderes, como todos os grandes impérios. Mas nenhum desses impérios tivera fundação e favor providenciais como o seu. Portanto, não bastaria simplesmente investir, em primeiro lugar, na decadência do povo. No caso de vocês, teríamos que passar década após década degradando e corrompendo suas instituições fundamentais — Igreja e Estado.

E funcionou! Nossa, e como! Funcionou tão bem que tomamos as mesmas instituições que resistiam aos nossos ataques e os protegiam de nós e as voltamos contra vocês. Então, e só então, a corrupção e a decadência da sua cultura verdadeiramente criaram raízes, pois agora não havia nada entre nós e vocês.

Tudo se encaixou como uma luva.

Então, podem continuar hasteando suas bandeiras e, cheios de orgulho, aplicando seus adesivos “Deus abençoe a América” na traseira de seus automóveis. Podem continuar sua conversa sobre “despertares” e “reavivamentos” como se essas coisas fossem teoricamente acontecer depois de um número suficiente de pessoas gritar “abracadabra”. Podem continuar falando sobre o “excepcionalismo americano”.

Enquanto vocês estão blogando, desabafando no Facebook e buscando seriamente “sua melhor vida agora”, saibam disso: nós já vencemos. Estamos só esperando a hora da morte.

Estou tão confiante nessa afirmação que vou até deixar que virem a página para descobrir como conseguimos isso. É assim que a América termina, não com uma explosão nem sequer com um suspiro,<sup>9</sup> mas com os aplausos estrondosos dos melhores e mais brilhantes do seu país.

É justo que um de seus programas de televisão mais populares se chame *The Walking Dead*,<sup>10</sup> pois é exatamente o que vocês são.

## CAPÍTULO II: O PLANO

**E**m bora sejamos agentes do caos, tudo que fazemos em seu mundo é meticulosamente planejado e traçado por nossos demônios mais astutos. Depois, tem de passar pelo teste mais difícil de todos — o escrutínio de nosso Mestre.

Nosso Mestre odeia muitas coisas, mas acima de tudo o fracasso. O fracasso não é tolerado por nosso Mestre, mas como ele se importa conosco, põe-nos à prova antes de endossar qualquer um de nossos esquemas. Dessa forma, se o plano falhar, não teremos desculpa para nossa execução, e a execução é a penalidade para o fracasso. Alguns de nós se queixam de que nosso Mestre faz isso para “passar a bola”, como vocês diriam, mas sei que não é assim. Sei que ninguém é mais sábio que meu Mestre.

Quando apresentei ao meu Mestre o plano de seis etapas para derrubar vocês, ele o achou tão grandioso que exigiu que eu o repassasse repetidas vezes só para ter certeza de que não deixara nada ao acaso. Então, só para roubar um pouco da justiça poética de “você sabe quem”, teve ele a brilhante ideia de fazer um plano de sete pontos, já que esse é o número favorito do inimigo.

Para que a Operação Fim da América fosse bem-sucedida, muitas coisas eram necessárias.

*Ela precisava ser prática.* Eu precisava bolar um plano que fizesse sentido para vocês, sacos de carne, independente do seu sistema de crenças. Precisava que tanto o crente quanto o incrédulo fossem receptivos a ele. Não podia ser tão mundano que os crentes o rejeitassem, mas também não podia ser tão espiritual que os incrédulos o considerassem inatingível.

Atingir esse equilíbrio necessário exigiu décadas de estudo da minha parte. À medida que as condições de sua cultura mudavam, tinha de observar como cada grupo tendia a responder a essas mudanças.

O que aprendi foi que em sua cultura a maior força e fraqueza tanto do crente quanto do incrédulo eram as mesmas: a família.

Se a unidade familiar fosse forte, mesmo os incrédulos tentavam, da melhor maneira possível, conformar-se à moral da sociedade, por um senso de decência e honra. É claro que a conformidade cultural por si só não cura aquilo que os corrompe profundamente, mas visto que a chuva cai tanto sobre os justos como sobre os injustos, vocês são capazes de produzir culturas relativamente saudáveis — desde que a moralidade à qual sua cultura se conforma seja realmente moral.

Contudo, se a unidade familiar fosse enfraquecida, até mesmo os crentes acabariam por desmoronar. Os pais não conseguiriam transmitir virtudes e valores aos seus filhos, ou os seus filhos rebelar-se-iam completamente contra a hipocrisia e/ou legalismo que testemunharam no lar. Assim, o chão se racharia sob seus pés a cada geração que viesse. Se os crentes, que possuem o fundamento espiritual necessário, não conseguissem manter a linha, não haveria como os incrédulos conseguirem.

Então teríamos vocês exatamente onde queríamos.

*Precisava ser alcançável.* Devia ser um plano que não apenas nós pudéssemos realizar, mas vocês também. Criminosos muitas vezes precisam de cúmplices e, felizmente, vocês quase sempre se dispõem a ser os nossos. Se nossa intenção era voltar contra vocês suas mais caras instituições, tinham que estar dispostos a concordar com isso, ou tão confortavelmente entorpecidos que não soubessem ou não se importassem com o que estava acontecendo. Nesse caso, cabia-nos fornecer os agentes anestésicos.

Assumir essa tarefa foi, a princípio, arriscado. Como G. K. Chesterton disse certa vez, seu país é “a única nação jamais fundada sobre um credo”. Quando nos infiltramos nas suas instituições para voltá-las contra vocês, corremos o risco de despertar uma reverência renovada por essas instituições, trazendo-as de volta à sua atenção. Uma espécie de efeito bumerangue, por assim dizer.

Isso de fato aconteceu.

Houve, alguns anos atrás, um período em que um segmento da sua sociedade voltou a estudar intensamente seus documentos fundadores e tradições diletas. Alguns até adotaram o nome “Tea Party” para resgatar o legado daqueles primeiros dias da sua resistência à nossa tirania. Felizmente, eram leões liderados por cordeiros. Quando esse mini-despertar eclodiu, já tínhamos poluído o Potomac com o fedor da corrupção e da concessão a tal ponto que a sua insurgência foi reprimida pelos seus próprios “líderes”, dentro do núcleo do poder.

Poucas coisas no Inferno são mais satisfatórias do que ver vocês reprimirem seus próprios movimentos de reforma sem qualquer ajuda nossa. A única coisa mais satisfatória do que destruí-los é ver vocês se destruírem.

Não tivemos que levantar um dedo. Mas frequentemente ríamos tanto que teríamos molhado as calças se fôssemos capazes disso. Testemunhar a mídia da sua classe dominante em todas as redes

chamando vocês de “puristas” e “obstrucionistas” por desejarem voltar às raízes foi especialmente delicioso.

Ficamos encantados com os escárnios condescendentes que receberam de alguns dos próprios “combatentes culturais” que deviam estar do seu lado. Foi o mais próximo que um demônio pôde chegar do orgasmo ver esses trapaceiros oportunistas que vocês transformaram em multimilionários pegarem, de repente, a riqueza que lhes deram e usá-la em nosso favor e contra vocês. Mal podemos esperar até que eles cheguem aqui e descubram para quem, de fato, trabalharam o tempo todo.

Falando em orgasmo, devo dizer-lhes, num aparte, que não há nada mais satisfatório para nós do que a expressão no rosto de sua elite “iluminada” quando chega aqui e percebe que somos reais, afinal de contas. Muitas vezes testemunhei as caretas de outro mundo que vocês fazem quando atingem o orgasmo pela primeira vez, como se dissessem, “isto é tão bom quanto pensei que seria”.

Essa é mais ou menos a cara que fazemos quando essa pretensa elite desperta da morte e, pela primeira vez, seus olhos se enchem do aterrorizante espetáculo de sua eternidade.

A combinação de choque, arrepio e temor que têm quando contemplam a horrível realidade daquilo que em vida presunçosamente alegaram que não existia é o prazer mais intenso de um demônio. Nossa ideia de orgia é atormentar, ao mesmo tempo, várias levadas de suas elites condescendentes, enquanto lhes agradecemos a ajuda em nosso trabalho sujo. Seus continuados gritos e súplicas por uma pausa no tormento são positivamente rapsódicos. Até meu Mestre já o flagrei se deleitando, de vez em quando, com a alma desses esnobes.

Como na eternidade não temos o mesmo conceito de tempo que vocês, alguns de nós são conhecidos por passar décadas inteiras atormentando e torturando essas almas miseráveis. O prazer perverso

que temos nessa atividade é tão intenso que chega a ser um vício. Pense nisto: se você que está me lendo é religioso e, em vez de orar por essas elites ou tentar convertê-las, descartou-as e as deixou para nós, também temos uma dívida com você. Obrigado por excluir os vis do seu “apostolado”.

Pois bem, só de escrever isso já me vieram à mente algumas de minhas memórias favoritas; para demônios, é como pornografia. Então, antes que eu comece a fantasiar com isso a ponto de não conseguir terminar este livro, voltemos a falar do plano.

*Precisava ser irreversível.* Qual é o sentido de fazer algo que pode ser desfeito? O pior que podíamos fazer era levá-los à beira da aniquilação apenas para ver “você sabe quem” intervir misericordiosamente em seu favor com algo que reavivasse suas inclinações para ele. Essa prova de amor nos faria retroceder pelo menos um século, como seus *grandes despertares* anteriores. Com a tecnologia atual que permite comunicar uma mensagem globalmente com um clique, um despertar no século XXI poderia nos causar muito mais danos do que os do século XIX jamais causaram.

Não, precisávamos que o fedor da sua disfunção enojasse os picos do Céu. Dessa forma, mesmo que ele decidisse lhes dar mais uma de suas aparentemente infinitas oportunidades, vocês não a reconheceriam nem se lhes batesse na sua cara. Estariam tão envolvidos em seu mundinho que tomariam suas tentativas de cutucá-los ou inspirá-los por um refluxo gástrico ou superstição antiga.

A questão é a seguinte: “você sabe quem” nunca desiste de vocês até que desistam dele. Persegue-os até a morte — a sua ou, no caso do carpinteiro, a dele.

Isso mostra como vocês, primatas, são tão estúpidos que, ao invés de receber a graça, preferem inventar sua maneira teimosa e destinada ao fracasso de superar suas fraquezas. Inacreditável! Que tipo de idiota diz: “Não, não faça por mim todas as coisas difíceis que eu não

conseguiria fazer. Em vez disso, deixe-me tentar e falhar epicamente sozinho. Porque, sabe, não há prova maior de ‘livre-arbítrio’ que bater várias vezes minha cara num muro de concreto esperando que na próxima ele finalmente se mova”?

O tipo de idiota que vocês são.

Mas, embora não desista de vocês, vocês frequentemente desistem dele. Se conseguimos fazer com que desistam dele, desse ponto em diante ele tende a deixar pra lá. E se deixa pra lá, vocês ficam por sua conta. E se ficam por sua conta, são nossos.

Eu sei que alguns de vocês afirmam que ele é “soberano” e tudo mais e, portanto, capaz de intervir em seu favor sempre que lhe apetece. Mas vamos lá, vocês não acreditam nisso de verdade, não é? Claro que não — seus egoístas, teimosos e tolos bonecos de carne.

Enquanto estamos neste assunto, deixem-me contar um pequeno segredo. Se está lendo isto, então, surpreendentemente, meu Mestre permitiu que esta parte do livro passasse pelo processo de edição. Digo surpreendentemente porque estou prestes a lhes revelar um dos mais profundos e sombrios segredos do Inferno.

Mesmo alguns de nossos demônios juniores não sabem o que agora vou partilhar com vocês. Achamos que é melhor não revelar isso a eles até que estejam totalmente treinados nas artes sombrias do engano, para que sua confiança não seja abalada antes mesmo de começarem. No Inferno chamamos isso de “a conversa”. Vocês serão os primeiros sacos de carne a ouvir “a conversa”.

Assim como vocês ficaram chocados quando mamãe e papai lhes contaram de onde vêm os bebês, os demônios juniores ficam chocados quando descobrem que não podemos controlar o resultado de eventos futuros, não importa o que façamos. Nós não somos “você sabe quem”. Só ele é.

É por isso que o odiamos. Ele os fez mais parecidos consigo do que nós. A verdade é que não há nada nem ninguém como ele. Eu tentaria explicar-lhes como é estar verdadeiramente na presença física dele, ou pelo menos o equivalente de presença física na eternidade, mas suas mentes insignificantes não poderiam compreender. Pois, se pudessem, vocês nunca pensariam em comprar o que estamos vendendo.

É por isso que o odiamos tanto e odiamos vocês ainda mais.

Sabemos o que ele verdadeiramente é de uma forma que a maioria de vocês nunca saberá, porque provavelmente passarão a eternidade conosco, não com ele. Para nós, é insólito vê-lo prodigalizar-se em vocês, tonéis ambulantes de carne podre. Vocês fariam isso por ele? Dariam sua vida pelo seu vizinho mais chato ou pelo seu pior inimigo? Claro que não.

Vocês chacinam seus próprios filhos e chamam isso de “liberdade reprodutiva”. E os filhos que deixam nascer? Nem sequer leem para eles uma história antes de dormir, porque na televisão está passando futebol ou a zona da luz vermelha está chamando seu nome na Internet.

Raramente temos de empurrá-los para os portões do Inferno. Na maioria das vezes, só temos de manter a porta aberta para que entrem.

Ainda assim, ele oferece o perdão a vocês mas não a nós. É verdade que nunca pedimos, mas não deveríamos ser obrigados a pedir. Não tínhamos direito a uma segunda chance? Imediatamente após nossa rebelião fracassada, alguns dos nossos irmãos mais fracos puseram-se à mercê do tribunal, como diriam vocês, e imploraram o perdão dele.

Foram rapidamente levados embora, e nunca mais se ouviu falar deles. Houve rumores de que ele os teria perdoado e agora, enquanto conversamos, estarão a servi-lo fielmente no Céu; mas meu Mestre diz que não foi assim.

Meu Mestre diz que “você sabe quem” sentiu-se insultado pela fraqueza passivo-agressiva deles, e por isso os destruiu. Só fomos poupados e expulsos porque, embora o tivéssemos desobedecido, ele respeitava nossa coragem de convicção e por isso nos deixaria viver. Tenho certeza de que isso é verdade, porque sei que meu Mestre, conquanto certamente vá enganar vocês, nunca me enganaria.

Vocês na verdade não sabem o que os aguarda, nem aqui embaixo nem lá em cima. Para que continue assim, mantemos fora de suas mãos aquele livro horroroso.

Porque se vocês realmente estudassem aquele livro horroroso, saberiam que só aparentamos ter poder, e que toda a criação na realidade se curva aos caprichos dele. Sempre foi e sempre será assim. Nós também sabemos disso.

Alguns de seus televangelistas extravagantes pregam a respeito das profecias do fim dos tempos como se desconhecêssemos totalmente o que dizem sobre nós. A realidade é que sabemos exatamente o que dizem, o que explica por que odiamos tanto aquele livro horroroso. Para que nosso plano faça que ele reconsidere seu plano de redenção para vocês, precisamos manter aquele livro horroroso fora de suas mãos, liberando assim todo o poder destrutivo de sua natureza até que toda a criação gema por sua má conduta coletiva.

Mas alto lá, miseráveis sacos de carne. Sei no que estão pensando, porque a vitimologia é um de nossos enganos mais bem-sucedidos. Já que agora vocês estão presos ao *status* de vítima, depois de ler o que escrevi, sua mente imediatamente começou a pensar: “Mesmo que o que estou lendo seja verdade, a culpa não é minha. Ele podia intervir e me impedir de fazer e pensar as coisas ruins de que sou culpado. Como ele nem sempre faz isso, é ele o responsável pelo sofrimento que causo, não eu”.

O fato de ele estar no comando não significa que seja responsável pelo mal. Oh, não, vocês, primatas, não se safam tão facilmente. A

soberania do malandro do nosso pai permite que vocês façam escolhas e, tendo feito escolhas erradas, peçam a ele perdão e ajuda para consertar as coisas. É principalmente porque relutam em reconhecer essa verdade última da existência que o mal existe. Porque escolheram sua própria vontade, em vez da dele, agora têm exatamente o que sempre quiseram.

Cuidado com o que desejam.

A única maneira de nosso plano permanecer irreversível é que vocês fiquem tão perdidos que já não consigam pedir humilde e sinceramente a ele que reverta a situação. Se eu não estivesse metafisicamente certo de que estão demasiado longe da toca do coelho, não estaria escrevendo este livro, tampouco lhes revelando nossa criptonita.

Mas desafio vocês a tentar nos impedir agora. Não, é sério, vamos lá. Parem de ler agora mesmo, ajoelhem-se e peçam a “você sabe quem” que salve vocês e seu povo. Melhor ainda, reúnam-se para implorar-lhe em conjunto que aja antes que os bárbaros cruzem o portão ou caiam as bombas.

Vão dizer que estou blefando? Alguns de vocês, idiotas, se dispuseram a evocar a “loira do banheiro” ou outras assombrações diante do espelho (aliás, ríamos muito toda vez que faziam isso), mas não estão dispostos a mostrar um pingo de remorso, mesmo agora, que acabo de pôr sua eternidade bem diante dos seus olhos. Afinal, estão se divertindo muito lendo o que, na sua opinião, é apenas um artifício inteligente para contar uma antiquada fábula religiosa. Nosso plano é irreversível porque vocês são irreversíveis. Se o próprio carpinteiro aparecesse na sua sala e lhes mostrasse as mãos furadas de pregos, pediriam-lhe que saísse da frente da TV.

Enquanto vocês se recusarem a reconhecer que ele tem o poder supremo, o poder supremo será nosso.

No entanto, há sempre aqueles que “sacaram tudo”, e que sem dúvida perceberam que isto não é um jogo. Vocês estão pensando em levar este livro ao seu pastor ou postar um aviso sobre ele no seu mural do Facebook para que todos os seus amigos vejam. Mas hesitam porque têm medo de que os rotulem de “malucos”. Entendem o que queremos dizer, mas uma pequena parte sua ainda não tem certeza se somos realmente nós que estamos falando.

Talvez isto seja uma autoparódia?

Talvez algum escritor brilhante tenha inventado este meio engenhoso de escrever ficção para divulgar amplamente suas ideias e o livro não deva ser interpretado literalmente?

Talvez deversem deixá-lo de lado e pensar um pouco no que têm de fazer? Isto é, vocês são tão ocupados. Têm de pegar as crianças na escola, fazer o jantar, cortar a grama, retornar a ligação da mãe que vêm adiando há dias etc. Por que não vão cuidar das suas obrigações e deixam que assumamos daqui?

Pronto... isso sim é um bom saquinho de carne.

Agora que estamos novamente a sós, voltemos à diversão. Do mesmo modo que vocês acabam torcendo para que o *serial killer* daqueles filmes de terror crie novas e emocionantes maneiras de assassinar e mutilar, não querem saber qual era o plano? Não o que o plano fez — já discutimos isso — mas o que, de fato, ele era?

Posso vê-los sorrindo agora e olhando por cima dos ombros para ver se alguém sabe que estão lendo isto. Finjam que estão lendo *Cinquenta tons de cinza* mais uma vez e lembrem-se de que tudo é só diversão, até que alguém perca um olho.

Ou sua alma imortal.

## CAPÍTULO III: DECADÊNCIA

A primeira fase do nosso plano consistia em dar a vocês exatamente o que desejam, até que se engasgassem.

Vocês, sacos de carne, creem que seu verdadeiro caráter se revela no sofrimento. Mas, como a maioria das ideias que fazem de si, essa é o exato oposto da verdade. Há uma razão por que suas igrejas ficam lotadas pouco depois de um 11 de setembro. Vocês fazem vigílias de oração após terríveis desastres naturais. E os membros da família deixada até pelo mais perverso dos homens querem que um ministro, que ignoram em todas as demais ocasiões, fale no funeral do seu ente querido e lhes dê a esperança de que não esteja aqui embaixo conosco. (A propósito, geralmente está).

Acontece que o sofrimento lembra vocês de que não são o poder supremo do universo e de que existem forças além do seu controle e compreensão. Esse reconhecimento os torna humildes, o que infelizmente faz com que procurem “você sabe quem”.

É por isso que ele usa do sofrimento em seu benefício, mas vocês são tão estúpidos e obtusos que escolheriam basear toda sua vida na evasão de conflitos, se pudessem. Ora, vamos encarar: se fosse criado um sistema que os incentivasse a não correr riscos, mas apenas a existir como retardados em um nível de mera subsistência, vocês o aceitariam. Eu criei um tal sistema e logo direi mais a respeito.

Aquela gente estúpida do livro não para de falar da suposta ressurreição (novamente, nossa posição oficial é que não a confirmamos nem negamos), mas não quer absolutamente nenhum contato com a brutalidade que a precedeu. Essa brutalidade ofende muitos dos seus sentidos moralistas. Age como se o carpinteiro estivesse naquele sepulcro úmido porque precisava de uma soneca após um longo dia contando histórias sobre gente do bem e distribuindo bonequinhos da Hallmark Cards ao populacho.

Mas eu estava lá. E sei por que ele estava naquele sepulcro. Nós ajudamos a colocá-lo lá dentro.

Nós o surramos até que virasse uma polpa ensanguentada, e depois a esprememos. Quando já não aguentava mais, ainda lhe demos mais algumas lições — só porque podíamos.

Teríamos continuado a espancá-lo, mas se tivéssemos feito isso ele nunca teria chegado àquela cruz. Não perderíamos a oportunidade de vê-lo morrer assim, em plena luz do dia. Ridicularizado, desprezado e cuspidos pelos próprios sacos de carne que viera salvar. Mesmo agora, milhares de anos depois, ainda consigo recitar as zombarias mais arrogantes da turba furiosa, palavra por palavra. Recordando-as hoje, sinto quase a mesma lascívia que ao testemunhá-las ao vivo, há tanto tempo.

Quando nossos rapazes o ergueram nas vigas de madeira, a morte era um alívio bem-vindo. Nunca, em toda a minha existência, vi um corpo humano tão quebrado e ainda respirando. Considerando que sou do Inferno, isso quer dizer alguma coisa.

No entanto, daquela brutalidade magnífica, o malandro do nosso pai tentou fazer salada de frango com titica de galinha. A única esperança que vocês têm enquanto espécie, a fábula que cerca a suposta ressurreição do carpinteiro, não seria possível sem que antes houvesse o sofrimento excruciante que o fizemos suportar. Portanto, mesmo que a ressurreição seja verdadeira, e não estou dizendo que seja, também merecemos parte do crédito por ela.

Sem esse sofrimento, seu suposto salvador não é diferente de qualquer outro xamã ou guru que evocamos nas mentes dos crédulos e propensos ao longo da história. Somos virtuosos na criação de potenciais novos líderes espirituais para vocês, e fazemos isso o tempo todo. Basta perguntar a uma de suas personalidades mais famosas da televisão. Ela foi pescada por um dos nossos; mordeu a isca, o anzol, a linha e a chumbada. Ainda estamos colhendo as muitas almas que ela

enganou. Posso até ouvir alguns de seus gritos de tormento enquanto escrevo isto agora.

Pelo contrário, o verdadeiro caráter da sua espécie transparece quando as coisas vão bem. Quando vocês “estão de boa”, como dizem seus filhos. Quando pensam que o mundo é sua ostra. Quando estão confortáveis.

Ah, sim, “conforto” tornou-se uma das nossas palavras favoritas e uma das ferramentas mais eficazes. Porque quando estão confortáveis, não sacodem o barco. Não desafiam a corrupção. Não há qualquer risco de que vocês se portem com grandeza. Não se examinam criticamente.

Essa tática também vai contra nosso instinto demoníaco, que é infligir dor, muita dor, quando e onde pudermos, porque sabemos o quanto o malandro do nosso pai sofre quando vocês sofrem. Ao atacá-los com força, também o atacamos com força.

Mas notamos uma tendência perturbadora.

Colocamos o carpinteiro naquela tumba e isso não deteve vocês. Crucificamos de cabeça para baixo aquele pescador plebeu e tagarela que herdara a missão dele, e isso não deteve vocês. Inferno! Naquela época derramamos tanto sangue de seus seguidores, em lugares como o Egito e a Ásia Menor (a atual Turquia, para aqueles que estudam na escola pública), que pintamos a areia de vermelho. Mas nem isso deteve vocês.

Parece que sua espécie se ajunta ao redor de seus mártires.

Assim, nossa política atual é só começar a matar seus heróis quando estiver patente que não podem ser dobrados, porque geralmente são mais perigosos para nós mortos do que vivos. Por isso, heróis são negócio complicado. Um de seus recentes filmes de sucesso de super-heróis, feito por um saco de carne bastante perspicaz, expressou isso bem (e aqui estou parafraseando um pouco): “Se você se tornar mais

do que apenas um homem, um símbolo, se tornará algo completamente diferente. Algo incorruptível — uma lenda”<sup>11</sup>.

Lendas são um pé no nosso saco.

Pensem, por exemplo, naquela vez que um pastor catarrento deu sorte numa estilingada. Qual era o nome dele? Sim, eu sei que era Davi, seus idiotas. Eu apenas escolhi esquecer. Nunca ouviram falar em sarcasmo?

Dias a fio nosso homem ficara ali, um gigante em meio ao resto de trogloditas, provocando aqueles judeus covardes até levá-los ao medo e à submissão. Eu nunca tinha visto nada parecido. Quero dizer, já tinha visto sua espécie com medo. O dia nunca está completo até que testemunhe pelo menos um de vocês com medo de algo que inventamos. O medo é nosso oxigênio. Não podemos ficar muito tempo sem ele. Mas um exército inteiro de homens supostamente adultos com medo de um só? Isso era novidade até para mim, e minhas expectativas quanto à sua espécie são extremamente baixas.

No entanto, eis que chegam esse garoto tagarela e suas cinco pedras polidas. Ele acerta o golpe mais sortudo do mundo no nosso cara, derruba-o e, de repente, seus compatriotas descobrem que afinal tinham algo entre as pernas. Assim nasceu uma lenda à qual a sua espécie ainda hoje se apega.

Patético.

Não suportamos nem sequer suas lendas seculares, quanto mais as de inspiração divina. Vejam seu “Superman”, por exemplo. Ele é supostamente um messias secular, vagamente inspirado por uma combinação do “gago” (vocês o conhecem como Moisés) e do carpinteiro. Esse alienígena imaginário tem inspirado até mesmo crianças pagãs a ser heroicas há mais de setenta anos. Por mais que tentemos, não conseguimos corrompê-lo.

Pensamos que iríamos acabar com ele quando aquele maluco do Tim Burton decidiu mudar toda sua história e escalou o matador de franquias Nicolas Cage, entre todas as pessoas, como uma espécie de garoto-propaganda da pós-modernidade, na década de 1990. Mas, desgraçadamente, o estúdio interrompeu a produção logo antes de arruinarmos o personagem para sempre.

Agora ele está de volta, e em seu último filme vai à igreja pedir orientação a um padre, e é a covarde vilã que se diz do lado da evolução. O general demoníaco que supervisiona Hollywood foi severamente punido pelo meu Mestre por ter permitido que isso acontecesse. Mas não vou lhes dar o nome dele; já foi humilhado o suficiente.

Sério, que tipo de ser todo-poderoso visita um padre idiota do Kansas (ou de qualquer outro lugar) em busca de orientação? Ah, e o Superman ainda ama sua mamãe, também. Que completo idiota.

Falando em idiotas, quantos homens adultos lendo isto agora ficaram com os olhos marejados no final daquele filme *O homem de aço*, quando o pirralho que se tornaria o Superman coloca a capa e faz de conta que é um futuro herói? Quantos de vocês, perdedores, fizeram exatamente a mesma coisa quando eram comedores de miojo?

Foi o que eu pensei.

Mesmo as piores culturas produzem lendas que obrigam vocês a aspirar a algo maior do que a sua verdadeira essência de sacos de carne. É inevitável, realmente. Já que foram criados à imagem dele, vocês são amaldiçoados com o mesmo complexo de herói que ele tem. Adoram ver alguém (especialmente a si mesmos) chegando no último minuto e salvando o dia, bem quando tudo parecia estar perdido.

“Você sabe quem” é igualzinho.

É por isso que muitas vezes ele aguarda até o último minuto possível para responder às suas orações. Ele espera que, agindo assim, vocês

percebam nesse momento que é mesmo ele quem está fazendo as coisas acontecerem, porque só ele é capaz. Na nossa opinião, ele adora uma entrada dramática.

Também não podemos impedir essas lendas, não importa o quanto tentemos. Na verdade, parece que quanto mais tentamos, mais vocês insistem em produzir e aderir às suas lendas. E não consigo pensar em uma cultura que tenha produzido e aderido a mais lendas do que vocês, malditos americanos.

*Redneck*, gângster, motorista de ônibus ou homem de negócios — vocês, americanos, amam suas lendas. Como uma mosca no lixo, vocês não se fartam. Para piorar, começaram a exportar suas lendas. Agora, crianças em lugares onde havíamos desmantelado completa e totalmente qualquer senso de normalidade sabem quem são seus heróis e inspiram-se neles.

Obviamente, não podemos tolerar isso. Mas como corromper o incorruptível?

Toda vez que tentamos, não funciona. Quase ninguém foi ver *A última tentação de Cristo* quando saiu. Lembra-se desse? Pois bem, aquilo foi meio, como posso dizer, doido. Alguns demônios ficaram chapados com sua heroína e tiveram essa ideia de bastardizar completamente a vida do carpinteiro. Começaram a inventar umas coisas tão malucas que achamos que nem vocês seriam estúpidos de comprar.

Mas quem diria, encontramos dois simplórios para ser o autor e o editor daquela merda. Pois sempre encontramos alguém disposto a escrever uma “nova interpretação” da velha história que vocês preferem fingir que é na verdade um mito. Mais tarde veio o filme, feito por nada menos que um de seus principais cineastas. Infelizmente, acho que houve mais pessoas protestando contra o filme do que realmente assistindo a ele.

Esperamos um pouco antes de tentar de novo. Recentemente, lançamos um filme transformando Noé no pai louco de *O iluminado*, seguido pela “reimaginação” (um dos meus termos absurdos favoritos) do gago como um esquizofrênico truculento. E, de quebra, com o malandro do nosso pai retratado como criança petulante. Só que desta vez fizemos tudo certo, com efeitos especiais deslumbrantes, e até conseguimos que sua mídia irresponsável o promovesse. Mas, diabos, esses filmes também fracassaram. Acontece que não importa quão perdida esteja sua cultura, vocês ainda querem que seus heróis sejam realmente admiráveis.

Então, se não era possível corromper seus heróis, teríamos de corromper vocês.

Teríamos de corrompê-los a tal ponto que não pudessem mais pensar em ser como seus heróis. Tão altruístas. Tão puros. Tão corajosos. Teríamos de corrompê-los a ponto de começarem a enxergar seus heróis em nós, a fim de torná-los mais “relacionáveis” e “contemporâneos”.

Teríamos de convencê-los de que, por um lado, vocês são ótimos do jeito que são e que a natureza humana é essencialmente boa, e, por outro, de que tentar se elevar acima de sua natureza seria arrogante e prepotente.

À primeira vista, estas pareceriam noções contraditórias e, portanto, uma tarefa impossível. Mas é por isso que me pagam bem.

Encontrei a resposta dando uma nova reviravolta em uma velha tática — a decadência.

Quando pensam em decadência, as pessoas costumam pensar em alguém como nosso querido Nero (que é um dos trogloditas mais bem tratados daqui) “casando-se” com seu escravo dentro do senado romano. Ou em copiosas orgias pagãs em honra aos “deuses” da colheita (isto é, nós disfarçados). É duvidoso que sua cultura jamais chegue a uma decadência pública tão evidente, porque mesmo agora,

infelizmente, ainda há dentro de suas fronteiras um forte contingente dos que desejam seguir “você sabe quem”.

Normalmente, consideraríamos tais remanescentes uma ameaça, pois sua história prova que não é necessário haver maioria para prevalecer. Sejam honestos aqui — os números, geralmente, nos favorecem. No entanto, uma minoria persistente, armada de uma coragem inabalável, ou mesmo uma só dessas pessoas, costuma ser nosso inimigo mais formidável. Mas, neste momento, não nos importamos com isso, porque vocês não dão ouvidos aos remanescentes que resistem em sua cultura. Estão mesmo fugindo deles, ficando a nosso lado e nos ajudando a silenciá-los permanentemente.

Por causa da “tolerância”. Tudo graças ao novo tipo de decadência que criei.

### **Uma decadência baseada na disfunção.**

E se pegássemos o legalismo, a hipocrisia e a tendência julgadora por que as culturas moralistas são, de modo estereotipado, conhecidas e tanto puxássemos o pêndulo para o outro lado que a anuência a qualquer padrão moral fizesse de alguém um “intolerante” ou um *hater*?

Só que precisaríamos de uma força suficientemente poderosa, capaz de desestabilizar a influência cultural das suas igrejas; de outra maneira, não poderíamos substituir a clareza moral pela confusão moral, por mais convincente que fosse nossa propaganda.

Mais problemático é o fato de “você sabe quem” ter feito da sua lei natural um mecanismo que muitas vezes é autoaplicável. O que significa que há recompensas óbvias por fazer o que ele diz ser certo e consequências óbvias por fazer o que ele diz ser errado. Mesmo em seu estado mais depravado, vocês tendem a reagir a esses estímulos, então também precisaríamos de uma força poderosa o suficiente para incentivá-los a ignorar a realidade escrita em seu DNA.

Quando apresentei essa hipótese aos meus colegas gerais demoníacos, a resposta sarcástica deles foi semelhante ao seu desdenhoso “boa sorte com isso”. Eles pensavam que tal força não existia na Terra e que seriam necessárias décadas de tentativa e erro para fabricá-la. Disseram que meu plano não era viável.

Mal sabiam eles que eu já havia identificado uma força capaz de causar tamanha destruição. Melhor ainda, era uma força ordenada por ninguém menos que ele mesmo, o malandro do nosso pai. Caiu na própria arapuca.

Essa força é o governo.

Lembro-me do dia em que expus pela primeira vez a meu Mestre, na frente de meus colegas, o que vou compartilhar com vocês. Assumi um grande risco, e certamente teria sido punido (para o meu próprio bem, é claro) se o esquema tivesse se mostrado estúpido e levasse a uma perda do precioso tempo do meu Mestre.

Mas, pensando bem, meu plano não devia parecer tão absurdo a quem lhe prestasse atenção. Ao longo da sua existência miserável, a maioria dos governos afirmou ser a autoridade máxima neste planeta (mas lembrem-se sempre de que este é o mundo do meu Mestre). Os Césares afirmavam ser deuses. Os reis reivindicavam seu direito divino ao governo. E os governos marxistas afirmam que não existe nenhum deus e que portanto a autoridade máxima são eles mesmos. E assim por diante.

Portanto, seria realmente exagero empurrar o governo nessa direção, uma que vez, de qualquer maneira, ele quer ir para lá?

Ainda assim, a forma como seu governo fora construído não facilitava as coisas. Afinal, governos tendem a virar-se contra povos indefesos, não contra povos armados até os dentes, como vocês.

Confesso que isso me deixou um pouco frustrado. Sim, talvez por dez minutos ou algo assim, até que descobri que a maneira de contornar a

população armada não é fazer com que o governo se volte contra ela, e sim com que ela *precise* do governo, de modo que voluntariamente transforme suas espadas em relhas de arado para nós.

Infelizmente, isso levantava outra questão. Como conseguiríamos que as pessoas mais prósperas da história, que estabeleceram a primeira classe média viável da história, precisassem tanto do seu governo? O que poderia criar tal necessidade?

A desagregação da família o faria, mas como? Não podíamos começar com uma mensagem do tipo “sua família é uma droga”. Muito embora hoje em dia sejamos descarados a esse ponto, e vocês até deem prêmios aos filmes e programas de televisão que fazemos baseados nesse tema (*eca*).

No entanto, até mesmo vocês, sacos de carne, são espertos demais para cair a um primeiro ataque frontal, e é por isso que vocês nunca veem meu Mestre vestindo um *collant* vermelho e segurando um tridente (embora eu aposte que ele arrasaria se aparecesse assim). Portanto, dizer abertamente “fiquem viciados no governo para que possamos destruir sua instituição mais fundamental” provavelmente não daria resultado.

**Mas usar o governo para “salvar” a família certamente daria.**

Portanto, para “salvar” vocês, evoluímos sua rede de segurança social para um Estado de bem-estar social completo. Pois uma rede de segurança significa um resgate temporário quando se está atrapalhado, não uma situação permanente — que é exatamente o sentido de um Estado de bem-estar social.

Precisávamos que vocês sentissem ter direito à ajuda permanente do governo, o que na verdade significa ter direito a roubar do vizinho se ele tiver mais coisas do que vocês. Isso não é “justo”, sabia?

É isso mesmo, queridos trogloditas, nós (na verdade eu) pegamos o pecado da cobiça e fizemos dele nossa plataforma política, graças ao

Estado de bem-estar social. Vamos lá, podem dizer. Não, sério, vão em frente.

Vocês têm razão. Eu sou um gênio.

Alguns de vocês que se dizem seguidores daquele livro horroroso discordarão de mim, afirmando que o que estou descrevendo é “caridade”. Por favor, expliquem-me como a caridade pode ser compulsória, seus idiotas. Infernos, até teologia este demônio não tem que ensinar a vocês?

Aquele livro horroroso não diz que “você sabe quem” ama “quem dá com alegria”? Mesmo seus esquerdistas de coração mole acaso ficam alegres quando declaram seu imposto? Recentemente, um daqueles estatistas genuflexivos dos noticiários da TV a cabo não foi preso por sonegar em impostos mais do que 75% dos americanos ganham num ano? Conhecem alguém que, voluntariamente, pagaria impostos acima da alíquota exigida em nome da caridade?

Claro que não. Não sei o que é mais idiota: sua espécie ou os argumentos que elabora para depois morder a isca, o anzol, a linha e às vezes a chumbada.

Como é óbvio que, mais do que muitos de vocês, estou familiarizado com os ensinamentos daquele livro horroroso (e o porquê disso será explicado mais tarde), permitam-me contar-lhes um pequeno segredo. O objetivo da caridade é demonstrar o amor de “você sabe quem” àqueles que não o conhecem tão intimamente quanto os verdadeiros fiéis.

Ficar sentado assistindo ao Tio Sam confiscar boa parte dos seus rendimentos antes mesmo de chegarem ao seu bolso não é caridade. É apenas confisco — que é roubo, pura e simplesmente. Não há aí nenhuma conexão entre criador e criatura. Há apenas uma transação financeira da pessoa que trabalhou e foi paga para a pessoa que não trabalhou e, portanto, não tem direito legítimo a essa transação.

Isso também é conhecido como fraude. Acreditem em mim. Tudo isso foi ideia minha. Sou um empregadinho mentiroso que trabalha para o pai da mentira, lembrem-se?

Quando aquele cheque do governo chega pelo correio aos desfavorecidos, a quem se dão graças e glória? A “você sabe quem”? Não, ao governo. O mesmo governo, aliás, que atualmente o está erradicando da vida pública. Agora é pelo governo que vocês vivem e respiram. Uma vez tornado a fonte de sua provisão, o governo acabará por se tornar a fonte de tudo o mais (moralidade, educação, lei, etc.).

Mesmo aqui no Inferno, a verdade é que quem paga a conta escolhe o prato.

O Estado de bem-estar funciona sob a premissa de que as pessoas fazem escolhas ruins não porque sua espécie caiu em desgraça e precisa de redenção, mas porque lhes faltam recursos necessários para ser “iguais” às que fazem escolhas boas. Então tiramos de quem aproveitou a oportunidade de fazê-las, o que mina a meritocracia que tornou vocês a inveja do mundo, e damos a quem ainda não as fez.

Isso mata dois coelhos com uma cajadada só.

Primeiro, cria divisão de classes. A justiça não é mais cega e “eles” estimulam sua depressão, dando-lhes uma desculpa conveniente para todas as coisas estúpidas que fazem e os impedem de prosperar. Então vocês caem no modo tribal de sobrevivência do mais apto, com o governo (também composto de seres humanos imperfeitos, algo que vocês muitas vezes ignoram) atuando como árbitro entre as massas.

Isso também cria uma sociedade caprichosa, onde o Estado de direito já não se aplica, porque as regras podem sempre ser alteradas nas próximas eleições, em função das paixões mais inflamadas no momento. Essa dinâmica incerta alimenta continuamente as chamas do descontentamento. Agora vocês já não são mais caldeirão de povos díspares que se fundem num só, mas uma cultura imersa no caos.

E nunca se esqueçam, somos agentes do caos.

Em segundo lugar, isso convence as pessoas beneficiadas pelo Estado de bem-estar social de que estão bem do jeito que estão. Não há necessidade de que assumam a responsabilidade por suas vidas e tentem alcançar seu potencial divinamente concedido. Como resultado, ficam essencialmente presas numa terra de ninguém. Pobres demais para ser verdadeiramente livres e independentes, abastadas demais para querer tal coisa. Por exemplo, uma reportagem recente na Pensilvânia mostrou que uma mãe solteira poderia “ganhar” mais de 80 mil dólares por ano em benefícios do Estado de bem-estar social. Atualmente, em vez de legar seu “sonho americano”, vocês estão legando ciclos e gerações de dependência.

É claro que nem todo mundo que tropeça na vida o faz por autossabotagem. Às vezes, coisas ruins acontecem a pessoas boas; esse é o tipo de situação que mais me alegra. Às vezes, os ricos e poderosos exploram os pobres e desamparados. Às vezes, a corporação explora seus funcionários. Às vezes, raças e etnias exploram umas às outras. Mas, de novo, isso resulta do fato de vocês serem podres por dentro. São coisas do “pecado original”, que convencemos vocês a ver como um mito religioso, mas é a maior das verdades.

Ao fazermos isso, fomos capazes de convencê-los de que praticamente todo mundo em uma posição inferior na cultura é automaticamente uma — digam comigo — “vítima”!

A introdução da vitimologia na sua cultura foi a Pedra de Roseta que desencadeou o resto do que lerão neste livro, e é também a principal razão pela qual vocês estão con denados. Ninguém mais é responsável por suas ações. Todo mundo tem uma desculpa. E se você não aceita o vitimismo, então é culpado de um delito pior do que aquele que o ofendeu.

Você é um *hater*.

A princípio, apenas aqueles de crença mais esquerdista acreditavam nisso, sendo as mulheres e as minorias alvos perpétuos de um sinistro, conquanto invisível, “privilégio institucional do homem branco” que dava a todos uma carta “saia da cadeia de graça”, como no Monopoly, para sua sorte na vida.

Ouçam, eu sei como é o verdadeiro privilégio do homem branco. Eu e alguns de meus irmãos literalmente possuímos os corpos daqueles racistas que, antigamente, encharcavam os negros com mangueiras de água de alta pressão. Eu linchei alguns na minha época também. *Esse é um verdadeiro privilégio do homem branco, com certeza. Vocês, hoje em dia, não sabem do que realmente se trata. São tão burros que, mesmo depois de eleger presidente um homem negro que frequentava uma igreja racista, cujo discurso vinha diretamente do nosso roteiro, ainda sofrem de “remorso branco de esquerda”.*

Isso me leva a um rápido parêntese.

Querem partir o coração do seu criador? Então façam estas três coisas (não há ordem específica):

1. Tornem-se antissemitas.
2. Desvalorizem e oprimam um ser humano porque o consideram inferior, com base em raça, credo, cor, *status* econômico etc.
3. Massacrem seus próprios filhos.

Se fizerem essas coisas três coisas, ferirão o ser mais poderoso do universo, porque seus mandamentos mais importantes são amá-lo acima de tudo e amar o próximo como a si mesmo. É impossível obedecer a esses mandamentos quando se comete atos que vão tão ousadamente contra a natureza deles.

Mas estou divagando.

Já que eu e todo o Inferno não damos a mínima para obedecê-lo, fazemos essas coisas o tempo todo — em qualquer ocasião e lugar. “Se o faz sentir-se bem, então faça”, é o que sempre dizemos, e fazer essas coisas nunca é melhor do que quando vocês as fazem conosco (ou para nós).

É claro que vocês, sacos de carne, tentarão levar vantagem uns sobre os outros sempre que puderem. Essa é a condição humana. Mas isso está muito longe de qualquer racismo/xenofobia/sexismo institucional de que a vitimologia plantada por nós em seus enclaves culturais de elite os acusa. Era de esperar que essa coisa de vitimologia houvesse passado dos limites nos recentes distúrbios de Ferguson, quando se viram propriedades privadas, cujos donos eram negros, sendo saqueadas por desordeiros negros que protestavam contra o racismo — mas idiota é quem faz idiotice, eu suponho.

Acho que exagerei um pouco na qualidade do meu trabalho. Por exemplo: pergunte a um de seus perpetuamente ofendidos quando a América finalmente se libertará da desigualdade. Eles não saberão responder. Por quê? Porque não conseguem imaginar uma América onde tal coisa aconteça. Estão literalmente configurados no modo “vítima”, portanto, uma cultura que não adotasse como padrão a vitimologia seria para eles tão estranha quanto uma World Series para um torcedor do Chicago Cubs (essa deve ter sido minha piada mais infame até agora).<sup>12</sup>

Você não gosta do fato de que desde a década de 1970 nunca houve tão poucos americanos trabalhando? Então é apenas um racista que odeia o presidente negro. Não gosta do fato de estar pagando ensino superior para imigrantes ilegais? Então é apenas um *hater*. Acha que é melhor que as crianças sejam criadas por uma mãe e um pai casados? Então é um fanático.

Eu amo muito tudo isso!

Mas esperem, fica ainda melhor.

Há um velho ditado que diz o seguinte: “A traição nunca vence, mas por qual motivo? Porque sempre que a traição vence, ninguém ousa chamá-la de traição”.

Acontece que pau que dá em Chico, dá em Francisco. Então agora os caras da direita também estão acostumados a lançar a carta da vítima.

Se um deles toma decisões realmente estúpidas nos negócios, não pode mais ir à falência. Hoje em dia são “grandes demais para falir” e seus comparsas no Congresso os socorrem. E se seu filme religioso não consegue conquistar o público? Não é porque o filme é uma droga — principalmente a cena de conversão ultracafona que até outros fiéis consideram o equivalente cinematográfico à raspagem de unhas em um quadro-negro. Ah, não; é porque Hollywood odeia os cristãos conservadores, é por isso.

O que é verdade, a propósito, mas seu filme ainda é um lixo.

Melhor ainda, “o Diabo me obrigou a fazer isso” agora se tornou “o Diabo fez isso comigo”. Como se o Diabo me fizesse ser despedido do meu emprego. Não, idiota, você chegou atrasado três dias seguidos. É por isso que você foi demitido do seu emprego. Compre a porcaria de um despertador.

**Aparentemente meu Mestre é tão brilhante que hoje em dia recebe crédito pelo trabalho que nem fez!**

Tanta justificativa também tem um efeito bumerangue. Como todo mundo é vítima, isso também significa que ninguém é. As pessoas estão tão cansadas de ouvir desculpas que agora não têm paciência para injustiças reais. Quando alguém é legitimamente discriminado, dão um suspiro, porque o menino gritou “lobo”.

Caos! Caos! Caos!

Estamos agora na segunda geração desta disfunção do Estado de bem-estar social, e a decadência está crescendo. Atualmente, quase

todas as famílias, independentemente de classe social, estão contaminadas pela revolução sexual que se seguiu imediatamente à implementação do Estado de bem-estar.

A propósito, esse não é um argumento do tipo “o ovo ou a galinha”. Tínhamos de ter o Estado de bem-estar social em funcionamento antes de introduzirmos a nova ordem moral, porque se já não existisse um Estado de bem-estar social em vigor, as pessoas ainda teriam de sofrer as consequências das suas ações imorais por conta própria.

Então a decadência ficaria limitada às elites capazes de sustentá-la, como vimos em eras anteriores. Pessoas pobres e de classe média na casa dos trinta não têm como sustentar sexo recreativo com múltiplos parceiros, amantes e bebês por conta própria. Elas precisam do casamento não apenas por amor, mas porque esse compromisso é capaz de estabilizá-las financeiramente. Isso explica por que uma das maneiras mais prováveis de piorar a situação de vida de uma mãe e de seus filhos é através do divórcio.

O Estado de bem-estar tornou-se o preservativo da revolução sexual. Ele oferecia “proteção” contra as consequências da abertura da caixa de Pandora, desconsiderando as consequências indesejadas. Claro, preservativos são uma forma segura de evitar a gravidez não planejada, mas não protegem ninguém da bagagem de trazer as experiências sexuais com outros parceiros para dentro do casamento nem dos conflitos que isso cria. Também não evita a dor que se segue à entrega dos aspectos mais íntimos de si mesmo a outra pessoa, sem que haja compromisso real que a compense.

Da mesma forma, o Estado de bem-estar social significa nunca ter que se lamentar pela sua imoralidade. Mas não significa que vocês evitarão todas as DSTs<sup>13</sup> recentemente descobertas, a cultura do divórcio, a glutonaria pornográfica e a disfunção familiar que praticamente não existiam na sua cultura até cinquenta anos atrás.

E como lhes demos o que, no fundo no fundo, seus coraçõezinhos perversos sempre quiseram — prazer e irresponsabilidade — vocês nunca pararam para pensar nisso, né? Obrigado, mais uma vez, por serem o que são.

Eu quase sentiria pena de vocês se fosse capaz de empatia. Sim, isso é mentira, mas quase enganei vocês.

Infelizmente para todos vocês que estão lendo isto, a esta altura a disfunção está tão difundida em sua cultura que a decadência é abundante. Pelo horror de d\*\*s, tenho visto estudos que mostram que uma boa parcela de seus pastores está atualmente sofrendo de masturbação crônica. Há tantas ovelhas sem pastor. Escusado será dizer que aqui estamos completamente extasiados com isso.

Vejam, com cada família agora contaminada pela decadência, não existe mais um padrão a que se possa prestar contas. Quem quer que tente cobrar de alguém um padrão mais elevado do que seus desejos obscenos é automaticamente um hipócrita, porque também teria participado, em algum momento, da decadência. E o mais primitivo dos neandertais que se concebe hoje em dia é o hipócrita.

É claro, pode-se facilmente combater esse argumento com humildade, transparência e responsabilidade. Em outras palavras, admitindo que também pecou contra “você sabe quem”, pedindo perdão e força para superar sua fraqueza e abrindo-se à responsabilidade de, daí por diante, fazer o que é certo. Depois, no futuro, quando e se tropeçar, admitindo-o e voltando a ficar de pé.

Mas acho que ambos sabemos que você não fará isso. Orgulha-se de ser disfuncional, e com razão. Já é bom o suficiente. Esperto o suficiente. E, caramba, as pessoas gostam de você. Você controla sua própria decadência. Ninguém é seu chefe. Qualquer pessoa que não aceite o que você deseja é racista/*hater*/preconceituoso. Um julgador hipócrita que o está condenando por fazer o que provavelmente faz também. Eu digo que se danem, e você diz o mesmo.

A sociedade não deveria apenas aceitar seus desejos. Deveria também subsidiá-los! Você é a vítima aqui, lembra?

Pronto, é isso. Você está balançando a cabeça em concordância comigo. Pensando em parar de ler por enquanto, porque está sentindo aquele apetite familiar por conferir os recantos mais desnudos da Internet...

Vá em frente, sua esposa e filhos estão dormindo. Não está machucando ninguém. Somos todos adultos livres aqui, não somos? Bem, exceto as meninas sequestradas para o tráfico sexual que são forçadas à prostituição filmada, mas não é isso que importa agora. O que importa são você e seus desejos. É isso que importa aqui e sempre.

Além disso, ela não está sempre incomodando você com aquelas listas de “tarefas do papai”? E não vai para a cama sem você na maioria das noites, de calça de moletom, o equivalente a uma placa de “fechado”? Você merece isso.

Não tem nada a perder. Digo, não é como se sua filha adolescente pudesse surpreendê-lo nessa situação, deixando você envergonhado e cicatrizes na psique dela para o resto da vida. Nem como se seu filho pudesse descobrir o que o pai faz tarde da noite, adquirindo seu hábito imundo e levando-o consigo para sua própria família no futuro. Deixe esses pensamentos de lado e faça o que faz de melhor: colocar a si mesmo em primeiro lugar.

Caso precise se lembrar de algumas de suas fantasias favoritas, vou sugerir-las sutilmente agora. Eu sou a voz mansa e delicada em sua cabeça que soa como a sua, lembre-se, e lhe diz o que você quer ouvir em momentos como este. Nunca se esqueça de quem está do seu lado e nunca julga você.

Muito bem, vá em frente. O palco é seu. Ainda estarei aqui quando voltar. Diabos, podemos até curtir juntos.

# CAPÍTULO IV: DÍVIDA

Vocês têm verificado seu extrato bancário? Quem quer saber é um amigo meu.

Sério, os números são mesmo surpreendentes, se os relacionamos. Mas, resumindo, eles dizem o seguinte: vocês estão total e irrevogavelmente ferrados.

São oficialmente a pior nação de devedores na história indistinta deste mundo miserável. Parabéns pela escravidão que se impuseram a si mesmos! Curvem-se. Melhor ainda, ajoelhem-se. Seria bom que começassem a praticar agora.

Permitam-me compartilhar com vocês os números reais, se não por outra coisa, pelo menos porque isso servirá como mais um valioso lembrete de como sou mesmo incrível e de como vocês estão mesmo fritos.

No momento em que escrevo, sua dívida nacional é de dezoito trilhões de dólares. Para colocar em perspectiva esse número astronômico, se tivessem gastado apenas um milhão de dólares por dia, desde o nascimento do carpinteiro, há mais de dois mil anos, ainda não teriam gastado um trilhão de dólares — quanto mais dezoito. Na verdade, ainda faltariam trezentos bilhões para um trilhão.

Se sua dívida nacional fosse disposta numa única linha de notas de um dólar, ela se estenderia desde o seu planeta até Urano. Obviamente, há uma piada aí, e a piada são vocês. A propósito, o planeta Urano está a quase três bilhões de quilômetros de distância. Ainda bem que há bastante de seus ânus<sup>14</sup> administrando o governo aqui mesmo em casa.

Sua dívida é de 103% do seu produto interno bruto (não vou explicar o que significa PIB, porque tornamos vocês burros demais para entender isso) e 540% das suas receitas federais anuais. Isso significa

que o ativo mais valioso da sua economia — de longe, sem nenhum segundo lugar que se aproxime — é a sua dívida! Cada família americana, em média, está amarrada a US\$ 148 mil desse valor, e apenas cerca de 5% das famílias americanas ganham tanto dinheiro em um ano.

Isso nem sequer inclui os mais de 128 bilhões de dólares em obrigações e responsabilidades não orçamentadas de que seu governo necessitará para financiar totalmente o Estado de bem-estar social e seus chamados “direitos” (Segurança Social, *Medicare* e *Medicaid*).<sup>15</sup> Isso representa 34 bilhões de dólares a mais do que o patrimônio líquido total do seu país.

**Para colocar esse número em perspectiva, não existe outra nação no mundo cujo patrimônio líquido total seja tão grande quanto o atual déficit de fluxo de caixa do seu.**

Cada família na América teria de pagar um adicional de 580 mil dólares para cobrir esse déficit, e apenas 1% das famílias americanas está nesse patamar de renda.

Em 2025, só os juros sobre todas as suas dívidas chegarão a 785 bilhões de dólares. Este é aproximadamente o custo de todo o seu programa de Segurança Social neste momento.

**Se os juros que vocês devem sobre a sua dívida fossem uma economia independente, esta seria a vigésima oitava nação mais rica do mundo. Mais rica que as Filipinas, a África do Sul, o Iraque, a Bélgica, a Suíça e a Suécia — só para citar algumas.**

E nada indica que vocês vão pisar no freio. Nos últimos seis anos, acumularam em dívidas 7 trilhões e meio de dólares, número que representa a mesma dívida que acumularam em seus primeiros 228 anos de existência. Atualmente, a quantidade de americanos recebendo auxílio alimentício supera a população total da Espanha.

Como se todo esse horror não bastasse, ainda não compartilhei com vocês minha estatística favorita.

A China comunista, a única nação do mundo que está perto de ser capaz de desafiá-los econômica e militarmente, é dona de um trilhão e trezentos milhões de dólares da sua dívida externa. Não há maneira melhor de se mostrar idiota do que fazer do seu adversário seu senhorio.

Ei, já que está por aí, pare no posto de gasolina e abasteça novamente. Todos aqueles que desejam submetê-lo em nome de Allah agradecem! E eu também!

Acontece que a decadência que oferecemos a vocês e de que desfrutam agora tinha um preço. Papai Noel usou seu cartão de crédito para pagar pelos presentes. Deviam ter ouvido os mais velhos e aqueles conservadores rabugentos quando os avisaram de que “não existe almoço grátis”.

Mas uma vez que vocês abraçaram totalmente a decadência do seu novo normal, e muitas das suas decisões ruins foram incentivadas, libertando-os assim das suas consequências imediatas, alguém ainda teve que pagar pelos danos colaterais da violação das leis naturais de “você sabe quem”. Em sua ingenuidade, podem pensar que seus “direitos” são gratuitos, mas o taxímetro esteve rodando o tempo todo (com juros compostos).

Existem atualmente 148 milhões de americanos que recebem algum valor oriundo dos contribuintes dos EUA, mas apenas 86 milhões de contribuintes que trabalham no setor privado e realizam pagamentos para o sistema. Os funcionários públicos, na melhor das hipóteses, têm custo zero em termos de receitas — eles pagam impostos, mas os impostos do setor privado pagam seus contracheques. Isso significa que há 70% mais recebedores do que pagadores de impostos.

As perspectivas aqui continuam sombrias. Neste momento, quase 93 milhões de americanos estão desempregados. Esse é um número

impressionante. Para deixar claro como é impressionante, considerem que, se seus desempregados formassem um país, este seria a décima quinta nação mais populosa do planeta, com mais gente que o Egito, a França, a Itália e até o Reino Unido.

Esperem um segundo. Acaba de me ocorrer que vocês provavelmente não sabem muita coisa sobre essas “leis naturais” que acabo de mencionar, não é? Claro que não, porque nos certificamos de remover todas essas informações de suas escolas. Depois falo mais sobre isso.

Para já, isso significa que quase todos vocês que estão lendo isto realmente não têm ideia de como este planeta funciona. São literalmente cegos guiando outros cegos. Isso também significa que não estão real e totalmente cientes do que fizemos a vocês. E se não estão cientes do que fizemos, perco pelo menos um pouco da minha alegria em vê-los descer pelo ralo.

Uma vez que seu destino está selado, suponho que posso prosseguir e deixá-los a par de algo que as gerações que fundaram e construíram seu país entendiam e a que se submetiam, mas que vocês rejeitam ou ignoram. É muito divertido revelar a vocês um dos fundamentos básicos da sua existência, que teria preservado sua liberdade se tivessem ouvido e obedecido.

Vejam, o malandro do nosso pai se preocupa o suficiente com vocês para lhes dizer “não”, da mesma forma que um pai terreno diz a um filho para não brincar entre os carros, não tocar em um fogão quente ou não enfiar a língua na tomada. Quando seus progenitores escolheram as veredas do meu Mestre, há muito tempo, e assim desobedeceram ao malandro do nosso pai, eles amaldiçoaram todos os seus descendentes com um espírito rebelde. Por consequência, não é natural que vocês façam o que o malandro do nosso pai diz ser o certo. Ao contrário, muitas vezes desejam o que ele diz ser errado. Até se matam uns aos outros por causa disso.

Querem saber o que acontece quando ninguém diz não a vocês? Basta olhar para Detroit.

*Flashback* para a década de 1950, quando Detroit era a cidade mais rica da América. Mas isso foi antes de decidir que podia dizer sim a tudo, e que ninguém nem nada merecia ouvir um não.

Agora a cidade deve a mais de 100.000 credores e entrou com um pedido de falência. É o lar de mais de setenta lixões perigosos. Sua população é a menor desde antes de Henry Ford criar a linha de montagem. Só entre os últimos dois censos, ela perdeu 25%. Tem mais de 78.000 casas abandonadas, mais do que a segunda maior cidade de Montana tem de habitantes.

Quase metade dos moradores da cidade são analfabetos. Aproximadamente 60% das crianças vivem na pobreza. A taxa de criminalidade violenta é cinco vezes a média nacional. Apenas 7% dos alunos da oitava série sabem ler proficientemente. A cidade tem menos de 10% dos empregos na indústria que há cinquenta anos. Uma em cada três gestações termina com uma mãe matando seu filho ainda não nascido.

Graças à sua crença em sua bondade essencial, que vem diretamente do incentivo de meu Mestre a que fossem como “você sabe quem”, seguindo seus instintos e não as instruções dele, vocês se tornaram o pior mal já desencadeado sobre a criação. Detroit é a prova viva disso.

Honestamente (e como demônio, não uso essa palavra com frequência), sua capacidade de fazer o mal rivaliza até com a nossa. A propósito, isso é um elogio. Sério, há momentos em que sua espécie pega nossas dicas e sugestões perversas e as levam a extremos a que nem mesmo eu — o maior general demoníaco de todo o Inferno — alguma vez cheguei.

Uma dica: não é bem o Diabo quem os leva a fazer isso; ele somente os *ajuda*, porque o tempo todo era isso que vocês queriam fazer. Não podemos “obrigá-los” a fazer nada. Não podemos nem sequer

materializar uma forma temporal por conta própria, e é por isso que às vezes temos que possuir seus corpos. Somos mais como a cobertura do seu bolo. Somos apenas o aditivo, não a receita.

Mesmo se não estivéssemos aqui, vocês teriam se condenado sozinhos. Já tinham acendido o fogo. Nós apenas adicionamos combustível. Ou, como gostamos de dizer aqui, “mais *cowbell*”.<sup>16</sup>

Mas o idiota sentimental conhecido como seu criador não se contenta em deixar as coisas quietas. Então, assim como ele enviara o carpinteiro para receber o castigo que todos vocês decerto merecem, estabeleceu parâmetros básicos de justiça dentro da própria criação para incentivar o comportamento correto e desencorajar nossos (seus) comportamentos preferidos.

Esses parâmetros tiveram diferentes nomes ao longo dos tempos, mas na história de sua nação tornaram-se conhecidos como “Leis da Natureza e do d\*\*s da Natureza”. Muitas vezes referidas como “lei natural”, elas basicamente constituem o código de honra do Céu. Mesmo com toda a sua zombaria e desobediência, o malandro do nosso pai ainda não quer que vocês se destruam. Por isso ordenou essa “lei natural” como um sistema de consequências boas por fazer o que lhes convém e consequências más por fazer o que não lhes convém.

Tomem como exemplo o prejuízo que descrevi há pouco. Ele se dá porque vocês insistem em usar o governo para fazer coisas que a lei natural não permite. “Você sabe quem” estabeleceu quatro esferas de autoridade para manter a ordem em seu mundo caído: a individualidade, a família, a Igreja e o Estado (governo). Cada uma delas tem jurisdições próprias e distintas, mas estão simultaneamente sob a autoridade da lei natural. Sempre que vocês, sacos de carne, tentam deslocar essas esferas de suas jurisdições divinamente ordenadas, dá-se a tirania. E há poucas tiranias maiores para um povo do que estar endividado.

Repetidamente, vocês pedem ao Estado (governo) que opere nas esferas que tradicionalmente pertenciam à família (que o governo aja como substituto de um pai ou marido) e/ou à Igreja (que o governo seja um agente da compaixão e caridade). “Você sabe quem” pretendia que a jurisdição primária do Estado fosse a promoção do bem por meio da punição do mal. O Estado deve ser o instrumento de justiça contra todos os inimigos da lei natural, tanto estrangeiros (exércitos invasores) como nacionais (os que transgridem a lei natural, ou “criminosos”).

Essas repetidas violações da lei natural são a razão de toda a dívida que vocês têm atualmente. Sabiam que apenas 29% do seu orçamento são chamados de “despesas discricionárias”? O orçamento para as forças armadas, que é a necessidade mais básica do governo de acordo com a lei natural, constitui 55% dessa parcela.

Isso parece muito, até que se perceba que os outros dois terços do seu orçamento são chamados de “despesas obrigatórias” e cerca de 90% dessas despesas são custos do Estado de bem-estar social. Em 2024, se vocês chegarem até lá (e tenho as minhas dúvidas), prevê-se que os gastos com benefícios do Estado de bem-estar social representem 85% da evolução das suas despesas. Portanto, mesmo que vocês eliminassem todo o seu exército, dificilmente fariam cócegas em sua dívida.

As suas tentativas de impor a “caridade” (que por definição é voluntária e portanto não pode ser imposta) através do Estado secular, em vez da família e da Igreja, estão literalmente matando vocês. É impossível que isso dê certo, porque nosso querido e velho pai quer que suas criaturas saibam de onde realmente vêm a misericórdia e a caridade: do amor dele por vocês e do amor que têm uns pelos outros. Ele não permitirá que nenhum governo, especialmente um que segue nosso programa de apagar o nome e a palavra dele da vista do público, prospere contra o plano divino. Quanto mais vocês tentarem, mais endividados ficarão.

No entanto, graças à nossa propaganda, bem como aos seus desejos egoístas, vocês não veem as coisas dessa forma. Veem as leis naturais dele como um obstáculo à sua autorrealização, não como uma barreira protetora. Com um sutil empurrão de nossa parte, vocês se libertaram das cadeias de sua bênção e orientação divina e, em lugar delas, prenderam-se à nossa bola e corrente.

Por exemplo: há muitos anos havia um juiz de algum lugar ao sul... Não me lembro de onde... não, não era o Texas, embora eu odeie aquele lugar. Ah, me lembrei, foi no Alabama. Ele tão somente queria afixar no seu tribunal os “dez mandamentos”, tal como sempre estiveram expostos no Supremo Tribunal dos EUA e, desde as origens do país, onipresentes nos edifícios públicos de costa a costa.

Claro, acionamos todo o nosso pessoal imediatamente para trabalhar nesse caso. Ações judiciais foram movidas, ameaças foram feitas — hoje em dia, vocês conhecem o protocolo. No entanto, aquele juiz era diferente da maioria dos burocratas afeminados que vocês chamam de funcionários públicos. Na verdade, ele percebeu nosso blefe e se atreveu a dizer que o rei estava nu. Que nossos agentes não tinham, na verdade, nenhuma possibilidade de fazer qualquer coisa a respeito (o que é verdade, mas isso não é importante agora), e que nós só tínhamos gogó.

Felizmente, meu Mestre estava “de férias” em Pyongyang enquanto isso acontecia, pois confesso que foi a última vez que pensei que havia alguma chance de nosso plano falhar. E como vocês sabem, meu Mestre não aceita muito bem a mera possibilidade de um fracasso.

Entendam que, se esse juiz do Alabama conseguisse denunciar nosso blefe e ficasse demonstrado que nossas cartas eram péssimas, isso encorajaria todo um movimento de homens e mulheres com ideias semelhantes a finalmente recobrar sua coragem, após tantos anos. Sem os tribunais, a maioria dos nossos maiores esquemas viraria fumaça. O medo e a intimidação são as nossas maiores armas. Portanto, precisávamos manter a mentira perniciosa de que, uma vez que

qualquer sujeito metido a juiz tivesse falado, essa seria daí em diante a lei do país. Não importa quão ilegal fosse essa lei.

Francamente, este é o eixo tático de todo o plano. É sempre mais fácil e eficaz nos infiltrarmos na elite e levá-la a impor o caos às massas de cima para baixo. É quando as massas assumem o controle de seu próprio destino, tal como fizeram seus pais fundadores, que ficamos na defensiva. Aquele livro horroroso não diz que “quando os justos governam, o povo se alegra” e “o cordel triplicado dificilmente se quebra”?

Estou ficando com um nó no peito só de me lembrar daqueles dias estressantes. Mesmo quando está de licença sabática, meu Mestre gosta de se manter informado. Por isso eu ainda tinha de relatar-lhe, todos os dias, como estava indo o plano para derrubar vocês. Se ele fosse cientificado dessa ameaça, quem sabe quão severamente eu teria sido punido? Ser estripado pareceria uma opção branda. Por isso tive que mentir para ele: “Está tudo indo muito mal”, era o que lhe dizia diariamente.

Neste momento vocês devem estar se perguntando: por que eu admitiria, abertamente e por escrito, que menti para meu Mestre? Não tenho medo de ser castigado por isso? Lembrem-se de que meu Mestre teve que aprovar este manuscrito antes de vocês o lerem, então já sabe que eu menti para ele. No entanto, como menti para ele e usei isso para ganhar o tempo necessário para elaborar uma maneira de manter o plano no caminho certo, recebi do meu Mestre um elogio por “pensamento original”!

Mas não tenho vergonha de admitir que, na época, estava complicado. Usamos tudo que tínhamos contra aquele juiz do Alabama e ele não vacilou. Sua ousadia estava começando a se tornar uma história nacional, e muitos que haviam abraçado o derrotismo começaram a se inspirar. Falava-se até do seu “movimento conservador” alinhando-se atrás desse juiz, e de instar o presidente

dos Estados Unidos, que era do mesmo partido, a apoiá-lo e usar isso para galvanizar os “patriotas” de toda a nação.

ISSO NÃO PODIA ACONTECER DE JEITO NENHUM!

Felizmente, tínhamos uma ou duas pessoas importantes no sistema que convenceram algumas outras de que, se o desafio do juiz à nossa grande mentira continuasse e abrisse um precedente, vocês exigiriam do resto da classe governante uma dose comparável de coragem, uma vez que o exemplo estivesse estabelecido. E essa coragem poderia custar caro, incluindo a perda de seus principais fluxos de angariação de fundos e até de seus cargos eletivos.

Se existe uma constante no universo, é a irresponsabilidade de um político. “Melhor que morra um homem do que toda a nação [entendam isso como uma *fraude*] pereça” ainda é uma das minhas frases favoritas naquela Bíblia empoeirada que a maioria de vocês raramente lê.

Assim, mais uma vez joguei nosso trunfo, tantas vezes testado e comprovado. Até alguns dos colegas “cristãos conservadores” do juiz se voltaram abertamente contra ele e o emboscaram em plena luz do dia — ao estilo Luca Brasi. Tudo para preservar suas vidas de luxo e tranquilidade. Em nome de Ge-suis, é claro.

Caramba. Sério, *caramba*.

Depois de testemunhar tamanha depravação da sua espécie, eu preciso de um cigarro. Em momentos como esse, quase lamento ter que atormentar sua espécie por toda a eternidade aqui embaixo. Notem que eu disse “quase”. Não me interpretem mal — como disse antes, nós, demônios, nos deleitamos com seus gritos horripilantes e pedidos de misericórdia que nunca serão atendidos. Mas, na verdade, em sua espécie há aqueles que poderiam nos ensinar algumas coisas sobre traição. Às vezes até nós, demônios infernais, temos que aplaudir vocês, sacos de carne.

Vou lhes dizer: não sou totalmente desprovido de compaixão. Portanto, se algum desses traidores contumazes decidir não se arrepender até que seu corpo esfrie, pedirei ao meu Mestre que lhe conceda uma folga nos tormentos equivalente, na eternidade, a um de seus dias.

Como se sabe, aqui somos rigorosos com as regras; então, se essa clemência for concedida, o tormento no dia seguinte será dobrado, para compensar. Mas é o mínimo que posso fazer, já que vários desses Caifáses modernos literalmente salvaram meu lombo escamoso.

Pronto, que não se diga que nunca fiz uma boa ação na minha vida. Agora, chega!

Uma vez reprimida aquela possível insurgência, e por nada menos que pessoas que se diziam do seu lado, não havia mais nenhuma linha de defesa entre nós e vocês. Sim, alguns políticos e blogueiros insistem em que se retome aquela postura, e o mesmo juiz até voltou ao poder. Mas ao passo que nos incomoda qualquer tentativa de justiça, por mais trivial que seja, esses esforços por devolver a lei natural de “você sabe quem” a um lugar de destaque na sociedade são pouco mais do que mosquitos.

Não chegarão a lugar nenhum porque já foram longe demais, e é por isso que não tenho escrúpulos em discutir isso abertamente. Mesmo muitos de vocês que têm a visão de mundo correta acreditam na bobagem de que só podem lutar dentro dos parâmetros aceitos pela opinião pública, em vez de trabalhar corajosamente para moldá-la, mudá-la e formá-la. Vocês ainda podem se apegar a todo aquele falatório sobre um d\*\*s poderoso e grandioso, mas não estão falando realmente sério.

Em vez de se arriscarem a irá-la, obedecendo a ele e não a nós, preferem dobrar os joelhos diante de Baal no altar da opinião pública (manipulada), como sempre. Melhor ainda, preferem bastardizar completamente alguns versículos daquele livro horroroso e atirá-los

contra a cabeça dos heróis que podiam ter tido. Caramba. Na prática, vocês são melhores do que nós em destruir o moral dos seus companheiros.

Digo, vocês não querem ser um daqueles “radicais”, não é? O engraçado é que esses radicais desacreditados são sempre os que mudam a história. (Alguém aí se lembra de João Batista?). Felizmente, vocês valorizam demais seu próprio conforto para se lembrar disso.

Por exemplo: nos últimos anos interceptamos muitas conversas promissoras (para nós) entre gerações de homens mais velhos em posições de liderança. Em épocas passadas, esses líderes envelhecidos estariam preocupados com seu legado e, nessa fase de suas vidas, procurando ativamente preparar líderes que receberiam seu manto.

Hoje em dia, é mais comum que eles façam o contrário.

Muitas de suas igrejas não têm um sucessor imediato esperando nos bastidores e, por isso, quando o pastor líder se aposenta ou fica geladinho, pouco a pouco definham e morrem. Nos seus círculos políticos temos visto cada vez mais homens velhos e complacentes reprimindo e evitando seus pares mais jovens e agressivos. Até repreendem os jovens por ser “obstrucionistas” ou “alternativos”. Tudo porque estes procuram confrontar e derrotar nossos esquemas, em vez de aplacá-los ou governá-los.

Os mais jovens e impetuosos precisam de treinamento, aperfeiçoamento e disciplina para cumprir seu chamado? Sem dúvida. E a geração mais velha poderia lhes proporcionar isso. No entanto, é frequente que não apenas deixe de fazê-lo, mas que vá ainda mais longe, tentando apagar a centelha/paixão/propósito que os mais jovens divinamente receberam para “um momento como este”.

O motivo, ninguém sabe. Talvez vejam no espírito guerreiro dos mais jovens uma denúncia do fracasso de sua geração e não queiram ser lembrados disso. Talvez seja algo totalmente diferente. Independentemente da motivação, o resultado é o mesmo: vocês

tendem a eliminar as potenciais ameaças contra nós antes que tenhamos de fazer isso.

É por isso que não temos nada com que nos preocupar. Vamos ser sinceros: a maioria de vocês nem vai se dar ao trabalho de ler o resto deste livro, acreditando que isto é demais para ser verdade. Então pegarão o controle remoto e buscarão um pouco de “realidade”, como *Sister Wives*.<sup>17</sup>

Porque não há melhor expressão da “realidade” que um completo idiota forçando várias mulheres a servi-lo na área de serviço e na cozinha em rede nacional, enquanto se reveza com elas no quarto. Sim, claro, isso acontece na vida real. Já que você se interessa por isso, também pode assistir a outra maratona de testes de paternidade reprisados no *Maury Povich Show*.<sup>18</sup>

Vocês podem duvidar da veracidade do que estou dizendo, mas duvidar e desobedecer às leis naturais dele trará consequências muito, muito reais.

Todos os mimos que seu governo lhes promete não são gratuitos. É por isso que estão tão endividados. Todos os prazeres inocentes com que os tentamos também não são gratuitos. Por exemplo, grande parte da pornografia que a maioria dos “adultos com livre consentimento” consome custou o alto preço do tráfico de seres humanos.

Mas não há necessidade de se preocuparem com tudo isso agora. Apenas sentem-se, relaxem e aproveitem o *show*. Não precisam se preocupar em pagar essa dívida até chegarem aqui embaixo, mas devem saber que a vingança, aqui, é um prato que se come quente — e sempre queima sua boca.

Para alguns de vocês que estão lendo agora, ainda falta muito. Para outros, talvez já seja amanhã. Mas no Inferno uma coisa é certa: *pode-se fazer check-in quando quiser, mas nunca se pode sair*.<sup>19</sup>

## CAPÍTULO V: BURROS

Dentre os filmes recentes, o meu favorito é um que poucos de vocês realmente viram, e por isso perderam a oportunidade de ter um vislumbre de seu futuro próximo.

O filme se chama *Idiocracia*. É uma (auto)paródia do que acontece com uma cultura emburrecida a ponto de se tornar um rebanho estúpido de eleitores mal-informados, pérfidos, obcecados por sexo, vagabundos e preguiçosos. Como sua cultura está se tornando atualmente. Profecias autorrealizáveis não intencionais são sempre as melhores!

Vocês agora estão quase no fim do caminho da perdição e é tarde demais para voltar atrás. Mas se tivessem ouvido seus pais fundadores e não a nós, não teria sido assim.

Vejam só: eles estabeleceram dois perímetros de defesa — a Igreja e as escolas — para evitar que alguém como eu, digamos, os levasse ao colapso. Por mais que trabalhemos duro nas igrejas de vocês, e tenhamos de fato transformado várias delas em nada mais do que casas de câmbio filantrópicas, ainda tem muita estrada pela frente.

O carpinteiro é particularmente chato quando mete o nariz em nossos negócios que concernem às suas igrejas. Ele tem a tendência de lutar pelas igrejas da mesma forma que um marido apaixonado luta pela esposa. O carpinteiro é bastante feroz quando resolve ser e nada parecido com o do retrato que vendemos a vocês, o do inofensivo xamã *hippie* da antiguidade.

Ele também é um pouco possessivo em relação à Igreja, o que explica por que nunca tivemos sucesso em derrubar completamente essa instituição. Mesmo durante a Idade das Trevas, ou sempre que uma cultura se tornava moralmente sombria como a sua está para se tornar, havia pelo menos um remanescente de hipócritas que nos

importunavam até o último instante. Por isso, adaptamos nossos objetivos no que concerne às igrejas. Como dizemos aqui no Inferno: se não tiver sucesso no início, mire mais baixo.

Portanto, nossa expectativa é trazer para o nosso lado um número suficiente de suas igrejas para que lutem entre si, e/ou garantir que tenhamos pelo menos algumas pessoas que se pareçam e falem como pessoas da Igreja representando a nós e nossa mensagem no cenário cultural. E caramba! Não é que temos um batalhão inteiro dessas pessoas hoje em dia? Especialmente nos seus seminários, por ironia. Acontece que quanto mais vocês ficam pensando na sujeirinha do seu umbigo, *menor* é a probabilidade de acreditarem nas palavras daquele livro horroroso.

Hoje em dia temos uma fila de traidores à nossa disposição, procurando deixar uma “marca” para meu Mestre (perdoem o trocadilho escatológico).

O bonito é que já nem temos de pagá-los, porque vocês os estão pagando em nosso lugar. A quantidade de dinheiro que vocês, na esperança de uma “bênção”, enviam a esses representantes do Inferno de cabelo empastado de gel é de tirar o fôlego. Por exemplo, um de nossos falsos “curandeiros da fé” mora em Beverly Hills. Recentemente, ele teve um ataque cardíaco depois de voltar para casa de uma viagem “missionária”, o que na verdade quer dizer espoliar um bando de primatas do terceiro (i)mundo que não sabem ler nem escrever. Tudo em nome de Ge-suis. O engraçado é que a família dele ficou preocupada com as repercussões de seu estado, porque isso levantava uma pergunta óbvia:

— Como é que o curandeiro não pode curar a si mesmo?

Nós, porém, não estamos preocupados. Esse cara já foi desacreditado muitas vezes, e mesmo assim vocês continuam “plantando uma semente” nos bolsos dele. Além disso, mesmo que esse gato em particular tenha esgotado suas sete vidas, nós só precisamos lançar

outro ainda mais ridículo do que ele. Vocês vão aceitá-lo, porque querem acreditar em literalmente qualquer coisa que não seja a verdade.

A maioria desses idiotas que recrutamos, treinamos e posicionamos não conseguiria um emprego como recepcionista do Wal-Mart no mundo real. Mas se os ensinarmos a citar alguns versículos sobre “saúde e riqueza” completamente fora de contexto e lhes dermos a cara certa (e não tenho ideia de por que vocês parecem se sentir atraídos por aqueles caras com camisas havaianas que usam sandálias com meias), vocês lhes darão uma quantidade de dinheiro que não tratariam de economizar para pagar a faculdade de seus filhos.

Mas voltando ao plano.

Como eu disse, o melhor que podíamos esperar no tocante à sua cultura era uma guerra de desgaste dentro de suas igrejas, ou termos do nosso lado um número suficiente de convertidos que nos permitisse usar sua insípida mídia noticiosa como plataforma para nossa propaganda. Ao contrário dos seus primos europeus, vocês têm um sistema de governo baseado nos direitos dados por d\*\*s. Portanto, não temos certeza de que seja possível no seu país uma propagação sistêmica do secularismo como a que fizemos lá. Calculamos que sempre haveria aqui, até certo ponto, uma forte subcultura religiosa. Alguns remanescentes que estariam sempre dispostos a reagir contra nós.

**Isso significava que, para anular a influência da Igreja, tínhamos de atacar impiedosamente o outro mecanismo de defesa — as escolas.**

Leiam as palavras de seus pais fundadores e aprenderão tudo que precisam saber para entender por que suas escolas foram nossa principal diretriz:

*Eduquemos e informemos a massa da população, pois só a ela se pode confiar com segurança a preservação da liberdade*

— Thomas Jefferson.

*O melhor meio de formar um povo viril, virtuoso e feliz será encontrado na educação correta dos jovens. Sem esta base, todos os outros meios, na minha opi nião, falharão*

— George Washington.

*As instituições eruditas devem ser os objetos favoritos de todas as pessoas livres. Elas lançam sobre a mente do público aquela luz que é a melhor segurança diante de astutas e perigosas interferências contra a liberdade pública*

— James Madison.

Em suma, seus pais fundadores queriam realmente ter uma população educada e bem-informada. Francamente, nunca tínhamos ouvido um governo humano falar de tal coisa. Antes da fundação de seu país, sempre que um governo humano falava em educar as pessoas, isso significava uma de duas coisas: instruir tão somente a aristocracia, ou ensinar as massas a se portar de modo compatível com o Estado.

Mas educar as pessoas para protegê-las até mesmo do seu próprio governo, se necessário? Não pensávamos que vocês eram capazes desse nível de pensamento crítico.

O pensamento crítico é como um vírus para a influência demoníaca. De certa forma, nós o detestamos ainda mais do que o próprio Evangelho, porque nossa experiência provou que podemos sequestrar até mesmo a mensagem do carpinteiro se a cultura destinatária não encorajar o pensamento crítico. Considerem que para cada mártir cujo sangue foi derramado por um déspota, seguidores professos do carpinteiro também fizeram o mesmo entre si e a granel; e quase sempre porque as pessoas envolvidas não foram ensinadas a pensar criticamente sobre os ensinamentos dele. Elas seguiram suas paixões em vez de seu propósito. Paixões que haviam sido inflamadas por nós.

Vejam todos os exemplos de antissemitismo cristão ao longo da história. Agora, vamos parar e pensar por um segundo no quanto isso é estúpido. O carpinteiro não era judeu? Seus seguidores não vão à igreja no domingo e adoram um d\*\*s que se tornou homem, um homem judeu? Então, quão burro alguém precisa ser para acreditar que está adorando o carpinteiro enquanto persegue a tribo em que ele nasceu? Quero dizer, vocês mostrariam ao seu amigo o quanto o amam estapeando a família dele em sua ausência? Pois é, esse é o seu nível de estupidez e falta de pensamento crítico.

Deixem-me ser bem claro. *Nunca* houve uma iniciativa demoníaca bem-sucedida em seu mundo que não incluísse a destruição do pensamento crítico, e *nunca* haverá. Aquele livro horroroso não diz algo sobre o povo padecer “por falta de conhecimento”? Todos vocês, sacos de carne, são definitivamente pecaminosos e caídos, mas definitivamente nem todos são estúpidos.

Nem de longe, na verdade. Vocês ainda são portadores da imagem do único ser onisciente do universo, lembrem-se. Embora a capacidade de seus cérebros insignificantes não chegue nem perto da que ele tem, vocês ainda são bem espertinhos — mas apenas quando pensam criticamente. Com pensamento crítico, conseguem nos dar uma canseira. Sem pensamento crítico, são como Joe Biden num programa de perguntas e respostas. Uma risada por minuto.

Nesse cenário, vocês são o antílope (presa) e nós somos o leão (predador). Às vezes gostamos de brincar com a comida antes de comê-la, mas podem ter certeza de que, no fim, vocês serão devorados do mesmo jeito.

Os pensadores críticos são uma séria ameaça para nós em qualquer cultura, mas e se enfrentássemos uma cultura inteira constituída essencialmente por pensadores críticos? Ora, isso poderia até ser uma ameaça global para nós, como vocês já foram.

Até eu aparecer, claro.

Ironicamente, devo agradecer a um dos seus grandes reformadores por me inspirar nesta parte do plano. Martinho Lutero, aquele das *Noventa e cinco teses*, que fizemos de tudo para impedi-los de ler, certa vez disse o seguinte sobre a educação: “Temo que as escolas se mostrem as próprias portas do Inferno, a menos que trabalhem diligentemente para explicar as Sagradas Escrituras e gravá-las no coração dos jovens”.

*Voilà!*

Minha prioridade era garantir a proscrição daquele livro horroroso. Para o público leitor contemporâneo, isso não parece tão controverso, porque construí seu novo normal sobre aquilo que Lutero temia. Entretanto, aquele livro horroroso era, antigamente, um componente fundamental da educação de uma criança americana.

Já ouviram falar do *The New England Primer*?<sup>20</sup> Não, a maioria de vocês nunca ouviu, porque sou bom no que faço. Mas para as gerações fundadoras do seu país, esse foi o principal livro didático. Ele incluía um retrato de George Washington e um frontispício em que descrevia a si mesmo como “a pequena bíblia da Nova Inglaterra”. A introdução incluía uma breve história da fé cristã, bem como algumas palavras sobre “pecado” e “salvação”.

Tente ensinar algo assim em uma escola hoje em dia e você será um leproso moderno, mas esse era o procedimento operacional padrão para aqueles que tornaram sua liberdade possível. Deem uma olhada nestes exemplos de como *The New England Primer* ensinava os alunos mais jovens a aprender o alfabeto naquela época:

A — “Da queda de *Adão*, o pecado é nosso quinhão”. E não, o assunto aqui não era o Adam Levine. Esta é uma referência ao Adão de Adão e Eva.

B — “Quem conforme a *Bíblia* pensa, alegria tem imensa”.

C — “*Cristo* foi crucificado, pelos pecadores dado”.

D — “Todo o chão que já se viu, o *dilúvio* então cobriu”. No caso, é o dilúvio de Noé.

E — “*Elias*, escondido, por corvos foi nutrido”. Elias foi um dos profetas mais incômodos de Israel.

J — “*Jesus* por ti morreu, por mim também se deu”.

L — “O *leão* é ousado, o cordeiro adorado”. Como a maioria de vocês não sabe a que isso se refere, o carpinteiro é chamado tanto de “o leão de Judá” quanto de “o cordeiro de d\*\*s” naquele livro horroroso que vocês não leem mais.

N — “*Noé* o mundo antigo viu e o novo que surgiu”.

P — “*Pedro* negou o Senhor, depois chorou”. Esta é uma referência ao pescador que negou sua lealdade ao carpinteiro três vezes na noite em que o espancamos até deixá-lo desacordado.

Q — “Raquel diz ‘eu sinto’ por seu filho: o *quinto*”.<sup>21</sup> Rachel é uma das matriarcas judias.

R — “*Ester*, a *rainha*, em traje real salvou os judeus do destino abismal”. Esta é uma referência direta a uma história amada naquele livro horroroso.

S — “*Samuel* há de ungir a quem d\*\*s decidir”. Samuel é o juiz que ungiu Davi como Rei de Israel pela autoridade de “você sabe quem”.

U — “A linda mulher de *Urias* Davi levou aos piores dias”. Urias é o marido que o Rei Davi enviou para morrer na guerra, a fim de roubar sua esposa, Bate-Seba.

Z — “*Zaqueu* subiu sem temor para ver nosso Senhor”. Esta é a história de um pequeno idiota tão desesperado para ver o carpinteiro que arriscou a vida para ter um vislumbre passageiro.

Caramba! E as pessoas pensam que somos culpados de doutrinação? Ora, como vocês chamariam isso? A primeira coisa feita pelas escolas estabelecidas por seus pais fundadores foi tentar apresentar à próxima geração nosso querido e velho pai e os ensinamentos daquele livro horróroso, pelo seguinte motivo: eles viam nisso um antídoto contra nosso veneno, que até então havíamos usado contra todas as grandes civilizações da história.

E estavam certos — com ênfase em *estavam*.

Esse incentivo ao pensamento crítico passou até para os assuntos cívicos. Por exemplo, na altura em que sua Constituição estava sendo debatida para ser ratificada pelos estados, alguns dos seus pais fundadores publicaram o que mais tarde ficou conhecido como *As cartas federalistas*. Trata-se de uma série de tratados publicados em jornais dos treze estados originais, explicando o significado da Constituição e respondendo aos desafios às suas disposições, bem como às preocupações sobre sua redação.

Os estudantes de direito de hoje se esforçam por compreender o significado desses ensaios, que contêm trechos do mais alto nível de prosa de que sua espécie é capaz. No entanto, esses ensaios foram originalmente escritos para um público com ensino primário no final do século XVIII. Esse era o nível de instrução típico em que jovens adultos concluíam sua educação e se tornavam trabalhadores (comerciantes, noviços, agricultores) ou iam para a faculdade fazer mais estudos formais (direito, medicina, seminário). Muitas dessas faculdades eram o que vocês chamam hoje de Universidades da Ivy League, e todas elas foram originalmente fundadas como seminários ou tendo como uma de suas principais missões a difusão do evangelho do carpinteiro.

É isso mesmo, seus centros de iluminação secular de elite da Ivy League foram fundados, originalmente, como campos de treinamento para o esquadrão de d\*\*s. Curiosidade: o lema original de Harvard era “Verdade por Cristo e pela Igreja”. Hoje, graças ao politicamente

correto, o lema foi encurtado para apenas “verdade”. E se vocês estão se curvando ao politicamente correto, que na realidade é só mais uma proibição do pensamento crítico, atualizada especialmente para vocês, então a verdade nua e crua provavelmente está em falta. Ao contrário da “verdade” de certo ponto de vista (pré-aprovado para vocês).

Concedam-me um momento para que eu, mais uma vez, me gabe.

Alguns parágrafos atrás referi-me às *Cartas federalistas*. No entanto, não existe tal coisa. Na verdade, elas se chamavam *Artigos federalistas*, mas fiz um trabalho tão minucioso para cegá-los de sua herança que vocês nem sequer perceberam. Desgraça, eu poderia tê-los chamado de *Fórum da Penthouse* e vocês, idiotas, provavelmente não notariam a diferença, apenas assentiriam.

Para vocês verem como eu sou bom.

Então, o que eram os *Artigos federalistas*, a propósito? Antes de mais nada, por favor não confundam um mínimo de respeito pelo meu oponente com reverência pelo assunto. Essas são duas coisas totalmente diferentes. Como alguém cuja única razão de ser é estender o domínio do meu Mestre, eu odiei toda aquela baboseira sobre liberdade contida naqueles textos.

No entanto, apesar de tudo que penso, eu me vi forçado a respeitar o esforço daqueles sacos de carne para reunir de forma transparente seus colegas primatas em busca de “uma união mais perfeita”. Essa transparência contrasta bastante com o que vocês veem hoje no seu governo, pelo que também mereço, é claro, pelo menos parte do crédito. Se quisermos criar desunião, primeiro temos de criar desconfiança, e para isso nada melhor que a falta de transparência.

Os mesmos pais fundadores que consideravam seu dever proporcionar essa transparência também decidiram que dois dos primeiros atos oficiais dessa nova nação seriam a impressão de Bíblias e a nomeação de capelães. Mas não para que pudessem usar o governo para cooptar e perverter a religião de modo que ela servisse aos seus

propósitos, como muitos outros haviam feito (com nossa ajudinha). Pelo contrário, fizeram-no para que o povo estivesse moralmente preparado e apto a se autogovernar.

Embora não quisessem implantar nenhum teste religioso para cargos públicos, também não queriam inibições religiosas. Quando Thomas Jefferson escreveu, pela primeira vez no léxico americano, as palavras “separação entre Igreja e Estado”, em uma carta a alguns batistas de Connecticut, não estava pensando em limitar a influência da Igreja sobre o Estado, e sim em não permitir que o Estado corrompesse a Igreja. Enquanto a Igreja estivesse disposta a permanecer dentro da sua jurisdição designada por Deus, o Estado também permaneceria dentro da sua.

Como alguém que testemunhou em primeira mão o colapso de tantas culturas/ impérios ao longo dos tempos, e até mesmo tomou parte na instigação de algumas dessas implosões, não tenho palavras para descrever quão radical foi a mudança de paradigma que isso representou para a sua espécie.

Até então, tudo o que era conhecido como civilização ocidental tinha sido um cabo de guerra entre a Igreja e o Estado. Fosse a Igreja do carpinteiro ou a igreja conquistadora do árabe. Sempre que o Estado dominava a Igreja, havia tirania. O que também acontecia sempre que a Igreja dominava o Estado. A compreensão de que o poder concentrado nas mãos de poucos acaba sempre por conduzir a alguma forma de opressão tinha sido um aprendizado duro para a civilização ocidental — independentemente de onde iam à igreja ou se iam a alguma.

Tal é a maldição da sua depravação total. Vocês não podem deixar de manchar tudo que tocam. Vocês são exatamente isso, seus vermes que só fazem peso na terra.

Seus pais fundadores não eram metidos a santos, e alguns deles eram pecadores impenitentes que já estão aqui para passar a eternidade

conosco, enquanto eu vivo e respiro. Mas eram pensadores críticos, e esse era o molho secreto da sua genialidade. Estavam dispostos a contemplar a história criticamente e determinar objetivamente por que as tentativas anteriores de liberdade dos sacos de carne deram errado.

Apesar de discutirem veementemente entre si, e por vezes até recorrerem à violência e à calúnia (em outras palavras, à sua natureza vil) nas suas disputas, no final venceu seu pensamento crítico coletivo.

Esse pensamento crítico coletivo foi o que os levou a derramar todo o poder e influência da Igreja e daquele livro horroroso sobre a população em geral, apesar de vários deles terem pontos de vista religiosos particularmente pouco ortodoxos. John Adams escreveu que sua Constituição era adequada apenas para “um povo moral e religioso”. Washington escreveu que “entre todas as disposições e hábitos que conduzem à prosperidade política, a religião e a moralidade são apoios indispensáveis”.

Sim, vários dos seus fundadores também eram hipócritas ardentes, capazes de assinar uma declaração de que “todos os homens são criados iguais” durante o dia e, de volta às suas casas, oprimir seus escravos negros à noite. No entanto, mesmo aqui seu pensamento crítico venceu, porque, ao darem à Igreja a liberdade cultural de denunciar profeticamente o poder, acabaram por lançar as sementes para a correção dessa injustiça. Pois foi das suas malditas igrejas que nasceu o movimento abolicionista.

Se a Igreja não estivesse livre para fazer seu trabalho no país, isso nunca teria acontecido. Vocês provavelmente seriam materialistas e totalitaristas, e se chegassem a abrigar uma turba de seguidores do carpinteiro, eles seriam em grande parte clandestinos e careceriam de influência cultural. Por outras palavras, acabei de descrever a China moderna.

Sabem, falar tanto sobre a escravidão me lembra alguns bons momentos de antigamente. Naquela época, quando precisava

recarregar minhas baterias, ia a leilões de escravos. A completa e total desesperança no rosto dos que estavam sendo vendidos sempre me dava fôlego novo. Principalmente quando famílias eram separadas ali mesmo.

As crianças, desesperadas, choravam um rio, e os gritos da mãe implorando por seus bebês eram como uma canção de ninar demoníaca — algo calmante para os desalmados. Se o pai ainda estivesse em cena, geralmente tentava bancar o herói e era então espancado até quase morrer.

Se eu tivesse muita sorte, às vezes toda a família era surrada ali mesmo, de uma só vez. Ah, caso vocês estejam se perguntando, família que apanha unida em geral não permanece unida. Na maioria das vezes, pouco depois de ser brutalmente espancados, separavam-se e nunca mais se viam.

Não tenho motivo para mencionar essas experiências agora, no contexto da nossa conversa atual, senão lembrá-los de com quem estão lidando. Nunca se esqueçam de que farei coisa muito pior com vocês aqui e por toda a eternidade se me derem uma chance (e isso está em minhas desorações). Se vocês vierem parar no meu parquinho, farei com que Amon Goeth, de *A lista de Schindler*, pareça o coelhinho da Páscoa. Bem-vindos à minha masmorra de dor; é aqui que vou arrancar seu couro.

Se optei por não estar em constante estado de raiva e/ou desabafo, mas em alguns momentos ao longo deste livro quis ser articulado para que até vocês, sacos de carne, pudessem compreender o que estou dizendo, não significa que eu não seja sempre o mal personificado. Mesmo quando sou cortês, há um motivo hediondo por trás disso.

Eu sou filho do meu Mestre.

Infelizmente, graças ao pensamento crítico dos seus pais fundadores, homens imperfeitos, porém sábios, a selvageria da escravatura desapareceu. Embora vários deles possuíssem escravos, eles

instituíram o próprio sistema e cultura que eventualmente surgiriam para corrigir o seu erro indizível.

Felizmente, a escravatura foi substituída por uma barbárie diferente nos seus dias. Falarei mais sobre isso depois.

O pensamento crítico dos seus pais fundadores estabeleceu uma estrutura onde “a grandeza da América não reside em ser mais esclarecida do que qualquer outra nação, mas sim na sua capacidade de reparar as suas falhas”. Normalmente não dou nenhum crédito aos sacos de carne e não tenho escrúpulos em roubar o material deles e chamá-lo de meu, quando um desses esquilos cegos encontra sua bolota. Porém, no caso de Alexis de Tocqueville vou abrir uma exceção. Ao citá-lo como a fonte da citação acima, é mais um lembrete vívido de quão longe vocês estão na toca do coelho — tudo graças a mim.

De Tocqueville foi um francês que veio para a América no início do século XIX para observar por que o autogoverno já tinha criado raízes no país de vocês, enquanto lutava para o fazer no dele. Como isso acontecia aproximadamente na mesma época em que a fase de reconhecimento da Operação Fim da América estava sendo concluída, decidi segui-lo e comparar anotações. Especialmente considerando o fato de outro dos meus colegas generais demoníacos ter conseguido tirar a Revolução Francesa dos trilhos desde o início.

Não vou nomeá-lo, já que somos rivais há séculos, cada um competindo pela maior fatia da aprovação do meu Mestre. Agora que estou confiante de que o meu sucesso no desmantelamento do país de vocês irá superar sua “realização” na França (peço desculpas, mas os demônios são, por vezes, bastante relutantes ao elogiar uns aos outros), não tenho escrúpulos em mencioná-lo aqui.

Vejam, esse meu rival ouviu minhas preocupações imediatas sobre a forma como o país fora fundado e os pilares sobre os quais estava sendo construído. Assim que se tornou óbvio que os franceses estavam

sendo influenciados pela sua revolução — e por que não seriam, tendo desempenhado um papel fundamental no sucesso da sua causa? — ele teve a percepção (pronto, falei) de que deveria começar a poluir os revolucionários de lá imediatamente.

Com muita habilidade, suponho, fez com que o idiota médio da França visse a Igreja e a odiada aristocracia como uma entidade única. Além disso, nossa propaganda defendeu que a aristocracia tinha realmente o apoio da Igreja e que, sem sua influência, a própria monarquia entraria em colapso.

Assim, enquanto a sua revolução tagarelava sobre “direitos dados por d\*\*s” e “não temos rei senão Ge-suis”, os franceses invadiram a Bastilha em nome do “poder para o povo”. E como a natureza vil das pessoas é muito, muito má, algumas (ótimas) coisas horríveis aconteceram na esteira da Revolução Francesa. Como o “Reinado de Terror”, quando a guilhotina foi usada com mais frequência do que os utensílios de cozinha. E o programa formal para “descristianizar” a França, que culminou na adoração da “deusa razão” na Catedral de Notre-Dame.

Durante décadas detestei esse sucesso do meu rival. Mas agora que minha *pièce de résistance* (vocês) está quase pronta, darei a esse demônio repugnante o que lhe é devido. Como é que seus filhos dizem? Odeie o jogo, não o jogador.

De volta a Tocqueville. Como ele havia experimentado pessoalmente o fruto amargo do trabalho do Inferno em sua terra natal, talvez fosse o único qualificado para observar o que era necessário para dar um fim em vocês. É claro que eu não podia perguntar ao meu rival demoníaco o segredo do seu sucesso na França, porque isso seria reconhecer tacitamente sua vitória. Em nosso meio, há orgulho demais para isso. Então usei Tocqueville como intermediário. Aqui estão apenas algumas das principais observações de que me recordo:

*Os americanos combinam tão intimamente as noções de religião e liberdade na sua mente que é impossível fazê-los conceber uma sem a outra.*

*A liberdade não pode ser estabelecida sem moralidade, nem a moralidade sem fé.*

*As melhores leis não podem fazer uma Constituição funcionar apesar da moral, mas a moral pode extrair o melhor das piores leis.*

*O despotismo pode governar sem fé, mas a liberdade não.*

Em outras palavras, Tocqueville confirmou minha conclusão de que a colaboração entre os pilares da fé, da moralidade e da liberdade era o fundamento sobre o qual vocês construíram sua nação.

Desde Israel no Antigo Testamento, não houvera tentativa séria de basear uma civilização nessas coisas, e naquele caso nosso querido e velho pai interviu diretamente. No caso da América, meros humanos estavam tentando solicitar sua bênção providencial emulando o esquema geral estabelecido por ele, ainda que substituindo por um representante devidamente eleito pela “vontade do povo” o juiz ou rei dos israelitas, sempre escolhido por d\*\*s.

Tenho que admitir que tentar mover nosso querido e velho pai a agir dessa forma exige, com certeza, uma certa cara de pau.

No entanto, embora seus criticamente pensantes pais fundadores acreditassem na vontade do povo, nem sempre confiavam nela, porque viam corretamente a natureza humana como decaída. Aquele conceito de “se os homens fossem anjos não precisariam de governo” que vários deles citaram.

Isto explica por que, embora seus representantes fossem eleitos pelo povo, ainda tinham que prestar juramento ao “d\*\*s todo-poderoso” antes de assumir o cargo, como um lembrete da real origem da sua

autoridade. Bem como de a quem deviam prestar contas pelos seus atos. Ao traçar essa distinção, seus pais fundadores descobriram como adquirir muitos dos benefícios de uma teocracia pactual sem realmente se tornarem uma. Até então, eu não tinha ideia de que sua espécie fosse capaz de traçar tais distinções de pensamento crítico. Mesmo depois de adultos, vocês tendem a pensar em termos de tudo ou nada, assim como as crianças.

**Agora, prestem bem atenção ao que estou prestes a dizer, pois talvez eu nunca mais diga isso sobre nenhum saco de carne. Aí vai: seus pais fundadores eram... brilhantes.**

Durante todo o tempo que temos tentado destruir a sua espécie, duvido que alguma vez tenhamos encontrado um grupo tão inteligente como o composto por eles. Todos eram falhos e alguns, hipócritas, uns mais do que outros. Mas sua vontade coletiva de pensar criticamente através da história, e suas preocupações conjuntas com a “posteridade” (ou seja, o legado e as gerações futuras), distinguem-nos de todos os outros reformadores sociais de antes e depois. Suas qualidades, combinadas com a bênção providencial do nosso querido e velho pai, estabeleceram a experiência de liberdade mais duradoura na história da raça humana.

E se depender da minha vontade, isso nunca mais irá se repetir enquanto sua repugnante espécie viver.

Mas primeiro o mais importante: como acabar com vocês agora.

É muito difícil destruir uma cultura em que os seguidores do carpinteiro são livres para adorá-lo sinceramente e seguir seus ensinamentos em público. Por alguma razão, vocês, sacos de carne, parecem responder ao testemunho pessoal uns dos outros. É por isso que partimos para a mentira, dizendo que vocês podem praticar seu cristianismo na igreja, mas não em praça pública. Não pretendemos deixar que expressem essa imundície *em lugar nenhum*. Reconhecemos que cada um dos seguidores do carpinteiro carrega

consigo o espírito dele e assim, na prática, uma igreja aonde quer que vá.

Portanto, quando terminarmos de isolá-los nos edifícios da sua igreja, iremos eliminá-los também. Não podemos nos dar ao luxo de ter vocês “declarados e orgulhosos” em qualquer lugar à vista daqueles que estamos conduzindo pela estrada para o Inferno.

**De modo que muito em breve vocês não serão livres para ter fé em lugar nenhum.**

E se não aceitarem o isolamento e/ou a subserviência cultural, serão obrigados a se cuidar. Assim como seus irmãos estão sendo forçados a se cuidar em outras partes do mundo. Assim como forçamos seus antecessores a se cuidarem no passado.

Portanto, apertem os cintos: faremos um passeio por uma estrada pedregosa.

Pois assim como a luz de uma varanda acesa na escuridão atrai insetos, um único farol a brilhar em meio à névoa de nossa guerra atrai os curiosos. A fase final do plano já está perto de se concretizar e em breve um seguidor público sincero do carpinteiro será algo tão raro aqui como na Europa. Vocês serão jogados no gueto cultural e suas igrejas mais imponentes serão convertidas em lojas ou mesquitas, como já foram na Europa. A religião dos árabes, recentemente, foi praticada na sua catedral nacional; um presságio da apostasia que está por vir.

Xeque-mate, América.

Mas não foi fácil chegar até aqui. Para aumentar o grau de dificuldade, havia o fato de que suas autoridades governamentais literalmente convidavam a Igreja a influenciar suas instituições — incluindo as escolas. Felizmente, Tocqueville também forneceu a informação de que precisávamos para superar esse obstáculo. Ah,

fornecer-nos essas informações críticas não era a intenção dele. Foi elogiando o povo que vocês haviam se tornado o que ele disse:

Procurei a grandeza e o gênio da América em seus portos espaçosos e amplos rios, e eles não estavam lá. Em seus campos férteis e florestas sem limites, e não estavam lá. Nas suas ricas minas e no seu vasto comércio internacional, e não estavam lá. No seu congresso democrático e na sua Constituição incomparável, e não estavam lá. Só quando entrei nas igrejas da América e ouvi a justiça incendiando seus púlpitos foi que compreendi o segredo de seu gênio e poder. A América é grande porque é boa, e se a América deixar de ser boa, deixará de ser grande.

Se quiséssemos derrubar *um governo do povo, pelo povo e para o povo*,<sup>22</sup> teríamos que corromper o povo. Não apenas seus líderes ou instituições fundamentais, como havíamos feito no passado, mas a nível individual, primário. Então incentivamos a decadência, como já escrevi, e afogamos vocês em dívidas de modo a colocá-los no caminho certo para a servidão. Sobre isso também já falei.

Em seguida, se não conseguíssemos derrubar as igrejas do carpinteiro, corromperíamos as escolas. Então aqueles que houvésemos corrompido nas escolas corromperiam as igrejas e o resto da cultura para nós. Agora, direi como fizemos isso.

Façamos a engenharia reversa desse tema; começamos pelo final. Caso contrário, quando eu traçar o plano, talvez vocês não acreditem. Foram tão bem condicionados às nossas premissas que não poderiam conceber como verdade, teoricamente, o que lhes aconteceu. Primeiro precisam ver as evidências e, então, terão melhores chances de aceitar a explicação.

Deem uma olhada nos resultados de um estudo recente do Departamento de Educação dos EUA. Foi descoberto que a história é a disciplina em que os estudantes americanos têm o pior desempenho. Apenas 20% dos alunos do sexto ano, 17% dos alunos do oitavo ano e

12% dos alunos do último ano do ensino secundário demonstram um conhecimento sólido da história do seu país, o que significa que se tornam cada vez mais ignorantes à medida que passam mais tempo na escola!

A maioria dos alunos da quarta série não sabia por que Abraham Lincoln era importante. Quase 80% dos alunos do 12o ano identificaram incorretamente o aliado da Coreia do Norte contra os Estados Unidos na Guerra da Coreia, *apesar de se tratar de uma questão de múltipla escolha.*

Esperem, me deem um segundo. Estou rindo tanto que mal consigo me conter. Acho que fiz xixi. Sim, tem mais.

A revista *Newsweek* aplicou recentemente o teste de cidadania dos EUA a mil cidadãos americanos, e os resultados foram trágicos (para vocês). Alguns exemplos:

33% dos americanos não souberam identificar quando a Declaração de Independência foi assinada.

65% dos americanos não souberam dizer o que aconteceu na Convenção Constitucional.

80% dos americanos não sabiam quem era o presidente durante a Primeira Guerra Mundial.

A Universidade Xavier fez um estudo semelhante, de abrangência nacional, aplicando a americanos o teste de cidadania dos EUA. Apenas um em cada três americanos respondeu corretamente a pelo menos seis das perguntas, que é o mínimo necessário para poder ser aprovado. É isso mesmo: dois terços dos cidadãos americanos não conseguiriam passar no teste de cidadania dos EUA.

Ah, vamos lá, não desanimem a ponto de parar de ler neste momento. Levem tudo na esportiva ao observar estes dados específicos:

59% dos americanos não souberam dizer o nome de um dos poderes do governo federal enumerados na Constituição dos EUA.

62% dos americanos não souberam dizer o nome do governador do seu estado.

85% dos americanos não sabiam o significado de “Estado de direito”.

75% dos americanos não conseguiram responder à pergunta: “O que faz o poder judiciário?”.

71% dos americanos não conseguiram identificar a Constituição como a “lei suprema do país”.

62% dos americanos não souberam dizer o nome de pelo menos um dos seus dois senadores.

62% dos americanos não souberam dizer o nome do presidente da câmara.

Seriam esses “eleitores mal-informados”? Vocês se tornaram uma nação de idiotas com muita autoestima. Em outras palavras, são realmente estúpidos, mas tudo bem, porque pelo menos se sentem bem consigo mesmos!

Ainda não chegamos à melhor parte, no entanto. Uma nação de idiotas que elegem seus próprios líderes acaba votando em idiotas para cargos públicos. Para confirmar que este é o fluxograma da sua idiocracia, deem uma olhada em uma amostra dos resultados desta pesquisa do Instituto Intercolegial de Pesquisas com 165 americanos que ocuparam cargos públicos:

Apenas 49% deles conseguiram listar todos os três poderes do governo.

Apenas 46% sabiam que o Congresso, e não o presidente, tem o poder de declarar guerra.

**Apenas 15% sabiam que a frase “separação entre Igreja e Estado” nunca esteve na Constituição dos EUA.**

Apenas 57% sabiam o que era o Colégio Eleitoral, e 20% *daqueles que não sabiam pensavam que era uma escola para “formar aqueles que aspiram a cargos políticos mais elevados”*. Já podem me aplaudir; eu mereço. Embora a piada seja às suas custas, até mesmo vocês têm que achar isso engraçado.

É claro que eu poderia insistir no assunto, destacando quão ridículas são suas pontuações em matemática e ciências em comparação com as do resto do mundo industrializado. Lembrem-se daquelas piadas sobre “polacos burros” que vocês costumavam ouvir antes do politicamente correto que nós criamos agarrar sua cultura pelos cabelos? Bem, acontece que, atualmente, vocês estão abaixo da Polônia em notas de matemática, ciências e leitura. Parece, afinal, que vocês deviam mesmo era contar piadas sobre “americanos burros”. Verdade seja dita.

Ainda assim, isso é apenas a cereja do bolo. Há muitas nações que, embora sejam essencialmente Estados satélites do Inferno, produzem cientistas e matemáticos brilhantes. Não nos ofenderá em nada se vocês forem considerados “estudiosos”, desde que essa capacidade para os estudos os distraia de ponderar com sinceridade sobre as questões mais significativas que determinam sua eternidade.

Não pretendíamos emburrecê-los tão completamente; apenas roubar-lhes sua herança, para que pudéssemos conduzir um sequestro cultural bem-sucedido. Como bônus, ao longo do caminho acabamos tornando vocês a superpotência mais idiota de todos os tempos, o que significa que seu *status* de superpotência está com os minutos contados.

Como fizemos isso?

Há dois anos decisivos na civilização ocidental: 1517 e 1859. Começamos com 1517. No início deste capítulo mencionei Martinho

Lutero. Foi nesse ano que ele deu início ao que ficou conhecido como Reforma Protestante.

Independentemente da sua posição teológica, sua nação nunca teria se levantado se não fosse por aquele chucrute grosseirão. O resultado final do que ele começou naquele dia de 1517, quando pregou suas divagações santarronas numa porta em Wittenberg, à vista de todos, foi tornar as palavras pútridas daquele livro horroroso acessíveis a todos pela primeira vez.

Foi isso que pôs as rodas em movimento durante grande parte da história. Em 1999, o seu *History Channel* classificou o chucrute como a terceira pessoa mais influente do milênio, observando que sem a Reforma Protestante não teria havido revoluções científicas ou industriais, que são responsáveis pela maioria dos benefícios sociais de que vocês têm desfrutado (até seu colapso iminente).

A propósito, o número um foi Johannes Gutenberg. Pois sem a imprensa que ele inventou, o chucrute teria sido executado como tantos aspirantes a reformadores antes dele. A inovação de Gutenberg tornou possível levar informação às massas, informação que antes fluía apenas através dos filtros da elite. Vários deles escolhidos a dedo por nós, claro.

O ano de 1859 foi mais do nosso agrado, porque foi quando o filho de um humanista e unitarianista (peço desculpa pela redundância), chamado Charles Darwin, publicou seu livro *A origem das espécies*.

Ora, o livro era muito mais do que apenas uma análise científica em busca das origens da vida humana. Observem o subtítulo: *A preservação das raças favorecidas na luta pela vida*. Soa mais ameaçador do que apenas uma análise científica séria, não é? Claro que sim, e foi por isso que adoramos!

A investigação científica de Darwin preparou o terreno para o caos que estava por vir. Seu trabalho subsequente, *A descendência do*

*homem*, saiu direto das nossas apostilas. Considerem esta citação carregada de repercussões:

Dentro de alguns séculos, *é bastante certo que as raças humanas civilizadas terão eliminado e substituído as raças selvagens em todo o mundo*. A lacuna que hoje se observa entre o homem e os símios terá então aumentado consideravelmente, dado que se estenderá da raça humana (já mais avançada que a civilização caucasiana, é o que esperamos) a algum símio inferior, como o babuíno, em vez de se estender, como na atualidade, do negro ou australiano ao gorila.

De acordo com sua elite (nós), Darwin é uma figura profética cujos escritos são comparáveis às tábuas de pedra originais que o gago Moisés trouxe ao descer do monte. No entanto, aqui ele defende abertamente o que pode ser descrito como uma fundamentação para a supremacia branca.

Aqui está outra deliciosa citação de Darwin do mesmo livro:

Portanto, devemos suportar sem queixa os efeitos indubitavelmente maus da sobrevivência e reprodução dos fracos; mas parece haver pelo menos um obstáculo a isso, a saber, o fato de que os membros mais fracos e inferiores da sociedade não se casam tão livremente quanto os melhores; e esse obstáculo pode ser indefinidamente aumentado, se os fracos de corpo ou mente se absterem do casamento, embora isso seja mais desejável do que provável.

Adivinhem quem decide quem são os “fracos de corpo” que deveriam ser proibidos de se casar e procriar e até ser esterilizados? Aparentemente são vocês, o que significa que, na verdade, somos *nós*.

Todas as religiões precisam de duas coisas:

1. Um mito da criação crível que possa responder às velhas perguntas “por que estamos aqui” e “qual é o propósito da vida humana”, para atender seu desejo profundo de que haja um propósito/plano maior.

2. Um sistema ético que incentive/imponha a obediência.

Darwin nos forneceu ambas.

Primeiro, estabeleceu que vocês vieram do nada, portanto são e morrem como nada. Da cinza à cinza, do pó ao pó, do lodo primordial ao lodo primordial. Assim, a vida não tem nenhum sentido superior àquele que pode ser alcançado no mundo material.

Em seguida, possibilitou “sonhar o sonho impossível”, isto é: o que vocês fariam se realmente acreditassem na mentira de que, em última análise, não são responsáveis por nada nem diante de ninguém, por toda a eternidade? De que, em vez de um propósito e plano divino, não há nada além do acaso? Ora, provavelmente se libertariam de todos esses absolutos morais e evoluíam para o “lado certo da história”.

Além disso, Darwin descreveu o cristianismo como uma “doutrina condenável” por afirmar que aqueles que não se arrependem de seus pecados nem apelam diretamente ao perdão do carpinteiro passarão a eternidade conosco. Dizia isso porque, se houvesse verdade no cristianismo, seus entes queridos estariam aqui embaixo. E estão; ele mesmo também está. Direi a ele que mandaram um abraço.

Darwin elaborou toda uma visão de mundo baseada *no que ele queria que fosse verdade*. Assim como tantos de vocês, que são sua prole espiritual. Vocês também não querem que as palavras pútridas daquele livro horroroso sejam verdadeiras, e por isso optaram pela ignorância intencional que lhes permite fazer o que quiserem com suas carteiras e zíperes. Claro, nós pusemos a cenoura na frente de suas caras miseráveis, mas vocês a morderam de bom grado e por vontade própria, a comeram e depois voltaram pedindo mais. Como seus antepassados, Adão e Eva, muito antes de vocês, agiram com meu Mestre.

Darwin tornou-se o sábio desta época porque deu um ar de inteligência e esclarecimento à negação do primeiro pressuposto da

mente sensata: não se pode tirar algo do nada. Em outras palavras, vocês tinham que vir de algum lugar, assim como nós. Nós viemos do mesmo lugar, e agora, graças a mim (e a Darwin), ambos também estamos indo para o mesmo lugar! Eu serei o único a me divertir quando chegarmos — provavelmente às suas terrivelmente dolorosas custas.

Todo o humanismo, naturalismo e ateísmo que atualmente estão atropelando a sua civilização inspiram-se na obra de Darwin. Ele é sua fada madrinha, que lhes concedeu tudo que seus corações pecaminosos desejavam.

É claro que nossas filosofias diabólicas existiam muito antes de Darwin, mas até ele aparecer elas tinham sido largamente rejeitadas pela civilização ocidental. Com Darwin, percebemos que apenas criar sistemas religiosos concorrentes não era suficiente para destruir vocês. Porque qualquer coisa que os encoraje a buscar um poder superior pode ser mais facilmente direcionada ao único poder superior, uma vez estabelecida a premissa de que um poder superior existe.

Gloriosamente, Darwin e seus sucessores (Marx, Nietzsche, Freud, Dewey, Sanger, Lenin, etc.) deram-nos a boa-fé intelectual para convencê-los de que *vocês* são o seu próprio poder superior. Mas sejamos sinceros, não foi preciso muito para persuadi-los, então não vamos exagerar no crédito ao velho Chuck (é assim que o chamamos aqui, quando está sendo atormentado). Afinal, vocês querem se libertar dos mandamentos de nosso querido e velho pai tanto quanto nós.

Até fizemos com que abraçar esse pensamento mágico se tornasse algo “progressista”. Ora, ninguém veria um centavo caído na calçada e presumiria que ele havia simplesmente evoluído para sua forma atual, de modo aleatório e por conta própria, ao longo de milhões de anos. Quem quer que afirmasse tal coisa seria considerado louco. No entanto, dizer algo tão fantástico a respeito de uma criação muito mais complexa, como, no caso presente, o ser humano, habilita alguém a

ocupar um cargo em qualquer instituição de (des)aprendizagem superior.

Um por um, nossos “progressistas” começaram a assumir o controle das suas instituições e a expurgar zelosamente seus pensadores, como todo bom fundamentalista faria. Nossa primeira grande vitória ocorreu no final do século XIX, quando começamos a assumir o controle das principais escolas de direito, como Harvard.

Na época da sua fundação, a lei ensinada às gerações que formaram seu país era a “lei natural”. Ou aquilo que sua Declaração de Independência chama de “as Leis da Natureza e do d\*\*s da Natureza”, de que já falei. A forma como essa lei foi aplicada nas suas escolas de direito saíra dos escritos e ensinamentos de homens como Agostinho, Tomás de Aquino, Locke e Blackstone. Eles observaram corretamente que nosso querido e velho pai havia incorporado na criação certos mecanismos de aplicação óbvia, a fim de restringir o mal, o que também já expliquei. Em outras palavras, fazer coisas ruins traria consequências, desencorajando vocês, miseráveis sacos de carne, de destruir completamente o lugar.

Essa teoria jurídica postulava que a lei natural tinha sido originalmente revelada pelo gago, nos “dez mandamentos”. Sim, suas leis cívicas se baseavam, na origem, nos princípios revelados naquelas tábuas de pedra, e eu poderia citar os volumosos escritos dos seus pais fundadores que confirmam isso. Vocês só não acreditam em mim porque eu consegui que isso não fosse mais ensinado nas escolas. Mas, ei, se vocês não acreditam no que eu digo, o problema é seu.

Tudo bem, eu provo. Eis como os “dez mandamentos” foram a base das leis cívicas que criaram o Estado de direito nos Estados Unidos da América:

1. *Não terás outros deuses diante de “você sabe quem”* — A Constituição de cada um dos estados menciona e agradece a “você sabe quem” por sua existência, liberdade ou ambos.

2. *Não farás ídolos* — O Estado não é deus. Apenas “você sabe quem” é. Portanto, o Estado não pode estabelecer uma religião, nem restringi-la.

3. *Não tomarás o nome de “você sabe quem” em vão* — O nome de d\*\*s é tão sagrado que cada autoridade eleita deve fazer um juramento de integridade e lealdade “com a graça de d\*\*s”. Um lembrete de que, ao trair seu juramento aos seus compatriotas, na verdade se estará traindo “você sabe quem”.

4. *Lembra-te do dia de sábado, para santificá-lo* — Dias de lembrança (sábado para os judeus, domingo para os cristãos, feriados religiosos, observâncias etc.) são protegidos e viabilizados pela lei.

5. *Honrarás teu pai e tua mãe* — Os pais eram o árbitro final sobre a melhor forma de criar, educar e preparar seus filhos para a vida adulta. Somente em situações extremas o Estado interferiria; casos como de abuso físico, sexual e/ou emocional comprovado.

6. *Não matarás* — O “inalienável” direito à vida mencionado na Declaração de Independência.

7. *Não cometerás adultério* — A lei civil reverenciava tanto o sacramento do casamento que, originalmente, criminalizava o comportamento sexual fora da aliança matrimonial.

8. *Não roubarás* — Os direitos de propriedade privada eram protegidos por lei.

9. *Não prestarás falso testemunho contra o teu próximo* — Perjúrio é crime. Vocês até depuseram um presidente por isso. Além disso, fraude era motivo para a quebra de contratos, que eram tratados como pactos cívicos na lei natural e, portanto, somente em circunstâncias extremas poderiam ser quebrados. Mentira, falso testemunho, engano — coisas comuns em sua época — eram considerados circunstâncias extremas naquela época.

10. *Não cobiçarás* — Não se tem “direito” àquilo que não se obteve nem lhe pertence; mas na meritocracia americana todos têm as mesmas oportunidades de vencer ou fracassar.

Querem saber de uma coisa? Não é justo que só o carpinteiro se divirta. Permitam-me explicar melhor a lei natural em forma de parábola. Só que, ao contrário das parábolas do carpinteiro, esta vocês realmente vão entender.

Era uma vez um homem que estava pilotando um avião prestes a cair. Contrariando o conselho dos controladores de tráfego aéreo, os pastores dos céus, por assim dizer, o homem decidiu que poderia pilotar seu avião através de uma tempestade para economizar combustível e tempo, porque aquela era a rota mais direta para seu destino.

Ele decidiu escolher seu próprio caminho porque era o caminho mais fácil. Escolheu um atalho em vez de seguir o conselho dos que foram treinados para saber mais do que ele nesses assuntos. Resolveu o problema com as próprias mãos.

Claro, houve quem o alertasse contra voar em meio à tempestade; em geral, aviadores mais experientes do que ele, que deviam saber do que estavam falando. Mas eles não faziam ideia de sua pressa. Tinha de chegar a certo lugar e um atraso não era admissível.

Além disso, o combustível hoje em dia não é barato e ele estava com um orçamento apertado. Teria sido capaz de arcar com os custos do combustível e seguir o caminho mais seguro, mas assim que chegasse ao seu destino, não teria os recursos necessários para se divertir como queria.

“Afim, quem são esses controladores de tráfego aéreo?”, pensou ele. “Quem morreu e os deixou no comando? Não se pode dizer que sejam perfeitos. Não preciso ouvi-los o tempo todo. Eles não estão aqui, vendo o que estou vendo e sentindo o que estou sentindo. Então, quem são para julgar o que é certo?”

Já havia voado com mau tempo e sempre se esquivara de relâmpagos e turbulências. Não precisava aprender com os erros dos outros. Sabia o que estava fazendo. Além disso, quem não sabe fazer sabe falar, não é?

Infelizmente agora, depois de não ter conseguido que seu *mayday* fosse ouvido por causa da interferência no rádio causada pela tempestade, e confrontado com a triste realidade de que muitas vezes havia tentado o destino de forma imprudente, ele ainda não estava disposto a engolir seu orgulho.

Recusava-se a acreditar que seu destino estava prestes a se consumir. Recusava-se a aceitar que não conseguiria manter seu avião no ar. Ainda acreditava que, fosse lá o que viesse, só dependia dele.

Então, de repente, pelo canto do olho, viu um paraquedas. Há muito tempo a poeira o cobria, e ele nem se lembrava com certeza de como usá-lo. Sempre se orgulhara de nunca ter abandonado a nave e de seu — até agora, pelo menos — perfeito histórico de voo.

Por um momento, todo o seu orgulho se foi e entrou em sua mente a convicção de que sua vida estava realmente em jogo. Seus pensamentos começaram a se alternar.

Uma parte dele dizia: “Isso é bobagem. Pegue o paraquedas. Ejete. É apenas um avião. Sua vida vale mais. Você está recebendo uma segunda chance para viver e com pensar algumas coisas que gostaria de ter feito de outra maneira. Você pode escolher a vida. Isso é óbvio. Considere isso uma bênção e aceite socorro”.

Mas outra parte dele dizia: “Nunca desista. Você consegue. Chegou até aqui com outros duvidando de você. Quando as coisas ficam duras, os duros seguem em frente. Não vai se render agora, vai? Você não é fraco. Não precisa ser salvo por um paraquedas. Além disso, será que ele funciona mesmo? Está parado há tanto tempo que pode falhar, e assim você trocaria uma morte por outra. Pelo menos aqui você

controla seu próprio destino. Se pular, tudo dependerá do paraquedas. Mas se ficar e lutar, terá uma chance de viver”.

Agora adivinhem que lado do cérebro do homem venceu.

Ele decidiu que o paraquedas era muito arriscado e não quis depender de outra coisa para resgatá-lo. Sabia como manter o avião no ar, sabia como voar sozinho e sabia que essa era sua melhor chance de salvar sua vida.

Ou assim pensava.

E acontece que ele pensou errado.

Horas depois, enquanto a perícia vasculhava os destroços do avião e recorria a registros dentários para identificar seus horríveis restos mortais, a única coisa que encontraram intacta foi o paraquedas.

Um dos peritos disse ao outro:

— Ninguém disse a este homem como poderia se salvar? Ele não tinha treinamento em uso de paraquedas?

O outro perito ressaltou que ele devia sim ter recebido treinamento para saltar de paraquedas, pois é necessário para obter o brevê de piloto. No entanto, há pessoas que se recusam a acreditar que precisam ser resgatadas em qualquer circunstância, e recebem o treinamento apenas como uma formalidade necessária para atingir um fim.

E depois perecem em catástrofes, porque o que importa é estar no controle e ser livre. Nunca consideram que estão mortos porque violaram a lei da gravidade.

Mesmo que ignorem a lei da gravidade, ou ajam como se só elas fossem capazes de desafiar-la, a lei da gravidade está sempre vigente. Ela nunca muda.

Tudo bem, sacos de carne, vocês entendem que, nesta parábola, a gravidade simboliza a lei natural? Que ela estava vigente muito antes de vocês aparecerem e continuará vigente muito depois de vocês virarem adubo? E que, portanto, a lei natural não muda por causa de vocês, mas vocês devem mudar por causa dela? Que afrontar e rejeitar essa lei natural os torna tão tolos quanto o piloto que decidiu abrir mão do paraquedas?

Não, claro que não entendem. Pelo fato de eu ser seu espírito animal, vocês estão vivendo de acordo com a lei da selva.

Escusado será dizer que, se queríamos que sua sociedade se aproximasse de nós, não podíamos permitir que essa lei natural permanecesse como um pilar dessa mesma sociedade. Portanto, tratamos imediatamente de substituir a sua lei natural baseada nos seus “dez mandamentos” por uma lei nossa.

Às vezes, nossa lei falsa é chamada de “positivismo jurídico” ou “jurisprudência” por palhaços que impressionam vocês só por causa das letras que se seguem aos seus nomes. Mas, na verdade, eles são apenas vigaristas vendendo a vocês um nome absurdo (precedente) para o ato de basear a lei nas opiniões de homens caídos e não em algum tipo de padrão absoluto dado por “você sabe quem”. Essa pílula venenosa acabou sendo engolida por quase todas as faculdades de direito dos dias atuais.

E agora, um século depois, fora alguns ingratos chatos como aqueles do Alabama, dificilmente se consegue encontrar um juiz ou um advogado que não tenha sido cooptado pelos nossos esquemas — independentemente da sua política. Desgraça, eles estão tão condicionados que muitas vezes até os advogados “conservadores” se curvam à premissa de que é o homem, e não “você sabe quem”, quem manda por aqui; e a tal ponto que nos ajudarão a silenciar seus próprios aliados que ousarem desafiar nosso pensamento grupal.

Com o Estado de direito virado de cabeça para baixo, tivemos em seguida de garantir que seu sistema educativo fosse incapaz de permitir que, no futuro, uma nova geração surgisse e desfizesse o nosso trabalho sujo. Assim, os nossos agentes “progressistas”, como Dewey (aquele do “sistema decimal de Dewey”), trocaram a sua meritocracia educacional, baseada na cidadania e no pensamento crítico, por um modelo centrado na autoestima e baseado na vitimologia e na doutrinação.

A busca pela verdade agora é poeira ao vento, cara. A autoatualização é que importa. E, claro, se alguém atrapalhar sua autoatualização, trata-se de um fanático.

Por culpa das Cruzadas.

Observar o que atualmente é “debatido” em sua cultura é mais engraçado que uma piada de George Carlin. Como disse no púlpito um dos nossos atuais agentes: “As galinhas da América estão voltando para o poleiro”.

O fruto amargo de um século do meu trabalho árduo aparece, todos os dias, nos seus meios de comunicação de elite. Se alguém ousar repetir as verdades do carpinteiro ou daquele livro horrível na esfera pública, será instantaneamente visto como um fanático racista/misógino/homofóbico/xenófobo. Indigno até mesmo de ter suas opiniões levadas em conta. Porque fanáticos não têm direitos, não sabia?!

O segredinho sujo é que seus “progressistas” na verdade são nossos “regressistas”. Eles destroem sistematicamente os alicerces do seu “excepcionalismo americano”, tijolo por tijolo, como um enxame de gafanhotos. Poderiam muito bem ser o maior exército invasor que já criamos, especialmente se considerarmos que foram quase totalmente comprados e pagos por vocês, contribuintes americanos!

No passado, tínhamos que atacar ameaças como vocês de fora para dentro, mas agora vocês se apegam tão amargamente ao seu xarope de

milho rico em frutose e seus desvios sexuais que nem precisamos construir um cavalo de Troia para passar pelo portão da frente. Assim como um viciado em crack procura um traficante, vocês nos procuram e nos convidam a entrar.

É assim que o mundo expira. Não com uma explosão, nem sequer com um suspiro, mas com o pai mais preocupado com seu time de futebol imaginário do que com seus filhos. Com a mãe de família compartilhando pornografia sadomasoquista autodepreciativa com outras donas de casa tão desesperadas quanto ela. E as crianças, ou pelo menos aquelas que não foram abortadas, aprendendo o certo e o errado através do currículo escolar e da cultura pop, muitas vezes escolhidos a dedo por nós.

Vocês se tornaram uma sádica sinfonia de autodestruição e eu sou seu regente. Meu Mestre é seu maestro.

Bis! Bis!

## CAPÍTULO VI: DECLÍNIO

Alguns de vocês têm idade suficiente para se lembrar daqueles desfiles anuais do dia do trabalho que, em tempos passados, a agora extinta União Soviética promovia.

Todos os anos, no dia primeiro de maio, os soviéticos expunham na rua um fluxo interminável de poderio militar — tanto homens quanto maquinaria. O que pretendiam era demonstrar força para vocês no Ocidente. Era uma forma de propaganda concebida para reforçar o mito da superioridade soviética.

Ah, claro, por algumas décadas após a Segunda Guerra Mundial, isso não foi um mito. A União Soviética era realmente o nosso império do

mal. Mas à medida que se aproximava o alvorecer da era tecnológica, na década de 1970, o poder soviético ia definhando. Os líderes soviéticos foram covardes demais para perceber isso na época. A confirmação devia ter sido o fato de os soviéticos não conseguirem derrotar o arcaico Afeganistão nem mesmo em dez anos, quanto mais em quinze minutos.

No entanto, cada mês de maio, enquanto vendíamos nossos produtos naquele desfile, seus líderes idiotas tremiam, convencidos de que ainda éramos uma superpotência. Mas o éramos apenas no nome. Após anos de intriga e trapaça na oligarquia do Politburo,<sup>23</sup> nos havíamos canibalizado, e nos bastidores já não havia uma nova geração de déspotas esperando para substituir seus predecessores. Fizemos um trabalho tão bom enchendo o governo de estatistas irresponsáveis que eles se devoraram uns aos outros. Afinal, só pode haver dois Lordes Sith no lado negro da força (um mestre e um aprendiz).

Homens que já haviam passado do seu apogeu subiam ao poder e morriam logo depois. Os soviéticos só tiveram três chefes de Estado de 1924 a 1982, mas depois tiveram três líderes diferentes entre 1982 e 1985. Isso teve os seus efeitos na estrutura de liderança soviética.

Além disso, vocês acabaram elegendo um presidente que percebeu nosso blefe. Ele não acreditava que éramos tudo o que fingíamos ser, e desencadeou completamente todo o seu poder econômico numa corrida armamentista para tentar vencer a Guerra Fria de uma vez por todas.

Tivemos que nos autocanibalizar ainda mais para tentar manter o passo, e isso levou nossos recursos ao limite. O sistema econômico soviético não permitia a inovação por parte de uma classe empresarial incentivada a assumir riscos na esperança de obter lucro, então a criação de mais riqueza e a recapitalização de ativos já existentes não eram opções. Ficamos falidos quando o dinheiro alheio que tínhamos para gastar acabou.

Enquanto seu Vale do Silício começava a revolucionar o mundo, a União Soviética ainda estava presa na tentativa de monetizar a mesma economia estatizada que vinha da década de 1950. A URSS tornou-se um telefone com discagem de pulso no mundo dos microcomputadores.

Assim, os desfiles de Primeiro de Maio tornaram-se muito mais difíceis de realizar. Estávamos literalmente pintando sucata para exibir como modernas máquinas de guerra. De fora, ainda parecíamos ameaçadores, e por isso seus esquerdistas temiam que seu presidente os depauperasse até o limite e, ao mesmo tempo, nos provocasse desnecessariamente. Eles ainda engoliam nossa propaganda. Mas seu presidente tinha razão, e manteve a bota na nossa garganta. Isto é, aquilo que ele chamou de “paz através da força”.

Ele presumiu, corretamente, que a União Soviética estava numa situação de decadência, ou seja, tornou-se aquilo que o carpinteiro certa vez descrevera como um “sepulcro caiado”. Algo que parece imaculado por fora, mas por dentro, na verdade, não contém nada. Em dado momento, a União Soviética cedeu à *perestroika* (ou “abertura”) e, assim que as comportas foram abertas, a barragem se rompeu.

Felizmente, parece que o jogo virou.

Embora estivéssemos preocupados que a “Revolução Reagan”<sup>24</sup> pudesse inspirar um avivamento americano, estragando gerações de trabalho que já havíamos realizado para derrubar vocês, a boa notícia para nós foi que as instituições que havíamos assumido resistiram ao alerta passageiro na tela de nosso radar. E assim que vocês perderam um líder tão talentoso e carismático, capaz de conduzi-los de volta à sua terra prometida, essas instituições — incluindo algumas do mesmo partido político que ele — imediatamente começaram a trabalhar para desfazer todos os danos que ele nos tinha infligido.

Foi por isso que, de uma forma estranha, passei a gostar bastante dos anos Reagan. Só porque, por um momento, seu povo tivera um

vislumbre do que podia ser, permitindo-me tirá-lo novamente de vocês. A única coisa melhor do que destruir uma civilização uma vez é destruí-la duas vezes.

Agora vocês estão onde a União Soviética estava durante sua agonia. Por fora, parece que estão bem, mas por dentro já são um cadáver em decomposição. Estão, literalmente, a poucos passos do monturo da história. Seus políticos já não são pastores encarregados de preservar o chamado “excepcionalismo americano”. Assemelham-se mais a agentes funerários, embalsamando a carcaça para evitar que apodreça.

Permitam-me fornecer três provas para defender minhas alegações:

### *Família*

Cerca de 70% dos homens americanos com idades entre 20 e 34 anos não são casados, e muitos deles vivem em estado de “adolescência perpétua”, de acordo com um estudo realizado por Janice Shaw Crouse e apresentado em seu livro *Marriage Matters*.<sup>25</sup> Nem é preciso dizer que esses anos são o auge de sua vida reprodutiva, e que a maioria dos seus homens estão se omitindo. Ou, pelo menos, estão botando filho e largando as mães. As *millennials* têm a taxa de natalidade mais lenta de todas as gerações de mulheres jovens na história dos EUA.

Quase um terço dos seus *millennials* nem sequer vivem como adultos independentes, de acordo com dados do censo dos EUA, mas ainda estão em casa com mamãe e/ou papai. Ou ambas as mães, ou ambos os pais, ou alguma outra “diversidade nas estruturas familiares”. Seu censo mais recente também descobriu que, pela primeira vez, os conjuntos familiares iniciados por casamentos heterossexuais são minoria na sua cultura.

Nem é preciso dizer que vocês não vão vencer a batalha para salvar uma instituição da qual a maioria da sua próxima geração nem sequer participa. O instinto mais básico de uma sociedade é perpetuar-se,

mas vocês são preguiçosos e egocêntricos demais para se enroscarem e fazerem aquilo.

Afinal, por que um jovem deveria conseguir um emprego e uma casa própria para poder cortejar com sucesso a mulher que deseja? Isso dá muito trabalho, especialmente quando ele já tem duas mãos — uma para clicar com o *mouse* em *sites* obscenos, outra para fazer o serviço. O bom livro não diz “faze com presteza tudo quanto pode fazer a tua mão”?

Por outro lado, talvez seja melhor não passar seu fundo genético adiante. Dos quinze países que participaram de uma pesquisa realizada pela Universidade de Princeton sobre as competências profissionais dos *millennials*, apenas a Espanha obteve uma classificação pior do que os Estados Unidos.

Resumindo, sua geração emergente tem menos adultos bem ajustados do que nunca, menos famílias do que nunca e menos chefes de família qualificados do que nunca. Fora isso, as expectativas para seu futuro são as melhores. Só acaba quando apita o juiz, que está olhando para o apito e o relógio que eu dei....

### *Igreja*

Adoro ler o trabalho de um pesquisador chamado George Barna, porque quase tudo em sua obra são más notícias para vocês e boas notícias para nós. Costumo relatar suas descobertas ao meu Mestre para mantê-lo atualizado sobre o maravilhoso progresso que estou fazendo com vocês. Os dados mais recentes de Barna são especialmente promissores.

Apenas dois em cada dez *millennials* acreditam que é importante ir à igreja, e os 59% deles que cresceram indo à igreja desistiram em algum momento. Mais da metade dos *millennials*, por algum motivo, não foram a nenhuma igreja nos últimos seis meses. Apenas 36% dos americanos consideram-se frequentadores regulares da igreja, sendo

que a definição atual de “frequentador regular” é alguém que comparece uma vez a cada quatro ou seis semanas.

Menos de 10% dos americanos ainda acreditam nos ensinamentos centrais daquele livro horroroso: crendo que existe uma verdade moral absoluta, que a Bíblia é totalmente correta em todos os seus ensinamentos, que o meu Mestre é uma força real e não um mero símbolo, que uma pessoa não pode ir para o Céu por conta própria através de suas boas obras, que o carpinteiro viveu uma vida sem pecado na Terra, e que “você sabe quem” é o criador onisciente e todopoderoso que ainda hoje governa o universo.

Permitam-me traduzir para vocês o que isso significa: vocês estão fritos.

Boa sorte sendo uma sociedade que, não mais acreditando e obedecendo a d\*\*s, tem um governo baseado em direitos dados por d\*\*s. Se seus direitos não são dados por d\*\*s, o governo é dono do seu rabo. E como o governo é nosso, nós somos seus donos.

### *Partidos políticos*

Numa república representativa como a sua, os partidos políticos são um mal necessário. Seus pais fundadores detestavam todos, mas os formaram quase imediatamente após o nascimento da nação. Lembrome da frase cativante de Jefferson: “Se eu devesse ir para o Céu apenas com membros de um partido político, preferiria não ir”.

Desde o fim da Guerra Civil, seu país tem sido governado por um sistema bipartidário. A propósito, obrigado por facilitar as coisas para nós. É muito mais difícil corromper várias entidades de uma vez; mas havendo só duas, só temos de corromper uma delas. Porque um sistema bipartidário acabará por se tornar um duopólio, mesmo sem nossa ajuda.

Tudo que é preciso é estabelecer uma classe dominante entrincheirada de políticos carreiristas, mais dedicados a manter seus

bolsos cheios do que a pressionar a inteligência uns dos outros em questões importantes. Vocês mesmos cuidarão disso, porque são desses. Como apontou o historiador Bill Federer, sua natureza decaída por si só faz com que sempre acabem trocando a mudança pelos grilhões.

Ou como diz um dos meus vilões favoritos da cultura pop: “Vocês foram feitos para ser governados”.

Essa é agora sua cultura política em geral, e nos lugares onde este ainda não é o caso, em breve será. O dinheiro falso do Estado de bem-estar social que discutimos há alguns capítulos é bom demais para ser rejeitado.

Seu sistema político é, atualmente, como a luta-livre profissional, com cada lado desempenhando seu papel de herói/anti-herói ao máximo para a câmera, dependendo das massas que precisem ser manipuladas no momento. Mas é tudo espetáculo. Uma vez apagadas as luzes, eles voltam a ser amigos íntimos, reunidos com seus doadores (ou seja, cafetões e *sugar daddies*),<sup>26</sup> muitos dos quais doam toneladas de dinheiro para ambos os lados.

Agora, tantos dos seus políticos foram cooptados que, quando alguém de princípios é eleito e tenta desafiar a corrupção, é instantaneamente rotulado pelos sicofantas e porta-vozes do sistema de “radical” que não sabe trabalhar em equipe.

A traição nunca vence, mas por que motivo? Porque sempre que a traição vence, ninguém ousa chamá-la de traição. Sim, eu sei que já disse isso. Mas vale a pena repetir mais uma vez, pois explica a sua própria condição. No tempo deles, seus pais fundadores enforcavam traidores. Vocês os subsidiam.

Por isso não existe, a nível nacional, uma oposição política organizada à nossa agenda. Onde quer que busquem ajuda, vocês são frustrados pelos líderes do seu Partido Republicano dentro-do-

sistema, antes mesmo que façam algo contra o Partido Democrata, que tem o nosso programa explicitamente proposto na sua plataforma. Desgraça, a verdade é que o primeiro em meio à multidão a vaiar “você sabe quem” na convenção de 2012 fui eu.

Vocês têm apenas bolsões de resistência, mas eles logo cairão. Ou se juntarão a nós para garantir uma cadeira antes que a música silencie, ou serão invadidos pela burocracia governamental e pelo esgoto não tratado da cultura.

Vocês estão em uma terra de ninguém. Deixamos apenas o suficiente para que a maioria de vocês, apegando-se ao conforto em que, como criaturas, se instalaram, não ficasse tentada a derrubar o próprio sistema que os escraviza. Mas caso alguns de vocês descubram o que está acontecendo, seu ponto de vista não será bem-vindo na mídia tradicional. Fechamos a janela de Overton (você pode pesquisar isso no Google).<sup>27</sup>

Nós enraizamos esta decadência inevitável em sua civilização, arrastando-os ao longo de um modelo de sete estágios dos maiores enganos do meu Mestre. A seguir, falarei sobre cada um dos estágios, mas devo avisá-los com antecedência: isso vai machucá-los por dentro.

### *Estágio 1 — Gnosticismo*

Da palavra grega para “conhecimento”, o engano original do meu Mestre é convencê-los de que “você sabe quem” está escondendo algo sobre vocês e não lhes contou tudo que têm direito de saber. O melhor resumo é esta pergunta: “Foi isso mesmo que d\*\*s disse?”. A pergunta que meu Mestre fez a Eva e desencadeou sua queda.

O gnosticismo também promove a ideia de que, se nosso querido e velho pai realmente compartilhou seus segredos, só o fez com um seleto grupo de pessoas especiais. Como essas pessoas especiais têm esse super-hiper conhecimento, são melhores que vocês e provavelmente deveriam lhes dizer em que acreditar e como viver.

Maravilhosamente, isso mina a credibilidade daquele livro horroroso já de saída. Pois como ele pode ser a “palavra de d\*\*s” se não contém todas as suas palavras? Uma vez aceita nossa premissa de que aquele livro horroroso é insuficiente em questões de verdade e graça, realmente não nos importa mais em que vocês acreditam. Porque o mais provável é que suas crenças venham de nós.

No Antigo Testamento veem-se histórias de “profetas” pagãos como Balaão, que foram contratados por reis e nobres para amaldiçoar seus inimigos, ou a bruxa de Endor, a quem o Rei Saul recorre para falar com o espírito do falecido juiz Samuel. O Antigo Testamento proíbe claramente o uso desse tipo de misticismo e de ocultismo. No entanto, notem que o texto não diz que essas forças espirituais são irreais, mas sim que são coisas com que vocês não deveriam se envolver.

Sabem por quê? Porque essas forças espirituais somos *nós*.

Ao contrário do que aquele livro horroroso ensina sobre o seu corpo ser um templo do Espírito Santo, o gnosticismo também trata o corpo físico com desdém, uma vez que o conhecimento é o poder que salva. Portanto, o que vocês fazem com seu corpo físico não tem nenhuma consequência, e são livres para saciar sua carne como acharem melhor. É por isso que muitas das nossas práticas ocultas e místicas incluem devassidão sexual. Também explica por que o fascínio pelo ocultismo e a licenciosidade sexual surgiram em sua cultura simultaneamente. São o ébano e o marfim, vivendo juntos em perfeita harmonia.<sup>28</sup> Duas farinhas do mesmo saco. Dois lados da mesma moeda. Vocês entenderam.

Eis o discurso atual. A salvação não está no arrependimento, mas na educação (conhecimento). Os que têm maior conhecimento são automaticamente tomados como especialistas capazes de dizer a todos no que acreditar e como agir. Observem que a palavra “conhecimento” substituiu a palavra “sabedoria”. Porque a sabedoria está associada a “você sabe quem” (por exemplo, “o temor do Senhor é o princípio da

sabedoria”). O conhecimento, por outro lado, pode ser carnal e totalmente centrado no homem.

Da sabedoria se depreende que a verdade preexiste e só precisa ser encontrada. Mas o termo “conhecimento” insinua que se pode aprender sua própria verdade ou encontrar novas verdades. Incluindo sua própria (ou nova) “verdade” moral. É por isso que na sua cultura, quanto mais instruído, maior será a probabilidade de que apoie a redefinição de valores morais há muito estabelecidos (as novas “verdades morais”).

O bônus é como o fiel normalmente responderá a tais desafios, o que nos leva ao segundo estágio.

### *Estágio 2 — Legalismo*

O que o gnosticismo tem de melhor é que não desestabiliza apenas a visão de mundo dos incrédulos, mas também dos fiéis. Muitas vezes, a turma religiosa responderá aos desafios das palavras de “você sabe quem” com seus próprios raciocínios e interpretações, em vez de confiar nas palavras dele propriamente ditas.

Isso é chamado de “legalismo”, termo que no escopo da nossa conversa pode significar:

Enfatizar as tradições criadas pelo homem ou as próprias interpretações em detrimento das palavras explícitas de “você sabe quem”.

Seguir a letra da lei em detrimento do seu espírito.

Por exemplo, quando meu Mestre tentou Eva no Jardim (“coma o fruto proibido e seja como d\*s”), ela respondeu repetindo o mandamento dele (“não comam o fruto”) fora de contexto — incluindo um toque de sua própria autoria (“não toquem na fruta”). Ele nunca tinha dito a Adão e Eva que não podiam tocar na fruta; apenas que não podiam comê-la. Ele não se importaria se jogassem

peteca com a fruta. Simplesmente não queria que a ingerissem, ou a fruta acabaria com eles.

Infelizmente para sua espécie, sua velha (Eva) respondeu à nossa distorção da ordem dele com uma distorção criada por ela mesma.

Daquele ponto em diante ela estava no papo, pois agora a batalha era um duelo de distorções. Neste jogo, somos sempre o time que joga em casa. A clareza moral fornecida pelo nosso querido e velho pai tinha sido removida da equação, e agora tratava-se de nada mais que a palavra dela contra a nossa. Numa situação como essa nós ficamos à vontade, pois o meu Mestre é um manipulador magistral.

Ainda é assim que muitas vezes o processo se desenrola, milhares de anos depois. Quando fiéis entram em disputa, quase nunca se baseiam diretamente nas palavras daquele livro horroroso, mas em suas próprias opiniões, que frequente e arrogantemente apresentam como a própria palavra de “você sabe quem”. Hoje em dia, isso é perfeitamente observável nas redes sociais, onde muitas vezes as piores e mais estúpidas discussões são debates teológicos, e vocês realmente exibem sua insolência e arrogância diante daqueles que não creem, deixando-os perplexos. A propósito, essa não é uma boa técnica de vendas.

Estamos falando de gente que sabe mais sobre por que sua denominação proíbe ou não uma prática específica do que por que o carpinteiro tinha que nascer de uma virgem (não que eu esteja confirmando essa história). Frequentemente, eles têm maior paixão por suas teorias favoritas a respeito do fim dos dias do que por aprender o que as palavras daquele livro horroroso têm a dizer sobre como viver aqui e agora.

Os fiéis americanos, em sua maioria, realmente não se importam com os fundamentos substantivos da sua fé, que consideram irrelevantes ou que não têm capacidade de atenção para compreender, mas se mostram muito mais intrigados com os aspectos fantásticos e exigentes de sua religião. E muitas vezes essas são coisas que nasceram

da mente dos homens, e não da boca de “você sabe quem”. Ele facilitou tanto as coisas para vocês que eu chego a me sentir enjoado. Há coisa mais simples que “creia e será salvo”?

No entanto, vocês não querem o simples. Preferem complicar muito. Isso também é influência do gnosticismo. Uma vez que o fiel encontra o que procura, aquilo não basta; então continua procurando por algo mais.

Claro, não há nada mais do que uma conexão/relacionamento direto com o ser mais poderoso do universo, mas isso vocês ignoram. Melhor ainda, desprezam.

As palavras de “você sabe quem” são uma das forças mais poderosas do universo. Ele usou palavras para trazer a criação à existência. Veio a este mundo miserável como “o verbo que se fez carne”. A pregação e o ensino de sua palavra são o que leva vocês, primatas, a ter fé nele. Nós não podemos derrotar sua palavra, mas podemos distorcê-la. Na maioria das vezes vocês até nos ajudam nisso.

No entanto, mesmo quando distorcemos a palavra dele, vocês ainda desejam saber por que existe o mal no mundo e esperam que o bem triunfe. O estágio três fornece as respostas falsas que vocês procuram.

### *Estágio 3 — Dualismo*

Afastar a supremacia de nosso querido e velho pai e de sua palavra tem seu lado negativo. Como explicar o mal?, para dar um exemplo. Se não conseguíssemos apresentar respostas falsas convincentes para perguntas desse tipo, vocês poderiam vir a ser reconduzidos às respostas genuínas.

Ora, a verdadeira explicação de por que existe o mal no mundo é esta: Adão e Eva ficaram do lado do meu Mestre contra “você sabe quem”. Assim, a humanidade foi reprovada em seu primeiro teste e sua espécie ficou manchada com o que é conhecido como “pecado original”.

Muitos de vocês foram ensinados a zombar do termo, porque eu sou bom no que faço. Mas posso assegurar-lhes que o pecado original é muito real. As catacumbas do Inferno transbordando de almas atormentadas dos condenados confirmam sua veracidade. É claro que, se não tenho reservas ao dizer isso aqui, é porque vocês, de toda maneira, já estão estragados demais para acreditar.

O mal existe no mundo porque *vocês* existem no mundo. Vocês são maus. Nós não os tornamos maus. Nós os tentamos a ser maus, mas só podemos tentá-los com o que desejam. Ou alguma vez se sentiram tentados pelo que não desejavam? Nós os tentamos com o que desejam e então vocês escolhem se entregar. E desejam o fruto proibido com que os tentamos porque vocês não prestam.

Isso os afasta de “você sabe quem”, porque ele é o que se pode chamar de “santo”. Este é um termo hipócrita que significa distinto, completo e sem mácula. Vocês foram criados à imagem dele, de modo que também foram criados em santidade. Mas uma vez que escolheram pecar (rebelar-se) contra ele, contaminaram-se. Agora há entre vocês e ele um abismo que não podem vencer sozinhos, não importa o quanto tentem.

Foi por isso que “você sabe quem” enviou o carpinteiro. O que faz um carpinteiro, senão construir, reconstruir e reparar? No seu caso, o carpinteiro reconstruiu a ponte entre vocês e seu criador. Mas em vez de bater os pregos num projeto, ele recebeu os pregos em si mesmo. Em vez de comprar sangue, suor e lágrimas de trabalhadores, ele mesmo trabalhou e os derramou. No entanto, essa história muito real, que testemunhei pessoalmente e de cujo sofrimento me deixei embeber, agora tornou-se apenas um conto de fadas para vocês. Ou apenas mais uma verdade em que alguém pode acreditar, mesmo que para vocês não seja verdade.

Vocês não acreditam em um d\*\*s santo, justo e distinto. Acreditam no círculo da vida. Que o sobrenatural (d\*\*s) não existe, ou, se existe, é um com a natureza. Isso significa que reduziram o bem e o mal ao seu

nível de sacos de carne, a um duopólio como o *yin* e o *yang*, e se consideram aptos a escolher qual é qual.

Graças a esse dualismo, não acreditam no bem objetivo e no mal objetivo. Essencialmente, acreditam na “força” de *Star Wars*, e o lado escuro ou claro são definidos pelo que dizem e fazem, não por “você sabe quem” enquanto seu criador/juiz transcendente e todo-poderoso, o que faz de cada um de vocês seu próprio deus.

Portanto, não precisam do carpinteiro, e ele sofreu por nenhuma outra razão além do puro prazer que sentimos ao torturá-lo. Nesse caso, a baguncinha sangrenta conhecida como crucificação não foi uma expiação pelos seus pecados, mas apenas um deleite sádico.

Às vezes até eu me surpreendo.

#### *Estágio 4 — Darwinismo (Ateísmo)*

Preferiríamos que vocês não acreditassem no sobrenatural, mas para nós sempre foi difícil ter sucesso em tentar uma cultura a aderir coletivamente ao ateísmo. Vejam, vocês foram criados à imagem dele, mas o pecado cortou a conexão direta, e isso significa que em algum lugar bem no fundo de cada um de vocês há um vazio que só ele é capaz de preencher.

Portanto, fazer com que saltassem para o ateísmo desde o início seria um esforço difícil demais. É um fato antropológico da história que todas as sociedades humanas adoraram algo que consideravam superior a elas mesmas.

A sua será a primeira exceção.

Claro, vocês ainda cantam seus hinos e dão graças a “você sabe quem” em público. Mas essas são meras banalidades, com toda a profundidade e convicção que há numa garotinha ao recitar suas orações antes de dormir, simplesmente porque mamãe e papai a ensinaram a fazer isso. Quando ela crescer e perceber que seus pais

têm pés de barro, abandonará a banalidade do ritual em nome da “sinceridade”. Eu sei disso, vocês sabem disso e, o melhor de tudo, nosso querido e velho pai também sabe disso.

Felizmente, eu inventei um processo alternativo de discipulado.

Primeiro, nós os convencemos de que as palavras daquele livro horrórico não eram suficientes por si só, mas que havia um conhecimento especial reservado apenas para vocês — se fossem especiais o suficiente para alcançá-lo. Então, vocês fizeram sua parte, opondo à verdade dele as suas próprias opiniões.

Com a verdade transcendente praticamente apagada, era chegada a hora de colocar o incrível poder de escolher e definir o bem e o mal na palma de suas mãos úmidas. Agora que não há em suas mentes mais nada que separe o mundo natural do sobrenatural, estão preparados para descartar o invisível completamente.

Através do darwinismo, ou ateísmo, vocês agora têm uma explicação natural das origens do universo, bem como da sua própria origem. É claro que essa teoria não pode ser contestada, porque se alguém não acredita que algo tenha surgido do nada, é um fanático, um idiota, ou talvez ambos. Além de indigno até de um funeral, quanto mais de ocupar um cargo em uma grande universidade em qualquer lugar da planície fecunda.<sup>29</sup>

O pecado original não é mais “sereis como d\*\*s”; “evoluiu” para “você é deus”. Pois se não houve nada de sobrenatural envolvido na criação de vocês ou do cosmos, então não há nada além de si mesmos a que possam prestar contas. Vocês superaram o erro que Adão e Eva cometeram ao comer o fruto proibido e distinguir o bem do mal, pois agora vocês mesmos decidirão o que é bom e o que é mau.

Este estágio lhes deu permissão para fazer o que vocês, sacos de carne, sempre quiseram fazer: adorar a criatura em vez do criador.

“Você sabe quem” não é mais desrespeitado ou distorcido, uma vez que não é mais necessário. Nos filmes de terror antigos, clamavam a ele e seus sacerdotes para salvá-los da entidade demoníaca. Mas nos filmes de terror de hoje, como *Atividade paranormal*, essas opções nem sequer são pensadas, quanto mais buscadas. Em vez disso, vocês confiam em si mesmos ou na ciência (peço desculpas pela redundância).

No entanto, ainda precisam de uma estrutura básica na qual possam tomar decisões e viver suas vidas. Isso nos leva ao que vem a seguir.

### *Estágio 5 — Utilitarismo*

Se quisermos remover completamente “você sabe quem” da equação, algo deverá preencher o vazio. Como vocês tomarão suas decisões? Por qual padrão viverão agora?

Como um agente do caos, prefiro ver vocês passarem para a anarquia total e se aniquilarem. Sentimos imensa alegria em ajudá-los a voltar a ser os sacos de carne que são, apenas para assistirmos ao enredo de *O senhor das moscas* se desenrolando.

No entanto, os ensinamentos do carpinteiro, uma vez incorporados numa cultura, tornam difícil o surgimento de uma anarquia total. É comum que, nas piores circunstâncias, ocorra o que às vezes é chamado de “avivamento”, eventos que em certas situações podem atrasar nosso plano em literalmente centenas de anos. Portanto, precisamos de um caos a que caiam bem um rosto sorridente e calças cáqui. Algo tão bárbaro quanto a anarquia total, mas que possa ser mencionado e aprovado pela classe intelectual.

Por outras palavras, precisamos da nossa própria Las Vegas, que permitiu que a máfia deixasse de matar gente nas ruas e se “legalizasse”. O utilitarismo é nossa Las Vegas.

Segundo o carpinteiro, o primeiro será o último, e o último será o primeiro. O pastor deixa noventa e nove para trás para encontrar a

única ovelha perdida. E vocês devem carregar os fardos uns dos outros.

Segundo o utilitarismo, isso é tudo besteira.

Agora, as necessidades de muitos superam as de poucos (ou de um). Tudo o que é melhor para o bem comum é bom e, claro, não existe mais uma definição objetiva de bem, de modo que se pode usar a palavra para indicar literalmente qualquer coisa. Essencialmente, tudo o que a maioria deseja, ou o que desejam aqueles que estão nos corredores do poder, torna-se bom.

Falaremos mais detalhadamente sobre a indústria do aborto depois, mas é aqui que suas origens podem ser encontradas. “Que cada criança seja um filho desejado”,<sup>30</sup> só para citar um exemplo. Vejam, o valor de uma criança não mais é determinado pelo fato de ser criatura e, portanto, ter um criador que a reconhece como sua, mas pelo fato de um ser caído e pecaminoso — embora já mais desenvolvido — querer ou não cuidar dela.

Outro exemplo seria “vamos matar bebês para controlar a população”. Observe que os escolhidos para serem eliminados do rebanho são os mais impotentes para falar em seu próprio nome e ainda mais para se defender. Ninguém nunca diz “vamos matar todos os fuzileiros navais para controlar a população”, porque quem o dissesse tomaria um couro bem dado se tentasse pôr isso em prática.

Permitam-me apresentar duas provas de que a sua sociedade abandonou completamente as “leis naturais” de que falei anteriormente e as substituiu pela ética utilitarista que vem diretamente do poço do Inferno onde resido.

A primeira é a prevalência das pesquisas na sua sociedade e na mídia noticiosa. Não há mais discussão sobre o que é objetivamente certo ou errado; em vez disso, realiza-se imediatamente uma pesquisa para ver o que o público pensa. E como a natureza humana agora é

basicamente boa, e vocês são seus próprios deuses, o que a maioria pensa é automaticamente bom e adequado!

Sua cultura chegou ao ponto em que os próprios resultados das pesquisas já são a história. Não existe mais nenhum padrão transcendente, apenas as opiniões mais atuais que se tornam o novo padrão. E esses padrões podem mudar da noite para o dia, o que leva ao caos moral.

A segunda é mais anedótica. Certo dia, eu estava assistindo a uma de suas redes de notícias a cabo, que transmitiria uma entrevista com um pastor muito popular. Eu queria ter certeza de que as perguntas que havíamos preparado para nosso servo, que estava apresentando o programa, seriam feitas. A primeira pergunta-pegadinha pretendia ser aberta, a fim de empurrar o pastor famoso pela linda alameda do constrangimento viral.

— Por que você acredita no cristianismo? — perguntou o nosso cara, o âncora do programa.

Sem hesitar nem por um momento, o pastor famoso respondeu:

— Porque funciona para mim.

Imediatamente instruímos a consciência do nosso servo a aceitar essa resposta e não fazer nenhuma pergunta adicional, porque o pastor famoso havia acabado de articular nossa ética utilitarista sem que tivéssemos de provocá-lo. Esse pastor não era um perigo, e sim um recurso para nós, de modo que não havia razão para pôr em risco sua reputação diante do público. Muito pelo contrário, fizemos questão de recompensá-lo com ainda mais contratos de publicação, palestras e fãs devotados.

Notem, se o cristianismo é verdadeiro simplesmente porque funciona para você, isso significa que *qualquer coisa* que funcione para você pode ser verdadeira. O que significa que não há nada que seja transcendentemente verdadeiro ou falso para toda gente, em todos os

lugares e em todos os tempos. A verdade se torna subjetiva, não objetiva.

**Se esse é seu fundamento para acreditar no cristianismo, podem ficar à vontade com ele, e não nos intrometeremos, porque isso não é cristianismo.**

O cristianismo é diferente de todas as outras religiões deste mundo, a maioria das quais inspiramos ou criamos por inteiro. Todos os outros sistemas religiosos se baseiam em credos ou num conjunto de vários “faça” e “não faça”, compostos de fardos que devem ser assumidos, porque sobrecarregar a sua espécie é uma das nossas especialidades.

Mas o cristianismo baseia-se na autenticidade de um fato histórico — o nosso querido e velho pai interveio pessoalmente na história humana para ressuscitar o carpinteiro dos mortos ou não? Novamente, não assumimos nenhuma posição oficial sobre o assunto aqui, mas isso não vem ao caso.

O ponto central é que o cristianismo diz com todas as letras que sua veracidade depende de que toda aquela história de ressurreição tenha acontecido. Aquele livro horroroso diz explicitamente: “Se Cristo não ressuscitou, sua fé é fútil e vocês ainda estão mortos em seus pecados”. O cristianismo não deixa espaço para meio-termo aqui. Diz claramente que se o carpinteiro ainda estiver morto, vão em frente com suas vidas, aconteça o que acontecer, e seus seguidores mais sinceros são os maiores idiotas de todos os tempos. Mas se o túmulo estiver vazio, isso muda tudo e o mundo nunca mais será o mesmo.

Não há nada no cristianismo que afirme a possibilidade de uma pessoa acreditar que a ressurreição é verdadeira e outra não e ambas estarem igualmente certas e justificadas. Como pode haver duas crenças completamente opostas e, ao mesmo tempo, verdadeiras em relação ao fato existencial mais importante da história? Caramba, vocês sacos de carne são mesmo ainda mais crédulos do que eu pensava.

Parece que vou ter que desenhar. Sua cultura está tão ferrada que vocês chegaram a ponto de receber lições de epistemologia de um demônio como eu. Parem e pensem nisso por um segundo. Não, espere, agora que estou pensando: vocês provavelmente não sabem o que significa “epistemologia”, né? Isso prova meu argumento.

Uma coisa não é verdade porque funciona, sacos de carne. Ao contrário, uma coisa funciona *porque* é verdade. Por exemplo, se um cara decidisse que a gravidade não funcionava para ele e se atirasse do topo de um arranha-céu sem paraquedas, ele pousaria em segurança? Não, suas entranhas seriam gloriosamente espalhadas pela calçada lá embaixo. Porque a gravidade é uma verdade objetiva e transcendente. Ela acontece com vocês e sobreviverá a vocês. Também não se pode mudá-la, tem-se de adaptar-se a ela ou se arriscar a sofrer as consequências.

Depois de um tempo, até mesmo uma cultura perdida descobre que não é possível existir por muito tempo sem alguma verdade objetiva. Isso nos leva à próxima fase — *tudo* é verdade.

### *Estágio 6 — Sincretismo*

Trata-se de combinar dois ou mais sistemas de crenças em um sistema já existente ou inteiramente novo, necessário para formar um consenso dentro de uma cultura.

Um exemplo são as “alianças inter-religiosas”, que conclamam várias religiões a deixar de lado o que as torna distintas para que possam servir ao bem comum (como se gente má soubesse o que é o bem comum). Isso também é conhecido como “justiça social”. E também como completa fraude.

É claro que não se pode ter justiça numa sociedade até que primeiro se lide com a natureza injusta que está no cerne da condição humana, mas isso é algo em que, graças a nós, já não se acredita. Por isso, vocês continuarão tentando limpar a parte externa do copo.

Um dos meus exemplos favoritos são aqueles adesivos “CoeXisT”<sup>31</sup> com os vários símbolos religiosos, porque expressam a ideia de forma clara e simples. Como se pessoas que têm divergências profundas sobre o motivo por que estão neste planeta, quem as colocou aqui e o destino último da história pudessem facilmente concordar em discordar a respeito de tais assuntos, como se estivessem falando sobre para qual time torcem. O que é ainda mais engraçado é que os idiotas que compram essa lógica fuleira se consideram os mais profundos entre todos vocês!

Quer dizer que deixar as diferenças de lado era tudo o que vocês tinham que fazer todo esse tempo? Caramba, Sherlock, como é que ninguém nunca pensou nisso antes?

Um dos ateus mais espirituosos da sua época, que agora está aqui conosco sendo perpetuamente atormentado, trocou cartas com um desses simplórios sincretistas perto do fim de sua passagem pela Terra. Era uma mulher que afirmava ser “uma cristã liberal e tolerante” e expressava seu desdém por aqueles terríveis “fundamentalistas”, que arrogantemente acreditam que as palavras daquele livro horroroso são a verdade definitiva.

Ela dizia que, embora viver para Ge-suis funcionasse para ela, existiam muitos caminhos para “você sabe quem”, e ela não podia condenar alguém que tivesse encontrado outro caminho que funcionasse para si. Ela pensava que esse famoso ateu aprovaria a sua “tolerância”. Pensou errado. Ele respondeu-lhe dizendo que se ela não acreditava em coisas como o nascimento virginal e a ressurreição física literal do carpinteiro, não era própria mente cristã. Também não demonstrou qualquer respeito por suas divagações burras. Ele a detonou completamente.

Eu até mandei emoldurar essa interação no escritório particular do meu Mestre aqui no Inferno, como um troféu demonstrando quão perto eu já estava de cumprir minha missão de acabar com vocês.

Ateus que não acreditam em nada, agora, explicam a crença ao crente! Nossa, como as coisas mudaram... mas nem sempre foi assim.

Antigamente, eram os cristãos ou pessoas influenciadas pelo cristianismo que compunham o melhor da música na civilização ocidental.

Antigamente, eram os cristãos ou pessoas influenciadas pelo cristianismo que criavam o melhor da arte na civilização ocidental.

Antigamente, o cristianismo era a base do sistema econômico da civilização ocidental que vocês (também antigamente) conheciam como capitalismo.

Antigamente, aquele livro horroroso era a base da verdade moral na civilização ocidental.

Antigamente, os maiores cientistas eram cristãos que queriam encontrar evidências da atuação de “você sabe quem” no mundo natural.

Antigamente, quase todas as maiores universidades da América eram fundadas por cristãos, com o propósito de discipular esta nação.

**Ênfase na palavra** antigamente.

O que acontece agora é que praticamente todos os detritos de podridão cultural e maluquice humanista que as mentes mais perversas do Inferno podem criar são bem-vindos nos seus corredores do poder, e os próprios fundamentos morais e filosóficos da sua civilização ocidental e dos Estados Unidos da América foram dormir com os peixes.

A cereja do bolo é que isso infestou os vários movimentos e instituições que também deveriam nos confrontar.

Os seus “conservadores” e “evangélicos” orgulham-se de ser pessoas de princípios e virtudes, mas geralmente estão entre os primeiros a dobrar os joelhos à tolerância cultural e a entregar seus aliados que ousam dizer algo polemicamente verdadeiro, porque essa ousadia pode prejudicar o movimento como um todo. Tradução: talvez nossos oponentes nos chamem de nomes feios.

Estão entre os primeiros a desprezar aqueles que agem com base em princípios e exigem mais integridade, referindo-se a eles maldosamente como “puristas”. Corrijam-me se eu estiver errado, mas aquele livro horroroso não exorta inúmeras vezes os fiéis a ser puros, a se abster daquilo que é mau e a ser “santos” (ou separados do mundo)?

O seu movimento conservador pega seus candidatos mais íntegros nas primárias<sup>32</sup> e os atira para debaixo do ônibus, qualificando-os como “inelegíveis”. Como se valesse a pena vencer uma eleição com um candidato que não acredita nas mesmas coisas que você. Tenham certeza, porém, de que mais tarde esse mesmo movimento irá se lamentar por causa de mais um político vendido — assim que o pateta “elegível” que ajudara a vencer assumir o cargo e começar a traí-lo por todos os lados.

Suas igrejas são ainda piores, porque deveriam ser mais prudentes. No entanto, mesmo nelas vocês trocaram os anciãos por “conselhos administrativos”. Trocaram a doutrina por “declarações de missão”. Trocaram o discipulado por programas. Essa é a linguagem da publicidade e das corporações, não de uma “cidade sobre o monte”. Muitos de seus ministros estão mais preocupados em construir seu próprio império do que em prevalecer contra as portas do Inferno. E por causa disso nós estamos prevalecendo sobre eles.

A grande maioria das igrejas se tornaram tão “relevantes” que já agora são “relativas”, o que significa que ninguém sabe dizer a diferença entre elas e a cultura. Não porque vocês estejam influenciando a cultura, mas porque a cultura está influenciando vocês.

Vocês podem responder dizendo que “temos o maior número de megaigrejas de todos os tempos” ou “nunca se venderam tantos produtos gospel”. Mas estão confundindo “audiência” com “influência”. Essas coisas nem sempre são a mesma coisa.

Pode ser que um moleque esquisito e barbado ocupe o primeiro lugar mundial em seguidores no Twitter, o que representa um grande público. Mas ele não vai negociar acordos de paz no Oriente Médio, nem inventar uma nova tecnologia ou vacina, que é como se ganha influência. A pessoa que tem público é famosa agora, mas em breve será substituída pela próxima “febre do momento”. A pessoa com influência deixa um legado, por mais problemática que tenha sido na vida, e essa é uma forma de imortalidade.

Basta perguntar a Edgar Allan Poe, que foi visto como um bêbado derrotado durante a maior parte de seu tempo na Terra. Agora ele é reconhecido como um dos maiores escritores que sua civilização já produziu. Ou um boxeador como Joe Louis, um dos poucos entre sua espécie que pode dizer honestamente que foi o maior do mundo em algo que importava para as pessoas, mas que morreu endividado e preso. Vocês não se lembram de Poe e Louis como homens que perderam a batalha contra seus próprios demônios. Em vez disso, tendo sido homens de influência, lembram-se deles por seu legado.

Por outro lado, a sensação da cultura pop que tem audiência geralmente não é lembrada. Ou pelo menos até que o canal VH1 nos mostre o que há por trás da música, onde veremos esses antigos queridinhos sacudindo os traseiros para velhotas taradas e bêbadas na Feira do Condado de Whiskey-Tango-Foxtrot.

Vejam bem, já existem muitas celebridades cristãs com público. Grandes públicos, na verdade. Superficialmente, não há nada de errado em ter um grande público. Há alguns séculos, houve um pastor inglês particularmente incômodo que dirigia uma enorme igreja em Londres. Fizemos o possível para irritá-lo com crises de depressão e coisas do gênero, mas ele superou isso e deixou um legado de pregação

e ensino que ainda hoje considero repulsivo. Além disso, convenhamos: ninguém tem um público maior do que o carpinteiro.

Exceto meu Mestre.

O problema não é ter um grande público, mas o modo como esse público foi conquistado. Você o conquistou satisfazendo seus desejos carnis — sexo, riqueza, sucesso etc. — ou o influenciando de um modo que realmente transformará sua vida?

Infelizmente para vocês, a maioria das suas igrejas mais frequentadas falham nesse teste. A metodologia delas é a da cenoura e a vara, só que usando apenas a cenoura. Todo mundo ouve falar do amor de “você sabe quem” o tempo todo, mas quase nunca da ira dele. Oh, apesar de eu e meus companheiros do Inferno termos convencido vocês de que a ira dele não é real, posso atestar pessoalmente o fato de que é muito real e muito irada.

Daí agora estarmos aqui embaixo.

Isso não significa que ele não ama vocês, porque ele ama. Que ainda existam depois de tudo que fizeram para desobedecê-lo atesta esse fato. Mas não se deve brincar com ele. Ele é o único que pode destruir o corpo e lançar sua alma eterna no Inferno conosco. Ele ainda é o ser mais poderoso de todo o universo, embora não seja tão inteligente quanto meu Mestre.

No entanto, vocês pertencem a nós agora, então convencemos vocês, sacos de carne, de que basta fingir que nosso querido e velho pai não está lá, e ele não estará. Eu mereço... Parem para pensar em como são imbecis. Vocês realmente acreditam que seu desejo pode afastar um ser que os criou pela sua palavra e que pode, com um estalar de dedos, eliminar qualquer registro de sua existência?

Pensando bem, quando terminar este livro, pedirei ao meu Mestre um merecido aumento. Quanto mais avançamos nisso, mais fico impressionado comigo mesmo e com o que fiz com vocês.

Eu gostaria de lhes apresentar um exemplo específico do que significa, no caso de uma celebridade cristã, ter muita audiência mas nenhuma influência. Vamos começar com um teste surpresa. Se eu lhes dissesse que uma celebridade cristã bem conhecida fez o seguinte:

Negou repetidamente o ponto principal do evangelho do carpinteiro.

Diluiu e distorceu, consistentemente, ensinamentos bíblicos.

Acreditou que o propósito da vida humana é glorificar a si mesmo e não “você sabe quem”.

De que lado diriam que essa pessoa está?

A. Céu.

B. Inferno.

A celebridade cristã em questão aqui é conhecida como “pastor americano”. Pastor de quê, exatamente, é algo que depende da interpretação, dos ventos da cultura pop e do que, em cada época, ajuda a encher a conta bancária.

Sabemos que vocês são criaturas movidas por estímulos visuais e sensuais. Por isso, gostamos de aparecer para vocês, pelo menos inicialmente, glamorosos, interessantes e sorrindo duas belas arcadas de porcelana. Não se esqueçam de que as serpentes mais venenosas são muitas vezes as mais bonitas.

Vocês caem nessa porque julgam com base no exterior, e externamente o pastor americano está com tudo. Ele mora em uma mansão de US\$ 10 milhões com sua esposa linda como uma estrela de cinema. Ele é o raro homem que, com mais de cinquenta anos, tem um abdômen definido. Suas turnês publicitárias geram tanto que os cambistas conseguem cobrar até US\$ 850 por ingresso. Ele renovou uma antiga arena de um time da NBA por mais de US\$ 100 milhões

para abrigar a maior “igreja” do país. Seu patrimônio líquido estimado passa dos US\$ 40 milhões.

Externamente, o pastor americano vive uma vida que este mundo cobiça. Só há um problema com isso. Eu não consigo me lembrar de uma única figura verdadeiramente grande nos dois mil anos de história do cristianismo que não tenha pagado algum preço material por defender os ensinamentos do carpinteiro — a começar pelo próprio carpinteiro, na cruz. No entanto, parece que o mundo está remunerando o pastor muito bem pelo evangelho da autoestima segundo Joel Osteen.<sup>33</sup>

A propósito, embora a cruz onde o carpinteiro supostamente morreu pelos pecados do mundo seja o símbolo mais reconhecido da história, vocês não encontrarão nenhuma na “igreja” do pastor americano. Também não ouvirão muita coisa sobre sofrimento, pecado e salvação. Em vez disso, encontrarão muitas pessoas brilhantes e felizes.

Assim como o pastor americano.

Uma equipe esportiva sempre assume as características do seu treinador. Depois de sofrer espancamento, prisão, naufrágio e decapitação por causa de sua fé, o desgraçado conhecido como Paulo, que escreveu a maior parte do Novo Testamento, seria irreconhecível para os adeptos do pastor americano.

A felicidade atrai o público. Todos vocês querem ser felizes. O problema é que, muitas vezes, o que os faz felizes são os instrumentos de sua destruição. Por exemplo, vocês usam drogas para ficar felizes, e é por isso que chamam isso de “ficar de boa” e não de “ficar para baixo”.

Mas o carpinteiro vê o que há no interior. E o que ele vê é que algo está muito errado dentro de vocês. Seus cérebros estão quebrados. Vocês são rancorosos, gananciosos, egoístas, desonestos, lascivos,

orgulhosos e, às vezes, capazes de uma maldade indescritível — com apenas um pouco de estímulo e incentivo de nossa parte.

Vocês também não estão melhorando. Hoje em dia os pais entram com um processo por “nascimento indébito” porque não tiveram a oportunidade de matar seus próprios filhos antes de nascerem, e as mães afirmam orgulhosa e publicamente que “desejam todos os dias” poder matar os seus filhos. O século xx foi o mais tecnologicamente avançado, próspero e educado da história da humanidade — e também o mais sangrento.

Enquanto isso, na cidade natal do pastor americano, Houston, a prefeita lésbica pela qual ele orou e a quem deu uma bênção quando assumiu o cargo tem se dado o trabalho de tentar intimidar a Igreja para que esta silencie seu testemunho público. Enquanto seus irmãos estavam sob ameaça de perseguição, ele permaneceu em silêncio. Mas vamos pegar leve com o pastor americano: ele tinha muitas “Noites de Esperança”<sup>34</sup> agendadas em todo o país. Nesses eventos, a esperança vem toda vez que o saco do dízimo é passado, e os clientes pagantes são os primeiros a receber esperança. Está escrito direitinho no contrato.

Eu mesmo o escrevi.

Então por que o pastor americano não se destacou na luta contra a tentativa de sua prefeita pagã de redefinir a moral na sua cidade? Quando vocês souberem a resposta a essa pergunta, saberão por que ele é tão popular. Uma cultura tão estragada como a de vocês — afogada em seu próprio egoísmo, arrogância e materialismo — não se cansa da filosofia de língua bífida que ele representa.

O pastor americano não prega o evangelho do carpinteiro. Ele prega areia movediça.

A areia movediça, porém, faz cócegas nos ouvidos e atrai o público, porque é dizer às pessoas o que elas querem ouvir. Não é preciso ter

coragem nem convicção para pregar areia movediça; apenas astúcia e ambição. Duas características que temos de sobra por aqui.

A influência, por outro lado, é contracultural. Ela nada contra a maré ou cria uma nova. O que explica por que temos tão poucas celebridades cristãs em nossa lista negra aqui embaixo. Sim, com certeza há algumas que atraem grandes multidões e que estão dificultando o nosso trabalho, que combinam corretamente o seu testemunho profético e uma apresentação bem-feita, sem corromperem a sua vocação.

Não, não vou nomeá-los porque quero que a confusão nas suas fileiras continue.

No entanto, direi que alguns daqueles de quem temos mais medo são os despreziosos. Aqueles que dedicam sua vida à vida das pessoas nas congregações, sem qualquer expectativa de reconhecimento neste mundo. Aqueles que não têm pompas nem adornos que oferecer ao mundo, apenas as palavras do carpinteiro. Logo após as palavras daquele livro horroroso, a igreja local ainda é a arma mais devastadora que o carpinteiro tem à disposição, quando a igreja tem um líder humilde e fiel.

Felizmente, a sua cultura carece de tais homens e os produzirá ainda menos na próxima geração. Tudo porque esse tipo de homem traça limites claros entre o certo e o errado, a verdade e o erro, o bem e o mal. Na sua cultura sincrética, vocês não desejam mais isso. Então, depois que esses homens morrerem, serão substituídos por outros mais parecidos com Joel Osteen do que com Billy Graham.

Tal cultura, agora, está pronta para a fase final de sua decadência.

### *Estágio 7 — Humanismo secular*

Este estágio final é ao mesmo tempo a morte e o renascimento de uma cultura.

A vontade humana tem grande desejo de adorar alguma coisa. Aquele “buraco em seu coração com a forma de d\*\*s” sobre o qual devem ter lido. Quando uma cultura atinge o humanismo secular, na verdade está apenas preparando o cenário para o que acontecerá a seguir. O avivamento está chegando; é apenas uma questão de saber qual é a fonte do avivamento.

O humanismo secular, ou a crença e a adoração a si mesmo acima de tudo, é melhor explicado pelos seguintes quinze pontos do *Manifesto humanista* (deixem-me curtir o momento; eu atuei como consultor neste projeto específico e estou ansioso por dar um passeio pela estrada da memória).

*Primeiro:* Os humanistas religiosos consideram que o universo existe autonomamente e não foi criado.

*Segundo:* O humanismo acredita que o homem faz parte da natureza e que surgiu como resultado de um processo contínuo.

*Terceiro:* Mantendo uma visão orgânica da vida, os humanistas creem que o dualismo tradicional entre mente e corpo deve ser rejeitado.

*Quarto:* O humanismo reconhece que a cultura religiosa e a civilização do homem, tal como claramente descritas pela antropologia e pela história, são o produto de um desenvolvimento gradual devido à interação do homem com seu ambiente natural e com a sua herança social.

*Quinto:* O humanismo afirma que a natureza do universo retratada pela ciência moderna torna inaceitáveis quaisquer fiadores sobrenaturais ou cósmicos dos valores humanos. Obviamente, o humanismo não nega a possibilidade de realidades ainda não descobertas, mas insiste que a forma de determinar a existência e o valor de toda e qualquer realidade é através de uma investigação inteligente e da avaliação das suas relações com as necessidades

humanas. A religião deve formular as suas esperanças e planos à luz do espírito e do método científico.

*Sexto:* Estamos convencidos de que já passou o tempo do teísmo, do deísmo, do modernismo e das diversas variedades de “pensamento renovado”.

*Sétimo:* A religião consiste naquelas ações, propósitos e experiências que são humanamente significativas. Nada que é humano é estranho ao religioso. Isso inclui trabalho, arte, ciência, filosofia, amor, amizade, lazer — tudo o que é, à sua maneira, expressivo de uma vida humana inteligentemente satisfatória. A distinção entre o sagrado e o secular não pode mais ser mantida.

*Oitavo:* O humanismo religioso considera a realização completa da personalidade o fim último da vida humana e procura seu desenvolvimento e realização aqui e agora. Isso explica a paixão social do humanista.

*Nono:* No lugar das antigas atitudes envolvidas na adoração e na oração, o humanista encontra suas emoções religiosas expressas num elevado sentido de vida pessoal e num esforço cooperativo para promover o bem-estar social.

*Décimo:* Segue-se que não perdurarão as emoções e atitudes exclusivamente religiosas do tipo até agora associado à crença no sobrenatural.

*Décimo primeiro:* O homem aprenderá a enfrentar as crises da vida nos termos do conhecimento de sua naturalidade e probabilidade. Atitudes razoáveis e viris serão promovidas pela educação e apoiadas pelos costumes. Presumimos que o humanismo seguirá o caminho da higiene social e mental e desencorajará esperanças sentimentais e irreais e o pensamento desejoso.

*Décimo segundo:* Acreditando que a religião deve trabalhar insistentemente em prol da alegria de viver, os humanistas religiosos

pretendem promover a criatividade humana e encorajar realizações que contribuam para a vida satisfatória.

*Décimo terceiro:* O humanismo religioso afirma que todas as associações e instituições existem para a realização da vida humana. A avaliação, transformação, controle e direção inteligentes de tais associações e instituições com vista à melhoria da vida humana é o propósito e o programa do humanismo. Certamente as instituições religiosas, as suas formas ritualísticas, os métodos eclesiásticos e as atividades comunitárias devem ser reconstituídos tão rapidamente quanto a experiência o permitir, a fim de atuarem de modo eficaz no mundo moderno.

*Décimo quarto:* Os humanistas estão firmemente convencidos de que a sociedade atualmente existente, consumista e voltada para o lucro, mostrou-se inadequada; e que uma mudança radical nos métodos, controles e motivos deve ser instituída. É necessário estabelecer uma ordem econômica socializada e cooperativa, a fim de possibilitar a distribuição equitativa dos meios de vida. O objetivo do humanismo é uma sociedade livre e universal em que as pessoas cooperem voluntária e inteligentemente para o bem comum. Os humanistas desejam uma vida partilhada num mundo partilhado.

*Décimo quinto:* Declaramos que o humanismo pretende: (a) afirmar a vida em vez de negá-la; (b) procurar suscitar as possibilidades da vida, e não fugir delas; e (c) esforçar-se por estabelecer as condições de uma vida satisfatória para todos, e não apenas para alguns. Por esta moral e intenção positivas o humanismo será guiado, e a partir desta perspectiva e alinhamento as técnicas e esforços do humanismo fluirão.

Duas coisas devem se destacar no que você acabou de ler.

Em primeiro lugar, apesar de toda a conversa nobre e esclarecida, o conteúdo articulado aqui inaugurou o que talvez tenha sido a era mais

brutal e bárbara da história da sua espécie, pelo que meu Mestre está muito orgulhoso de mim.

Em segundo lugar, este é o ápice de tudo o que vocês leram neste livro até agora. Isso significa que a sua civilização não é sustentável. Ela está infestada de cupins, invisíveis a olho nu; mas por dentro as paredes estão apodrecendo sobre os alicerces enquanto conversamos.

Ao cumprir sistematicamente os quinze pontos do nosso manifesto, vocês cometerão o que equivale a um suicídio social — a destruição das próprias instituições, tradições e sistemas que os seus antepassados estabeleceram principalmente para me impedir de fazer isso. Vocês basicamente implantaram o vírus que está apagando seu disco rígido.

Então, assim que o sistema for reiniciado, o seu chamado “excepcionalismo americano” estará perdido para sempre. Não se preocupem, pois ele será substituído por outra coisa. Ainda não decidi ao certo pelo quê, e é certo que meu Mestre precisará referendar qualquer decisão final, mas neste momento eu estou fortemente inclinado a recomendar que seja *Allahu Akbar*.<sup>35</sup>

Portanto, talvez vocês queiram ter umas aulinhas de língua árabe. Só para garantir.

## CAPÍTULO VII: DESESPERO

Chegamos agora ao ponto de inflexão de uma cultura profundamente confusa como a sua; o ponto em que o seu colapso é tão iminente e previsível que se cria o que equivale a uma profecia autorrealizável. Em vez de nós os ajudarmos e encorajarmos, são vocês que nos ajudam e encorajam.

Hoje em dia, o Apocalipse está muito em seu imaginário. Muitos de seus filmes, livros e programas de televisão apresentam temas apocalípticos. Até os seus filhos jogam videogames apocalípticos que apenas reciclam a matança de novo e de novo, sem que haja redenção ou vitória à vista. A esperança está em falta na América atualmente.

Poucos meses antes de este livro ser concluído, 13% dos americanos achavam que o país estava no caminho certo, a menor porcentagem da história. Outra pesquisa descobriu que os americanos classificaram seu governo como o maior problema do país por quatro meses consecutivos. Mas a imagem mais clara do desespero desenfreado em sua cultura está nos resultados da Pesquisa Social Geral de 2014:

A confiança geral no governo está no nível mais baixo da história.

Apenas 23% dos americanos têm confiança no Supremo Tribunal, 11% na presidência e apenas 5% no Congresso.

Mesmo com um democrata na Casa Branca, a confiança dos democratas no poder executivo caiu para apenas 18%.

Embora sejam maioria no Congresso, apenas 3% dos republicanos confiam no poder legislativo.

Apesar de toda essa angústia, 91% dos governantes foram reeleitos em 2012, e a sua eleição de 2014 registrou a menor participação de eleitores desde a Segunda Guerra Mundial. Esses números me dizem que, na prática, vocês desistiram. Ao contrário de Howard Beale,<sup>36</sup> vocês estão furiosos, mas continuarão aceitando tudo.

*O desespero está no ar e ele é música para os meus ouvidos.*

Recentemente, um grupo progressista chamado Campaign for America's Future listou os "Sete sinais de que o sonho americano está morrendo":

1. *A maioria das pessoas não consegue progredir financeiramente.* Notaram que a sua classe média não vê os salários aumentarem há quinze anos.

2. *Donas de casa são coisa do passado.* A conclusão, neste caso, é “ter um filho agora é o melhor indicador de que uma mulher acabará num colapso financeiro”.

3. *O débito estudantil está esmagando uma geração de americanos não ricos.* Os custos do ensino superior aumentaram 500% desde 1985.

4. *Tirar férias não é mais para gente como você.* Citaram um estudo da American Express que descobriu que, em média, férias para uma família de quatro pessoas custam US\$ 4.720.

5. *Mesmo com seguro de saúde, cuidados médicos são cada vez mais inacessíveis para a maioria das pessoas.* Os custos dos cuidados de saúde estão aumentando a uma taxa de 8% ao ano para o domicílio familiar americano médio, enquanto o rendimento médio dos domicílios familiares caiu pelo menos 8%.

6. *Os americanos já não contam com uma aposentadoria segura.* Os Estados Unidos ocupam apenas o décimo nono lugar entre os países industrializados no que diz respeito à segurança da aposentadoria.

7. *Enquanto os ricos estão livres de dívidas, o restante da população não pode se dar esse luxo.* Segundo eles: “As famílias americanas tornaram-se dependentes de empréstimos e financiamentos para manter o seu padrão de vida face à estagnação salarial”.

Deixemos de lado por um segundo, por mais difícil que seja, o fato de que as políticas superprogressistas tiradas do nosso manual são uma das principais causas desses sinais alarmantes (aliás, de nada). Quer dizer, o 1% que as critica votou no candidato progressista à presidência em 2008 e 2012. De todo modo, essa organização ainda tropeçou na verdade, mesmo que ignore a causa.

Todos os aspectos do sonho americano que as gerações anteriores consideravam garantidos estão sendo erodidos na atual, o que explica por que 76% dos americanos disseram ao *Wall Street Journal* que já não acreditam que a geração dos seus filhos herdará uma situação melhor que a deles.

E sabe de uma coisa? Eles estão certos.

Os *millenials* já se tornaram a primeira geração na história dos EUA a observar um declínio no seu padrão de vida, e isso antes do fechamento da conta dos benefícios recebidos pela gigantesca geração do *baby boom*.

A nuvem de desespero que paira sobre a sua cultura atinge até mesmo as relações pessoais. Segundo *The Huffington Post*, um recorde de dois terços dos americanos dizem que não se pode confiar nas pessoas. Healthline diz que o número de pacientes diagnosticados com depressão aumenta aproximadamente 20% a cada ano. (Na verdade, espero que alguns de vocês fiquem deprimidos ao ler isto). E os estados com as taxas mais altas de depressão são — vejam só — Virgínia Ocidental, Oklahoma, Tennessee, Arkansas, Louisiana, Mississippi e Alabama. Todos localizados bem na fivela do “Cinturão da Bíblia”. Portanto, nem mesmo Ge-suis pode safar seu lombo, ao que parece.

Isso basta para fazer até mesmo este demônio ranzinza abrir um sorriso.

Embora faça da “diversidade” uma quase-religião, sua cultura está mais balcanizada do que nunca. Apenas 15% dos americanos acreditam que as relações raciais melhoraram desde a eleição do primeiro presidente negro do país. Estão na moda os “cafetões raciais” (pessoas que estimulam os conflitos raciais porque isso os ajuda a encher os bolsos). Eles até têm seus próprios programas de televisão no horário nobre. Estes assim chamados “ministros” são, na verdade,

apenas oportunistas desavergonhados. Acreditem em mim; disso eu entendo. Melhor pararmos por aqui.

Caramba, que tipo de ministro é esse, que tem filhos fora do casamento e sonega impostos? Ora, do tipo que nós contratamos, é claro.

Toda esta paranoia racial está gerando um efeito bumerangue que se manifestou nas suas eleições de 2014. O crucial estado de Ohio votou no candidato negro à presidência em 2008 e 2012, mas o candidato democrata a governador recebeu apenas 24% dos votos da população branca em 2014. Obama tinha recebido 41% dos votos dos brancos apenas dois anos antes.

Vejam como alguns membros da sua mídia se apressam em julgar incidentes em que a raça é um fator relevante, como a morte a tiros de Michael Brown em Ferguson, Missouri. Foi criado um meme “mãos ao alto, não atire” que se tornou viral em todo o país. O policial que havia atirado em Brown, Darren Wilson, praticamente foi condenado como policial racista pelo tribunal da opinião pública. A cidade mergulhou em tumultos persistentes.

No entanto, ao fim das averiguações, até mesmo o seu racialmente paranoico Departamento de Justiça teve que admitir que era tudo mentira, incluindo a parte “mãos ao alto, não atire”. Além disso, descobriu-se que Wilson agira corretamente ao atirar em Brown, que era basicamente um bandido.

Portanto (estão me acompanhando?), uma das comunidades negras de classe média mais bem-sucedidas do nosso país foi dizimada por motins impulsionados por uma narrativa de falso racismo, que nada mais conseguiu do que causar a perda de propriedades privadas e de empregos majoritariamente ocupados por negros. Porque nada expressa “justiça social” melhor do que saquear o mercadinho local em busca de um pacote de pastilhas e alguns Ding Dongs.

Olha, como eu sempre digo, sou um demônio (e um demônio muito bom). Sou um agente do caos. Gosto de assistir a sua destruição. Gosto mesmo. Odeio vocês completa e totalmente, com cada fibra do meu ser. Tenho uma visão muito obscura das perspectivas da sua espécie. No entanto, mesmo eu nunca vi um povo tão perdido que chegasse a destruir a própria infraestrutura, numa tentativa de se vingar dos seus supostos opressores.

Senão, vejamos: vocês não deveriam estar destruindo a propriedade “deles” em vez das suas? O que exatamente vocês pretendem provar, incendiando suas próprias casas e empresas? Os franceses incendiaram as próprias aldeias para protestar contra a opressão da aristocracia? Não, eles invadiram a Bastilha.

Arre, vocês não sabem nem se revoltar direito.

Ainda piores foram os recentes tumultos em Baltimore, outro excelente exemplo. Por um momento, deixemos de lado o fato de que a pessoa cuja morte provocou a agitação tinha sido presa *dezoito vezes*. Os bandidos e idiotas que se revoltaram causaram, aos seus próprios bairros, um dano maior do que o homem que alegadamente os oprimia jamais poderia causar. Trata-se de uma inútil depravação. Ilegalidade pura e simples.

Não há sentido nisso, além do fato de a cultura estar fora dos trilhos.

São moleques barbados que precisavam ter tido um pai que lhes desse umas palmadas. Não se fale em “se não houver justiça, não haverá paz”. Aqui temos cegos guiando outros cegos.

Por que não vão estudar? Arrumem um emprego... ah, esperem, não dá, porque vocês continuam votando em candidatos e agendas que despejaram tonéis de porcaria em suas escolas, destruíram suas famílias, incentivaram a imoralidade, deram os empregos básicos de que precisam para entrar no mercado de trabalho destinado a imigrantes ilegais com salários de fome, e fortaleceram o mesmo

governo que equipa policiais de modo que pareçam prontos para invadir o Irã.

Diabos! Quem está surpreso por isso não ter dado certo? Eu não, já que fui eu que planejei tudo!

Não há empreendimentos para criar novos empregos, porque ninguém quer nada com lugares em que será taxado até a morte ou assaltado. Em suma, é aí que culmina a atuação fora das leis naturais de que falamos anteriormente e até demais. Cria-se um ciclo vicioso, no qual é necessário que o governo pague as contas, mas depois os contribuintes que têm de pagar as contas do governo fogem para pastagens mais verdes e seguras.

Portanto, o governo precisa obter cada vez mais poder, e faz isso incentivando cada vez mais a autodestruição para que haja cada vez mais vítimas que justifiquem o crescimento do governo. Então vocês ficam chocados quando as tensões de tantas pessoas perdidas entram em ebulição, e voltam a ficar chocados quando o próprio governo que criou esse problema não está preparado para solucioná-lo.

O desespero causado pela luta racial também os deixa mais longe de enfrentar as questões reais e concretas da injustiça racial na sua cultura. Por um lado, cafetões raciais não querem nem chegar perto dessas questões, porque não conseguem polarizá-las o suficiente para torná-las lucrativas. Por outro, a maioria dos brancos fica tão na defensiva quando alguém joga a “carta da raça” que automaticamente as ignora.

A taxa de desemprego dos negros tem sido um grande problema desde o advento do Estado de bem-estar social (o que não é, aliás, nenhuma coincidência), mas agora é mais elevada que a taxa de desemprego durante a Grande Depressão. A Liga Urbana Nacional também afirma que a média de patrimônio líquido individual (receita/ativos menos dívida, para aqueles que estudaram em escola pública) dos negros é de escassos 6.000 dólares, em comparação com

110.500 dólares dos brancos. A Liga Urbana Nacional também observa que São Francisco, que se autodenomina o “bastião da política progressista”, ficou em último lugar entre setenta grandes áreas metropolitanas em avaliações de igualdade de renda mediana.

Embora o FBI conte os hispânicos junto aos caucasianos como “brancos” nos seus relatórios estatísticos, os números ainda são surpreendentes. Uma vítima de homicídio branca tem duas vezes mais probabilidade de ter sido morta por um negro do que um negro de ter sido morto por um branco. A causa número um de morte de jovens negros com idades entre 15 e 24 anos é o homicídio, e 93% desses assassinatos foram cometidos por outros negros. 49% dos homens negros são presos antes de completar 23 anos. Um estudo recente sobre presidiários na Carolina do Norte descobriu que os homens negros estavam mais seguros atrás das grades do que vivendo em liberdade fora dos muros da prisão. Os negros representam cerca de 13% da população total, mas representam quase metade da população carcerária do país.

Além disso, temos a educação.

Cerca de 50% dos negros concluem o ensino médio, enquanto mais de 75% dos brancos o fazem. Crianças negras no ensino fundamental e médio têm duas vezes mais chances de ser suspensas da escola. Em média, um aluno negro do 12o ano é letrado no mesmo nível que um aluno branco do 8o ano.<sup>37</sup> Apenas 14% dos alunos negros da oitava série alcançam notas que demonstram proficiência no seu idioma. Um negro que tenha abandonado a faculdade tem as mesmas chances de conseguir um emprego que um branco que tenha abandonado o ensino médio. Os graduados universitários negros têm duas vezes mais probabilidade de ficar desempregados do que outros graduados universitários. Apenas cerca de 40% dos negros que se matriculam em uma faculdade de quatro anos se formarão nela.

A maioria de vocês não sabe nada sobre esses problemas sociais, mas se lembra de quando Don Imus se referiu ao time de basquete

feminino da Universidade Rutgers como “piriguetes de cabelo pixaim”.

O que me lembra: gostariam de saber que estado ocupa o primeiro lugar no país em porcentagem de negros que se formam? Pois é o Texas, o “estado republicano” por excelência, onde 84% dos estudantes negros se formam, embora esteja entre os últimos lugares em gastos por aluno. São mais de 20% acima do nirvana progressista de Nova Iorque, que gasta o dobro do Texas por aluno.

O que só serve para mostrar que nossa propaganda “basta usar o dinheiro alheio para resolver isso” é uma besteira total, mas obrigado por morderem a isca, o anzol, a linha e a chumbada mesmo assim.

Querem mais desespero? Vamos falar da guerra dos sexos?

O *Breitbart News*, um dos principais meios de comunicação conservadores, publicou em 2014 uma série em duas partes chamada *The Sexodus*. Ele expôs detalhadamente como os jovens estão desistindo das mulheres. Eles acreditam que as mulheres jovens não sabem o que querem, que eles, como homens, estão irreversivelmente condenados e que, com a proliferação da pornografia, não precisam aturar mulheres reais para obter a gratificação que desejam.

Sem procurar muito, pode-se encontrar o mesmo tipo de artigo pela perspectiva das mulheres. Na verdade, uma pesquisa no Google por “mulheres desistindo do casamento” retorna mais de 111 milhões de resultados (“homens desistindo do casamento” retorna “apenas” 41 milhões).

Recentemente, uma mulher formada na Ivy League e mãe de duas crianças enfureceu as feministas (para o que, justiça seja feita, não é preciso muito) ao escrever uma carta aberta ao *Daily Princetonian* instando as meninas de sua *alma mater* a encontrar um marido antes de concluir os estudos. Seu argumento parecia bastante racional: “Você nunca mais estará cercada por tantos homens que seriam dignos de você”.

Mas quando se faz numa cultura um estrago como o que eu fiz na de vocês, não há lugar para a racionalidade. Todas as reações devem ser emocionais. O artigo gerou cem milhões de acessos, segundo o *New York Daily News*, incluindo muitas feministas irritadas com a mera sugestão de que uma mulher possa precisar de um homem.

Acho que posso ter postado alguns desses comentários, se bem me lembro. Ou pode ter sido um dos meus colegas. Temos aqui toda uma brigada de demônios cujo trabalho em tempo integral consiste em vasculhar as seções de comentários de todos os *sites* importantes de notícias/filosofia/cultura pop/teologia. Nosso objetivo é desencorajar e convencer quem os lê de que é o único que ainda acredita em algo tradicional e saudável. Eles geralmente se apresentam como ativistas homossexuais raivosos e irracionais, mas também se saem muito bem no papel de feministas odientas.

Mas chega de dados e outras fontes anedóticas; vamos ao verdadeiro motivo pelo qual a sua cultura está irrevogavelmente afogada no desespero.

Para ser direto, deem uma olhada no espelho.

Certa vez, o já mencionado G. K. Chesterton foi convidado a responder a um jornal, que fazia a pergunta: “O que há de errado com o mundo?”.

Chesterton deu uma famosa resposta composta de uma só palavra: “Eu”.

Cada um de vocês é o que há de errado com este lugar horrível. O Inferno já seria bastante sombrio, mas o fato de termos que passar a eternidade aqui com tantos de vocês torna tudo ainda pior. Ah, claro, o choro e os gritos de tormento constantemente ouvidos aqui embaixo, e tão altos que na metade do tempo mal se consegue ouvir os próprios pensamentos, fazem parecer que vocês levam a pior nesse negócio. Mas na verdade é o contrário.

Deixem-me contar um segredinho sujo. Não somos obrigados a torturá-los aqui. *Nós escolhemos isso. Nós queremos. Porque nós odiamos vocês.*

Estamos aqui neste lugar de desespero por causa de vocês. Porque nosso querido e velho pai escolheu amá-los mais do que nos amou. Torturar sadicamente os seres que ele criou não combina com a natureza dele. Que desgraça, nós nos rebelamos abertamente contra ele e o pior que ele fez foi nos banir de sua presença para sempre (ou até que meu Mestre o convença de que ele está errado).

Já seria tormento bastante para vocês descobrir que realmente existe um ser benévolo e todo-poderoso que lhes havia reservado um lugar no paraíso, mas foram estúpidos demais para aceitá-lo e agora viverão por toda a eternidade sem que sua necessidade mais profunda seja satisfeita. Imaginem a angústia que sentirá sua alma sabendo que o que sempre quis estava ali à espera, mas vocês o dispensaram.

Para sua alma, isso é pior do que a pena corporal ou mesmo a pena capital. É um confinamento solitário sem possibilidade de condicional. Ser aniquilado é preferível a esse tipo de isolamento. Depois de um tempo, estarão implorando que alguém dê fim ao seu sofrimento, para que não tenham de continuar contemplando seu destino.

Ser afastado da sua principal razão de ser é, sim, horrível, mas não é nada comparado ao que fazemos com vocês. E não, não é para o seu próprio bem. Não somos como seus pais quando os punham sobre os joelhos para lhes dar uma lição. Ao contrário, pensem num masoquismo indescritível, que nem mesmo uma mente distorcida como a de Clive Barker<sup>38</sup> conseguiria articular adequadamente.

Se eu não pegasse leve ao compartilhar exatamente o que meus colegas e eu estamos preparados para fazer quando chegarem aqui, não conseguiria publicar este livro em lugar nenhum, exceto no mercado negro. Acabaria em uma lista de suspeitos de terrorismo. Vocês provavelmente vomitariam só de ler. Imaginem a pior e mais

covarde maneira que poderiam usar para infligir dor ao seu pior inimigo e multipliquem-na ao infinito.

Esse é apenas um dia normal no Inferno.

Claro, estou ciente das profecias que afirmam que um dia todos nós queimaremos no “lago de fogo” pelo que estamos fazendo, mas estou confiante de que meu Mestre convencerá “você sabe quem” de que está errado sobre vocês antes que isso aconteça. Eu literalmente apostei minha vida na vitória do meu Mestre, e ele ainda não me decepcionou.

Mas e vocês, em que apostaram sua vida? Graças ao meu plano genial, basicamente apostaram nas porcarias de vocês mesmos.

Essa é uma aposta ruim, porque vocês são ruins. Sua natureza é decaída. Vocês não são essencialmente bons. Então imaginem o que acontece quando se reúnem grandes grupos de pessoas tão fundamentalmente estragadas em uma comunidade ou cultura, a maioria delas contando principalmente com seus próprios impulsos, desejos e instintos para conseguir o que quer da vida.

O sacrifício compartilhado é substituído pelo egoísmo.

A honra é substituída pela vitimologia.

O amor é substituído pela luxúria.

O compromisso é substituído pela coabitação (não parece *sexy*?).

A complementaridade é substituída pela confrontação.

O “caldeirão cultural” é substituído pela linha de produção.

Na verdade, os indivíduos de sua espécie têm apenas duas coisas em comum. Todos foram feitos à imagem do nosso querido e velho pai e, longe dele, não passam de animais com raciocínio cognitivo.

Como se vive no reino animal? Ora, como animais, seus idiotas. Acho hilário quando alguns defendem a adoção de certas práticas sexuais porque “elas são encontradas na natureza”. Só que arremessar fezes, alimentar a prole com o próprio vômito e lambe o próprio buraco de defecar também são comportamentos encontrados na natureza. Talvez vocês queiram mirar um pouco mais alto?

Mas não conseguem. Porque, afastados do seu criador, vocês não são muito diferentes dos animais. Estão no topo da cadeia alimentar, e é só. São capazes de causar uma devastação muito pior do que um grande tubarão branco ou uma colmeia de abelhas assassinas, porque podem manipular o ambiente a seu favor de maneiras que outras espécies não conseguem. Se um leão pudesse inventar uma arma para caçar antílopes, ele o faria e mataria toda a manada de uma vez; mas não pode fazer isso e é forçado a caçá-los um por um. Vocês, porém, podem inventar coisas assim — e muito piores.

E continuarão inventando coisas assim, algumas fantásticas e outras terríveis, na esperança de “tornar o mundo um lugar melhor”. Infelizmente, quando chegarem ao topo da sua Torre de Babel e perceberem que ela não os satisfaz como esperavam, terão uma escolha a fazer. Poderão se tornar humildes e perceber que este mundo não tem nada para vocês. Ou comer, beber e festejar, pois amanhã morrerão.

A maioria de vocês escolherá imprudentemente, para minha alegria, o que significa que, mais cedo do que imaginam, estaremos escolhendo o modo como iremos brutalizá-los quando chegarem. Talvez tragam toda a sua família junto. Ah, sim, esse é meu estilo favorito de tortura.

Poupar do pior o patriarca de uma família, mas depois fazê-lo assistir às coisas inimagináveis que fazemos com as almas de sua esposa e filhos bem na sua frente. Costumamos amarrá-lo para que não interceda por eles e cometer nossas atrocidades a uma distância que chegue a sentir o peso de seus gritos e lamentos.

Fazemos isso ao homem que, ao longo da vida, optou por não conduzir sua família pelo caminho certo. Ao que, assim como seu pai Adão, deixou de agir enquanto nós a tentávamos. Que deu desculpas enquanto ela sucumbia e nunca tomou a iniciativa de levá-la de volta ao caminho estreito e lutar por ela.

Aqui no Inferno, ele subitamente decide lutar pela família. Mas agora é tarde. Não há segundas chances no Inferno. É aqui que vocês vêm parar quando suas chances acabam.

Meu Mestre teve a ideia genial de vender os olhos dos membros da família e fazê-los pensar que era o pai deles quem estava cometendo tais atrocidades. Assim, o papai não tem apenas de observar o que fazemos com a família que levou à nossa porta, mas também de ouvi-los amaldiçoando-o por isso, na linguagem mais brutal.

Esse é talvez o maior sentimento de fracasso possível para a sua espécie, e talvez um prenúncio do que está por vir quando o nosso querido e velho pai finalmente admitir seu fracasso como pai de vocês e encerrar esta experiência ridícula chamada humanidade.

Imaginem como seria comer suas comidas favoritas todos os dias pelo resto de sua vida miserável, sem medo de engordar. Isso lhes dará uma ideia de quanto nos deleitamos ao ouvir o patriarca nos implorar que o deixemos receber a dor e a angústia que infligimos aos seus entes queridos. Mas o Inferno não é lugar para amor sacrificial. Isso é com o carpinteiro.

O Inferno é um lugar de desespero. Exatamente o que a América está se tornando.

## **CAPÍTULO VIII: MORTE**

**E**m toda guerra há momentos que mudam a maré.

Na sua Guerra Civil foi Gettysburg. No Pacífico durante a Segunda Guerra Mundial foi a Batalha de Midway. E na guerra pela alma coletiva da sua civilização, foi quando vocês começaram a aceitar e a celebrar uma cultura da morte.

Todas as outras depravações resultam de já não valorizarem a vida. Essa é a nascente do rio de onde vêm todos os lagos e afluentes da podridão cultural. Pois quem já não valoriza o dom mais sagrado de todos — o da vida — não valorizará nenhuma bênção menor. Depois de desvalorizar a vida, a pessoa se livra de qualquer restrição.

Quando uma cultura se torna tão autodepreciativa que já não luta pela sobrevivência e incentiva comportamentos que aceleram sua extinção, trata-se de uma cultura que já jogou a toalha. Literalmente caída como um animal ferido, esperando que alguém venha tirá-la de seu sofrimento coletivo.

Essa cultura é a de vocês, e eu me ofereço para esse trabalho.

Sua crença de que a vida não tem sentido maior que evitar o sofrimento é a razão pela qual aceitam a morte como libertação. No entanto, o carpinteiro viveu especificamente para sofrer por vocês e pelo seu bem. Se não fosse pelo sofrimento dele, para o qual em grande parte contribuí, nenhuma de suas vidas teria qualquer sentido. Todos vocês seriam nossa bucha de canhão, só à espera da morte aí em cima antes de vir suar eternamente aqui embaixo. Ficaríamos tão sobrecarregados por suas almas lamentáveis que não haveria mais espaço na Pousada Inferno.

Mas, embora desobedeçam ao nosso querido pai tanto quanto nós, ele ainda guarda um lugar para vocês em seu paraíso. Por meio do carpinteiro, vocês têm esperança de mudar seu merecido destino, e nossa única esperança é convencer nosso querido e velho pai de que são seu grande erro. Nenhum de nós é perfeito, nem mesmo “você sabe quem”, apesar de aquele livro horroroso dizer o contrário.

A piada que é a sua espécie é a prova disso. Na eternidade, todos, ao menos uma vez, precisamos de uma segunda chance, até mesmo ele. Procuramos provar-lhe que vocês são tão imprestáveis que não compensa salvá-los, e que nem sequer deveria ter criado vocês.

Seu entusiasmo pela morte tem demonstrado a nossa alegação.

Exaltar a morte é o melhor jeito de mostrar o dedo do meio definitivo para “você sabe quem”, porque ele é o autor de toda a vida. Literalmente nada poderia existir sem ele. Vocês seriam ainda menos do que nada. O universo nem sequer os teria concebido. O maior presente dele para vocês é a vida, pois que é necessária para experimentar quaisquer outras bênçãos e cumprir qualquer propósito. Portanto, desistir do valor da vida faz de cada um de vocês um ingrato. É como desejar que seu pai terreno tivesse usado um preservativo na noite em que foram concebidos.

As recentes e controversas sagas de duas mulheres exemplificam melhor a sua sombria adoção de uma cultura de morte.

Brittany Maynard se tornou assunto nacional quando foi retratada na revista *People* por querer “morrer segundo suas preferências”. Diagnosticada com câncer cerebral em estágio quatro, Maynard tinha seis meses de vida. Sendo essa “uma maneira terrível de morrer” (palavras dela), Maynard convenceu sua família a transferi-la para o Oregon, onde poderia tirar proveito das leis estaduais que permitem a eutanásia. Maynard chegou a dedicar alguns de seus últimos momentos na Terra a exortar outros estados a adotar as chamadas leis da “morte digna”.

Só que não existe morte digna. Eu sei, porque é possível que ninguém, exceto “você sabe quem” e meu Mestre, tenha visto a morte de mais pessoas de sua espécie do que eu.

A morte é uma indignidade em si, e somente reconhecendo isso vocês, *homo sapiens*, realmente entendem o significado da vida. Por exemplo, Maynard se gabava de ter escalado o Monte Kilimanjaro

antes de adoecer. No entanto, se o que vale na vida é apenas evitar o sofrimento, por que Maynard arriscara a vida fazendo tal escalada?

Cair do Monte Kilimanjaro não causaria só uma coceira. Além disso, ele fica em uma das partes mais remotas do planeta, então pode-se cair e ficar desaparecido por sabe-se lá quanto tempo. Essa também é uma “maneira terrível de morrer”. Há três coisas que podem acontecer quando se tenta escalar o Monte Kilimanjaro, e duas delas são ruins.

Buscando essa morte digna, Maynard deu fim à própria vida com a ajuda de um médico. Para vocês verem o quanto vale o juramento de Hipócrates. Durante milhares de anos, tem sido comum descrever o ato de tirar a própria vida como “suicídio”. Mas hoje conseguimos deixar sua compreensão moral tão turva que até o suicídio é uma construção pós-moderna. Foi assim que Maynard sustentou, até o último suspiro, que não estava cometendo suicídio ao cometer suicídio.

Maynard foi elevada ao estatuto de heroína por muitos na sua cultura e felicitada pela sua “coragem”. Engraçado, este demônio tem idade suficiente para se lembrar de quando vocês, sacos de carne, consideravam o suicídio uma fuga covarde. Mas agora tanto desvalorizam a vida que consideram corajoso rebaixar-se ao nível de um cão raivoso.

“Não há uma célula em meu corpo que seja suicida ou queira morrer”, disse Maynard à revista *People*. “Eu quero viver. Gostaria que houvesse uma cura para minha doença, mas não há”.

O que Maynard procurava — a morte com dignidade — não pode ser encontrado. A morte só existe neste mundo porque a indignidade do pecado atraiu essa maldição sobre vocês. Vocês foram originalmente criados para viver com nosso querido e velho pai para sempre, mas preferiram ficar do lado do meu Mestre — e ele leva carnificina e caos aonde quer que vá.

A morte é o resultado do sofrimento que vocês, sacos de carne, causaram a este mundo, não uma ocorrência neutra, o jeito como as coisas são. Foi por isso que o miserável judeu chamado Paulo escreveu que o carpinteiro “vencera o último inimigo”, a morte, quando supostamente ressuscitou da sepultura (novamente, nossa posição oficial é não confirmar nem negar que isso aconteceu).

Não há morte, indignidade ou sofrimento que temer, contanto que reconheçam a morte e o sofrimento que o carpinteiro suportou em seu favor. Vocês sabiam disso. Houve uma época, não muito tempo atrás, em que praticamente todos os americanos conheciam João 3, 16.

“Pois d\*\*s tanto amou o mundo que deu o seu filho único, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”.

Contudo, após meu trabalho, o versículo bíblico favorito da maioria dos americanos é agora Mateus 7, 1, tirado completamente de contexto, é claro. Vocês conhecem a frase “não julgueis para não serdes julgados”, mas praticamente nada que o carpinteiro disse antes e depois disso. Só sabem que esse é o versículo a usar como *habeas corpus* quando alguém tenta lhes dizer que estão fazendo algo errado.

Vocês só conhecem esse porque não querem conhecer o resto. Querem morrer quase tanto quanto nós queremos destruí-los.

Não apenas não acreditam mais na vida eterna, também buscam a morte. Lembrem-se de quando estar com os dias contados significava sair em grande estilo, completar sua lista de desejos ou fazer discursos inspiradores para aqueles que se deixaria para trás, garantindo que cada momento valesse a pena?

Embora não exista morte digna, existem mortes com sentido. Como, por quê, onde ou quando alguém morre pode expressar o sentido (valor/dignidade) da sua vida. É por isso que aquele livro horroroso comemora o amor sacrificial, porque não há amor maior do que dispor-se a dar a vida por alguém. É impossível dar mais do que a si mesmo.

Por outro lado, nós, demônios, nunca nos sacrificaríamos uns pelos outros. Na verdade, frequentemente temos que trabalhar separadamente e não em grandes grupos, porque quanto mais demônios, mais problemas. Quando muito mal é concentrado num só lugar, sempre ocorrem travessuras malucas. No entanto, eu daria minha vida pelo meu Mestre, assim como o resto dos meus irmãos demoníacos, mas nisso não somos motivados pelo amor sacrificial.

Somos motivados pelo compromisso de lealdade.

Nada do que vocês chamam de “amor” existe fora da providência de “você sabe quem”, pois ele é o amor encarnado. Portanto, não se pode “amar” algo ou alguém fora da vontade do ser que é o único responsável pelo significado e pela existência do amor. O que vocês costumam chamar de “amor” — sua depravação sexual, seu materialismo, sua idolatria etc. — é na verdade sua “lealdade” ao pecado. Seu pecado é seu mestre.

Ao amor de “você sabe quem”, vocês preferiram rebelar-se contra ele — assim como fizemos aqui no Inferno. Caso ainda não tenham percebido, temos mais em comum do que imaginam. Nós não os fizemos escolher a rebelião, vocês a escolheram por sua vontade, mas nela desempenhamos um papel ao convencê-los a chamá-la de “amor”.

Pois quanto mais amam falsamente seu pecado, menos percebem a necessidade que têm do único amor verdadeiro neste universo. Mais uma vez, uma obra-prima de meu Mestre.

De volta a Maynard. Ao tomar a decisão de acabar com a própria vida, ela presumiu que, daquele ponto em diante, não tinha mais nada a oferecer a este mundo ou aos seus entes queridos. Isso quer dizer que, em essência, ela estava brincando de deus e tomando decisões como se conhecesse o futuro.

Como ela sabia que um ente querido não precisaria de uma palavra de conforto no dia seguinte ao seu suicídio? Como sabia que seu marido não precisaria de seu apoio numa grande provação dois ou três

dias depois? Como sabia que não seria ela quem desempenharia um papel fundamental no salvamento da vida de alguém uma semana depois? Como sabia que uma cura milagrosa não seria descoberta duas semanas depois?

Rapaz, isso seria péssimo, não seria? Estar convencido de que não há esperança, decidir “morrer com dignidade” e, apenas algumas semanas depois do enterro, encontrarem uma cura. Conseguem imaginar?

Eu consigo, com certeza, mas meu senso de humor é bastante perverso.

Provavelmente, se tirarem a própria vida, acabarão aqui conosco, porque a maioria das pessoas que entendem que a vida é um presente de “você sabe quem” não a desperdiçaria assim. Imaginem só vocês aqui, sofrendo tormentos indescritíveis após tirar a própria vida, e de repente uma cura é encontrada para sua doença, de modo que não precisavam ter feito aquilo. Com os diabos, vocês macacos falantes são mesmo hilários.

A revista *People* descreveu Maynard como “destemida”, mas, ironicamente, parece que a sua decisão de cometer suicídio se baseava apenas no medo. O medo do sofrimento físico. O medo de como isso afetaria negativamente seus entes queridos. O medo de cair na indignidade de uma terrível aflição.

Antes de julgar Maynard com muita severidade, percebam que a maioria de vocês não entende esses medos, mas eu conheço alguém que entende — meu Mestre.

Meu Mestre se regala com o medo. Ele é o medo encarnado. Se a fé é a moeda do Céu, o medo é a moeda do Inferno. Sempre que vocês tomam decisões baseadas no medo, alimentam o abismo do Inferno, pois o medo leva meu Mestre a agir, assim como sua oração faz “você sabe quem” se mover.

Há outra mulher cuja história também prova que os tempos mudaram.

Certa vez, uma atraente garota da Flórida decidiu que precisava fazer uma dieta. Sofrendo de deficiência de potássio, ela desmaiou e acabou entrando em coma. O nome dela era Terri Schiavo.

Embora os médicos dissessem que ela provavelmente nunca se recuperaria de todo do seu acidente dietético, Schiavo finalmente melhorou até atingir uma condição estável. Ela conseguia até sorrir e reagir à presença dos pais, algo que ela aparece fazendo no último vídeo que seus pais gravaram antes de ela morrer. Um vídeo que pode facilmente ser encontrado *online*. Mesmo assim, as autoridades negaram-lhe água e fizeram-na morrer de fome, em plena luz do dia, num lar de idosos na Flórida.

Afinal, essa era “a atitude mais misericordiosa”! Acho que falo em nome de todo o Inferno quando digo que concordamos!

O estado da Flórida também decidiu que “a atitude mais misericordiosa” era colocar guardas armados do lado de fora da porta do lar de idosos em que Schiavo estava, para que ninguém entrasse e lhe desse pedaços de gelo, evitando que ela morresse de fome.

Isso realmente aconteceu, tal como lhes contei, há apenas alguns anos. Não num regime totalitário descrito nos livros de história ou num estado “progressista” que abraçara toda a loucura que o Inferno tem a oferecer. Aconteceu na Flórida, um dos estados mais populares e pitorescos da sua União.

Bobby Schindler era irmão de Schiavo. Em 2014, ele escreveu sobre a “cultura da morte” para um *website* chamado *LifeNews*:

Estima-se que 92% das mulheres que recebem um diagnóstico de Síndrome de Down durante o pré-natal optam pelo aborto. Atualmente, há forte pressão para que a alimentação por colher seja

negada a pacientes com Alzheimer que assim o tenham previamente solicitado.

Infelizmente, estes são apenas alguns dos exemplos mais recentes dos preconceitos potencialmente fatais que assolam a comunidade de deficientes e inúmeras outras pessoas vulneráveis do ponto de vista médico. Na verdade, este conjunto de vítimas terrível não surge num vácuo cultural, mas reflete ideias segundo as quais é melhor ser morto que viver com uma deficiência. Não faz muito tempo que as sondas de alimentação eram consideradas cuidados básicos e comuns e, portanto, seria ilegal, um ato de eutanásia, deixar de alimentar e hidratar uma pessoa que necessitasse de alimentação por sonda.

Hoje, no entanto, as sondas de alimentação foram redefinidas como “nutrição e hidratação artificiais” — e, portanto, uma forma de “tratamento médico”. Consequentemente, negar alimentos e água a pacientes com deficiência cognitiva, e a inúmeras outras pessoas vulneráveis do ponto de vista médico, tornou-se algo legal e rotineiro em todos os cinquenta estados. Hoje em dia, ou o público em geral não tem conhecimento desta mudança, ou simplesmente não se importa.

Mas se você acha que desidratar até a morte pessoas vulneráveis do ponto de vista médico é algo que não está acontecendo, então você não está prestando atenção. Seja qual for a razão, a grande mídia faz muito pouco para esclarecer adequadamente qualquer confusão que possa existir, pois continua a relatar que as pessoas que recebem comida e água através de sondas de alimentação estão recebendo “suporte vital artificial”, dando a percepção de que essas pessoas estão sendo mantidas por máquinas.

Tragicamente, muitos de nós hoje ficamos desconectados e insensíveis à nossa própria dignidade e valor intrínseco. Parece que já não sabemos amar e só damos significado e valor ao que uma pessoa pode ou não fazer, em vez de compreender o valor e a dignidade da pessoa humana simplesmente por ser humana.

Em consequência disso, diariamente são tomadas decisões para que os nossos indefesos do ponto de vista médico sejam barbaramente esfaimados e desidratados até à morte. Isso para não falar da ofensiva afirmação de que desidratar alguém lentamente até à morte, durante um período de semanas, é um ato de compaixão; que elas estão, de alguma forma, vivenciando a morte de uma maneira digna.

**Isso não é compaixão, isso não é amor. É assassinato intencional e da forma mais indigna.**

Tudo o que Schindler diz aqui está absolutamente correto. E não posso dizer o quanto estou feliz por escrever isso.

As histórias de Maynard e Schiavo são a prova de que a sua cultura se tornou uma cultura da morte. Tal como o fato de os seus políticos progressistas gostarem de alegar que estão sendo “guardiões de seu irmão” ao levar sua economia à falência com um Estado de bem-estar social. Hilariantemente, ao repetir esse bordão, estão citando o primeiro assassino da história do mundo; pois foi isso que Caim disse depois de assassinar seu irmão Abel, usando a frase para responder levemente ao nosso querido pai quando ele o questionou sobre o paradeiro de seu irmão, morto pelas mãos de Caim.

Eu sei, porque eu estava lá, incentivando Caim o tempo todo.

Vocês estão tão apaixonados pela morte que celebram as palavras do primeiro assassino do mundo em seu discurso político. Mas não vou parar por aí, porque perderia a oportunidade de escrever sobre um dos meus favoritos: Kermit Gosnell.

Muitos de vocês provavelmente não têm ideia de quem é Gosnell, apesar de ser um dos assassinos em massa mais bem-sucedidos do seu país, porque grande parte da sua mídia fez o possível para esconder o massacre cometido por ele. Preocupava-a a possibilidade de, ao contar a história de Gosnell, gerar um reflexo negativo na indústria do aborto, já que ela vê o assassinato de crianças em gestação como uma virtude

cívica. Sua mídia está totalmente envolvida na cultura da morte. Parte dela até trabalha diretamente para nós.

Gosnell está em uma prisão estadual da Pensilvânia, cumprindo pena perpétua sem possibilidade de condicional, após ter sido condenado por três acusações de assassinato em primeiro grau, uma de homicídio culposo, 21 de realização de aborto ilegal e 211 de violação de uma lei estadual que exige que a mulher possa expressar “consentimento informado” antes de decidir matar seu bebê.

Essas acusações podem parecer hediondas por si só, mas mal arranhariam a superfície se quiséssemos descrever o macabro trabalho de Gosnell durante dezessete anos. O cenário de tudo foi sua clínica na Filadélfia, descrita como uma “casa dos horrores” pelas autoridades que o investigaram.

Tomei a liberdade de preparar um resumo do depoimento testemunhal mais horrível do julgamento de Gosnell, apenas para dar a vocês uma ideia do seu trabalho. Embora seja insignificante se comparado com o que muitos de vocês verão aqui um dia, eu não deixo de notar uma semelhança.

Por quatro anos angustiantes, Kareema Cross trabalhou para Gosnell, auxiliando procedimentos de assassinato de crianças em tão péssimas condições que ela decidiu tirar fotos para documentá-los e depois denunciou seu chefe às autoridades, sob um nome fictício.

Mas ninguém ouviu. Afinal, liberdade reprodutiva e *blá blá blá*.

Dois anos depois, as autoridades invadiram a clínica de Gosnell pensando que se tratava de um lugar onde se falsificavam receitas, apenas para descobrir que era, assustadoramente, muito mais. Em outras palavras, foram lá por motivos totalmente alheios aos bebês que Gosnell vinha massacrando. O desmembramento de bebês não as motivara a agir, mas a possibilidade de que Gosnell estivesse vendendo medicamentos restritos por baixo da mesa, sim. Quem disse que suas prioridades estão erradas?

Cross disse que seu treinamento para trabalhar com Gosnell consistiu em observar um procedimento de ultrassom; depois disso, teve de se virar sozinha. Quando Cross media, no útero da paciente, um bebê com mais de vinte e quatro semanas, devia solicitar a uma das outras mulheres, mais capacitadas a operar a relíquia da década de 1980, que confirmasse seu laudo. O critério das vinte e quatro semanas era fundamental, porque na Pensilvânia é ilegal abortar um feto depois de vinte e três semanas e seis dias.

Entretanto, se a criança tiver vinte e duas semanas, pode-se literalmente rasgá-la membro por membro, arrancar a carne de seus ossinhos minúsculos e não sofrer nada por isso. Eu amo este país!

Se a criança já tivesse mais de vinte e quatro semanas, o próprio Gosnell refazia os ultrassons. Gosnell simplesmente obrigava o ultrassom a responder o que a lei dizia que precisava responder. Se a Pensilvânia proibisse a morte de bebês em período gestacional superior às dezesseis semanas, Gosnell manipularia os resultados para dizer isso. Se a proibição fosse de trinta semanas, contaria exatamente a mentira necessária. E assim por diante. Ele é um assassino de crianças. Por que alguém acreditaria que ele fala a verdade?

Cross descreveu em detalhes vívidos suas experiências na clínica de Gosnell. Ela testemunhou que, no início, apenas media sinais vitais e trabalhava na recepção. Tarefas típicas de assistente hospitalar, para as quais ela estava qualificada. Mas depois de duas semanas, Cross foi convidada a começar a fazer ultrassonografias, a injetar drogas quando Gosnell não estivesse no prédio e ajudar nas salas de procedimentos sujas e manchadas de sangue.

Cross testemunhou que, enquanto trabalhava para Gosnell, **pelo menos duas vezes por dia, seis dias por semana, no mínimo dois bebês nasciam antes mesmo de Gosnell chegar. Ela disse que um assistente hospitalar formado em medicina, mas sem registro e com um macabro interesse em abortos, ficava lá para cortar o pescoço dos bebês. Ela o vira fazer isso pelo menos cinquenta vezes!**

Cinquenta vezes vira o assistente pegar bebês vivos (que, sim, já estão “vivos” no ventre da mãe), não natimortos, mas vivos, e matá-los. Quando nasciam na presença de Gosnell, ele mesmo fazia o trabalho sujo.

Cross às vezes trabalhava das 8h às 3h da manhã seguinte, ajudando nos procedimentos. A clínica de Gosnell era uma competente máquina de matar que deixaria qualquer tirano opressor orgulhoso. Cross via rotineiramente bebês nascidos vivos movendo-se, respirando e gemendo. Durante seu depoimento, Cross mostrou, com as mãos separadas por cerca de dezesseis centímetros, o tamanho daqueles bebês.

**Certa vez, na ausência de Gosnell, Cross viu um bebê grande nascer no vaso sanitário. Ela o viu tentando sair da água, movendo seus bracinhos e perninhas como um nadador. Gosnell cortou o pescoço do bebê ali mesmo, na frente da mãe, que estava sangrando no banheiro. Então uma enfermeira pôs os restos mortais do bebê num recipiente e o levou embora.**

Permitam-me fazer uma pausa por um segundo. Eu sou um demônio, odeio sua espécie com cada fibra do meu ser e fico feliz em causar-lhes as maiores dores. No entanto, até eu fico enjoado com isso. Satisfeito, é claro, por ver mais uma prova de sua selvageria; mas, ainda assim, enjoado.

Voltemos ao caos.

Cross testemunhou que, certa vez, outra funcionária a chamou para ver um bebê que havia acabado de nascer. Ela viu o peito do bebê subindo e descendo num movimento constante. Viu a enfermeira segurar sua mão e levantá-la e o bebê puxá-la de volta. **Viu o bebê respirando sozinho por cerca de vinte minutos antes que a enfermeira o matasse cortando sua medula espinhal com uma tesoura.**

Quando a enfermeira que matou essa criança testemunhou no julgamento de Gosnell, parecia não ter emoções e olhava fixamente

para frente o tempo todo, quase como se estivesse em estado catatônico, muitas vezes fazendo pausas desconfortavelmente longas. Em vez de se permitir uma culpa profunda e convincente que a levasse ao arrependimento, ela tomou o caminho da dissonância cognitiva.

Ciência!

Cross testemunhou ter visto, em mais de dez ocasiões, bebês capazes de respirar por conta própria. Certa vez, ouviu o som de choro. Uma garota de quinze anos estava trabalhando na sala de matança de onde vinha aquele choro e pediu a Cross que a ajudasse a saber o que fazer. Uma adolescente, talvez destinada a um dia ser mãe, estava sendo ensinada a matar crianças em vez de criá-las.

Progresso!

Quase todos que trabalhavam para Gosnell administravam medicamentos sem supervisão, embora ninguém fosse qualificado para fazê-lo. Muitas funcionárias tentavam seguir as tabelas ao administrar sedativos, mas Cross notou que duas enfermeiras não seguiam os procedimentos adequados ao drogar as mulheres. Às vezes, algumas das que recebiam essas injeções se queixavam a Cross por causa dos braços inchados. Cross se queixou a Gosnell sobre a maneira como elas aplicavam as drogas, mas nada mudou.

Farta das condições e da forma terrível como as mulheres eram tratadas na clínica de Gosnell (além das criancinhas que o ajudara a matar), Cross começou a documentar as condições horríveis com sua própria câmera. As imagens coloridas foram exibidas numa grande tela no tribunal escuro, com as luzes apagadas. Ela fotografara a mesa de procedimentos encharcada de sangue na sala de cirurgia, que tinha rasgos no vinil em que as mulheres se deitavam durante os abortos. A mesma mesa tinha sido apreendida na clínica e esteve presente no tribunal durante todo o processo criminal. **Parte das manchas na mesa foram identificadas como sangue seco.**

Mas esperem, vai piorar.

**Outra foto tirada por Cross mostrava duas prateleiras sobre a mesma pia onde outra enfermeira lavava restos de bebês para ser jogados no lixo. Nas prateleiras havia cerca de cinquenta potes com pés de fetos flutuando em um líquido. Havia uma foto de uma pia indescritivelmente imunda na qual havia plástico usado.**

Entendam que as mulheres estavam entrando lá e deixando os aspectos mais sensíveis de sua anatomia ser expostos e maltratados em tais condições. E tudo isso sancionado pelo lado que se diz a favor da mulher e da saúde da mulher. Seu governo também permitiu que isso continuasse durasse anos.

Outras fotos mostravam manchas de sangue e equipamentos que não funcionavam, além do gato de Gosnell dormindo em uma cadeira sem nenhuma preocupação. Cross disse que o gato vagava livremente pela clínica, até mesmo nas salas de procedimentos, e adquirira o hábito de fazer suas necessidades onde quisesse.

De uma paciente Cross tinha uma memória muito vívida. O nome dela era Shaquana Abrams, e sua gravidez estava bem avançada quando veio procurar Gosnell para um procedimento de dois dias. Abrams teria que ser fortemente sedada. Enquanto ela dormia naquela mesa imunda da sala de cirurgia, o maior bebê que Cross já tinha visto em seus anos com Gosnell “apenas saiu”.

**Gosnell pegou o menino e colocou-o em uma caixa de sapatos de plástico. O bebê era tão grande que não coube nela direito.**

Seus braços e pernas estavam pendurados pelo lado de fora da caixa. Então, de repente, em uma cena que lembrava um filme de terror cafona, o bebê encolheu os braços e as pernas, como se para se levantar na caixa. Aposto que isso foi assustador!

Gosnell então levou a caixa de sapatos que continha o menino para outra parte da sala, onde lhe quebrou o pescoço no meio. Contudo, ele não aspirou o conteúdo craniano (ou seja, o cérebro), como às vezes

fazia quando surgiam bebês inteiros. A horrenda foto que Cross tirou desse menino acabou com todos no tribunal.

Um aparte: milhões de carcaças de bebês como esse saem de clínicas de aborto por todo o país. Tudo bem, seus restos mortais geralmente não são colocados em caixas de sapatos; mas é mesmo muito melhor se são colocados em um recipiente médico limpo? Sua capacidade de racionalizar sua maldade é uma das poucas coisas que respeito em vocês, sacos de carne.

O cadáver desse bebê deveria ter sido levado para o congelador naquela noite. Mas na manhã seguinte, quando a atendente chegou para “tirar o lixo”, que incluía os restos abortados das salas de procedimentos, ela encontrou o bebê, grande e com cabelos escuros, ainda naquela caixa na sala de cirurgia onde havia sido deixado por Gosnell.

Surpresa!

Gente, nem mesmo o Inferno pode inventar essas coisas. Desculpem, não consigo parar de rir. Deem-me um instante para me recompor.

Pois bem, sigamos em frente.

A própria Cross engravidou e decidiu matar seu filho. Embora viesse a descrever seu aborto como um “procedimento” no banco das testemunhas, ela não conseguiu fazê-lo na clínica de Gosnell. Então foi a outro açougueiro de bebês na Filadélfia. Como eu sempre digo, se você vai assassinar seu próprio bebezinho indefeso, é melhor fazê-lo nas condições mais higiênicas possíveis.

Afinal, as mães já diziam: Deus não gosta de gente porca!

Cross engravidou novamente, porque, pelo visto, não entendia como a contracepção funciona, e desta vez decidiu ficar com o bebê. Em seu depoimento, ela disse que Gosnell não gostara da sua decisão. Ele a

havia confrontado e pressionado a matar seu filho. Até lhe escrevera bilhetes perguntando: “Como pode trabalhar aqui, estando grávida?”.

Que coisa maravilhosa, não acham? Um açougueiro como Gosnell se fazendo de moralmente superior. Que mundo é esse em que não podemos exigir consistência moral nem de assassinos de crianças?

Hipócritas!

Mãos que derramam sangue inocente estão entre as minhas coisas favoritas, e o que vocês acabaram de ler é o equivalente infernal da *Quinta sinfonia* de Beethoven. Um virtuose da violência. Não é sempre que aplaudimos de pé um saco de carne aqui no Inferno, mas certamente aplaudimos Gosnell.

Estamos fazendo o nosso melhor para garantir que Gosnell não se arrependa verdadeiramente de seus muitos pecados enquanto estiver encarcerado, porque temos grandes planos para ele aqui. Ele pode esperar uma versão muito mais brutal do que fez com aqueles bebês. É o que no Inferno chamamos de “justiça”. Primeiro, tentamos e incentivamos vocês a fazer coisas terríveis, e depois os punimos ainda mais terrivelmente por fazê-las quando chegam aqui.

Eis mais uma coisa sobre Gosnell que vocês provavelmente não sabem. Houve um Gosnell em quase todas as culturas na história da sua espécie. Há uma infinidade de mini-Gosnells espalhados por sua cultura — neste exato minuto. Ele é legião. Às vezes, no paganismo, é até chamado de “sacerdote”, em vez de “médico”.

Saibam que vocês nunca tiveram uma civilização que não pudéssemos convencer a assassinar seus próprios descendentes. Nem umazinha. Vocês, sacos de carne, são assim decaídos, horríveis e desprezíveis. São tão egoístas que, se os convencermos de que destruir seu futuro é o melhor para vocês agora, vocês o farão.

Nem mesmo os judeus amados por “você sabe quem” ficaram imunes às nossas armações. Eles também praticaram o sacrifício de crianças.

Na Israel do Antigo Testamento, mataram seus próprios filhos para aplacar Moloch, que significa literalmente “leite” ou “semente”, numa referência à semente que o homem derrama na mulher para conceber filhos em seu ventre.

Moloch exigiu que os israelitas o adorassem no vale de Ben-Hinnom, indo até lá lançar seus filhos no fogo para agradá-lo. Ficaram felizes de ver seus próprios filhos perecerem naquelas chamas, porque, ao ver seu futuro queimar vivo, acreditaram que receberiam uma bênção no presente.

Embora fosse conhecido como Moloch em Israel no Antigo Testamento, o “deus” que exigia um sacrifício tão repulsivo teve muitos nomes ao longo dos tempos — mas ele sempre foi meu Mestre.

Este engano em particular é o golpe de misericórdia do meu Mestre. A ideia de convencer uma cultura a assassinar os seus próprios filhos, como forma de convencer o nosso querido e velho pai de que ele nunca deveria ter criado vocês, veio diretamente da genialidade do meu Mestre. Desde o primeiro momento, vocês não conseguiram resistir a essa tentação, porque meu Mestre é irresistível.

Meu Mestre se deleita em ofertar a “você sabe quem” os restos carbonizados e desmembrados das crianças mortas por vocês. Mostrar a ele as criaturas nojentas que vocês são, fazendo subir pelo ar até os céus o fedor nauseante da carne macia e inocente dos bebês que vocês matam. Poucas coisas deixam nosso querido pai mais irado que o derramamento de sangue inocente.

E vocês tem *muito* sangue inocente nas mãos.

Eu teria muito medo de incorrer na ira do ser mais poderoso do universo se fosse vocês, mas é provável que nem tenham considerado essa possibilidade. Porque, no seu caso, meu Mestre veio exigir-lhes o sacrifício de crianças disfarçado do mais convincente de todos os falsos deuses: vocês mesmos.

Vocês enchem os bolsos de toda uma indústria de Gosnells, entregando-lhes seus bebês para serem massacrados no altar da conveniência pessoal. Fizeram isso quatro mil vezes por dia desde o julgamento *Roe vs. Wade*,<sup>39</sup> em 1973. Isso soma bem mais de cinquenta milhões de bebês, seus próprios filhos, que vocês desmembraram e assassinaram em obediência ao meu Mestre. Isso faz de vocês os assassinos de crianças mais bem-sucedidos de qualquer civilização em que já nos infiltramos na longa e gloriosa história do Inferno.

Vocês mataram, por meio do aborto, mais pessoas do que as que morreram em todas as guerras somadas na história de sua civilização. Ao diabo o que lhe é devido: vocês literalmente tornaram o útero da mãe o lugar mais perigoso para uma criança na América.

Pela primeira vez, talvez eu tenha que me ajoelhar diante de vocês. Até mesmo este general demoníaco, que por eras comandou hordas de demônios em atrocidades indescritíveis, está impressionado com seu egoísmo sanguinário. Seu país realmente é a terra dos livres e o lar dos depravados.<sup>40</sup>

Basta ver quão longe vocês se dispõem a ir para preservar seu “direito” de matar seus próprios filhos. Se uma mulher grávida está prestes a entrar no estacionamento de uma clínica Planned Parenthood com a intenção de matar seu filho, mas é atropelada por um motorista bêbado, esse motorista bêbado é preso por dois homicídios veiculares — tanto o da mãe quanto o do bebê.

No entanto, se a referida mãe chega em segurança ao seu destino na Planned Parenthood e entra num ambiente estéril com Mengeles dos tempos atuais à espera do seu dinheiro para dar fim ao seu “aglomerado de células”, então isso já não é uma criança de jeito nenhum. É uma escolha. Na verdade, vocês mudaram de bom grado a terminologia em nosso favor, de “bebê” para “feto”.

Não contávamos com tamanha disposição de distorcer a verdade dessa forma por conta própria, porque vocês costumam precisar de nossas sugestões para fazer isso. Mas vocês se agarraram ao sacrifício de crianças de forma tão íntima e completa que agora é como se a ideia tivesse partido de vocês.

Até substituíram seus médicos pelos xamãs/sacerdotes do passado que realizam a execução. Tendo a “ciência” como sua pseudoreligião, o “médico” abortista, agora, é responsável pela realização do ritual. E em vez de visitar um templo, vocês agora permitem que o médico realize o sacrifício da criança dentro de seus próprios corpos — que foram criados para ser o templo do espírito dele. Isso significa que toda vez que uma de vocês comete esse pecado grave, não está apenas derramando sangue inocente, mas também profanando a si mesma.

Então, que tipo de coisas o ritual de sacrifício do seu filho envolve? Eis a descrição de um “médico” ex-abortista que escreveu para um grupo de santarrões chamado *Priests for Life*:<sup>41</sup>

Imagine por um momento que você é um obstetra-ginecologista “pró-escolha” como eu já fui. Sua paciente hoje tem dezessete anos e está grávida de vinte semanas. Após vinte semanas, o útero dela terá atingido a altura do umbigo e há duas semanas ela tem sentido o bebê chutar. Se fosse possível ver o bebê dela, ele teria o comprimento da sua mão, do topo da cabeça até a parte inferior das costas, sem contar as pernas.

Sua paciente agora está adormecida em cima de uma mesa de cirurgia com as pernas nos estribos. Ao entrar na sala após a assepsia, você seca as mãos com uma toalha estéril e é vestido e enluvado pela enfermeira de serviço.

A primeira tarefa é retirar a laminária que foi previamente posta no colo do útero para dilatá-lo o suficiente, de modo a permitir o procedimento que você está prestes a realizar. Feito isso, direciona sua atenção para os instrumentos cirúrgicos dispostos em uma

mesinha à sua direita. O primeiro instrumento que você pega é uma sonda de sucção 14FR. Ela é feita de plástico transparente e tem cerca de 23 centímetros de comprimento. Tem um furo central com diâmetro de aproximadamente  $\frac{3}{4}$  de polegada.

Imagine-se introduzindo o cateter através do colo do útero e instruindo a enfermeira do turno a ligar a máquina de sucção que está conectada ao cateter por meio de um tubo de plástico transparente. O que você vê é um fluido amarelo claro, muito parecido com urina, passando pelo cateter para uma garrafa de vidro na máquina de sucção. Este líquido amniótico, até então, rodeava o bebê para protegê-lo.

Completada a sucção, tome sua pinça Sopher. Este instrumento tem cerca de treze centímetros de comprimento e é feito de aço inoxidável. Numa das extremidades há mandíbulas com cerca de  $2\frac{1}{2}$  polegadas de comprimento e cerca de  $\frac{3}{4}$  de polegada de largura, com fileiras de cristas ou dentes afiados. Este instrumento serve para agarrar e esmagar tecidos. Quando se prende a alguma coisa, não solta.

Um aborto no segundo trimestre é um procedimento às cegas. O bebê pode estar em qualquer orientação ou posição dentro do útero. Imagine-se usando a pinça Sopher para agarrar qualquer coisa que conseguir.

Na vigésima semana de gestação, o útero é fino e macio, de modo que é preciso tomar cuidado para não furar ou perfurar suas paredes. **Tendo encontrado algo, aperta a pinça até travar as mandíbulas uma na outra e depois puxa com força — com muita força.**

**Você sente algo se soltando, e logo aparece uma perna completamente formada, com cerca de 10 a 12 centímetros de comprimento. Prende outra coisa e arranca tudo o que encontra. Aperta as mandíbulas e puxa com força mais uma vez, e sai um braço com aproximadamente o mesmo comprimento. Continua**

trabalhando com a pinça e arranca a coluna, os intestinos, o coração e os pulmões.

**A parte mais difícil de um aborto é extrair a cabeça do bebê. A cabeça de um bebê dessa idade tem aproximadamente o tamanho de uma ameixa e, neste ponto, está flutuando livremente pela cavidade uterina. Você terá certeza de que a encontrou se a pinça Sopher estiver aberta ao máximo, tanto quanto seus dedos permitirem.**

**Você saberá que acertou quando, ao pressionar a pinça, vir um material gelatinoso branco puro escorrer do colo do útero. Era o cérebro do bebê. Agora você já pode extrair os pedaços do crânio. Se você estiver num dia muito ruim, como muitas vezes eu estive, pode aparecer um rostinho olhando para você.**

Parabéns! Você acabou de realizar um aborto bem-sucedido. Você acabou de respeitar o “direito” de escolha da mulher. Você acabou de ganhar US \$600 em quinze minutos.

Perdoem minha sinceridade brutal, caras, mas as partes em negrito que acabaram de ler parecem algumas das coisas que gostamos de fazer com vocês aqui no Inferno. Vocês de fato processaram uns aos outros pelo “direito” de fazer isso com seus próprios filhos! E quando alguém tenta lhes tirar esse “direito”, protestam veementemente, chegando mesmo a jogar fezes e absorventes e gritando obscenidades enquanto exigem seu “direito” de matar seus filhos.

Vocês realmente são uma cultura conforme ao coração cheio de sangue frio do meu Mestre!

Ao mesmo tempo, muitas das mesmas pessoas que defendem o desmembramento de bebês inocentes consideram desumano aplicar num *serial killer* adulto uma injeção letal que o ponha gentilmente para dormir. Vocês literalmente tratam os execráveis melhor do que seus próprios filhos.

Meu trabalho aqui está quase concluído. Em breve, meus serviços não serão mais necessários. Vocês serão perfeitamente capazes de concluir o trabalho a partir daqui.

## CAPÍTULO IX: DERROTA

O jogo ainda não está encerrado, mas com certeza está definido.

Como os minutos que restam a uma disputa desigual cujo resultado já foi determinado há muito tempo, esta é a hora mais terrível para a América. Vocês esvaziarão o banco de reservas, e um ou dois pernas de pau, por quem ninguém dava nada, farão uma jogada que arrancará aplausos da torcida — mas nada que altere o placar final.

Para mudar agora o rumo das coisas seria necessário — como dizer? — um milagre. Só que milagres estão em outro nível; são estritamente da competência de “você sabe quem”. Infelizmente, tenho certeza de que, neste momento, ele tem para vocês planos muito mais complicados, que discutiremos mais tarde.

Por enquanto, porém, deixem-me explicar por que a sorte está lançada e vocês, enquanto povo, não podem sair do abismo por conta própria. Não que vocês queiram sair.

Vocês se constituem de duas culturas distintas e inconciliáveis tentando hastear a mesma bandeira e reivindicar a mesma terra. De um lado estão aqueles que chamaremos de “tradicionalistas” para facilitar a conversa. Estes são os que ainda querem viver de acordo com os credos fundadores do seu país — fé, família e liberdade. Ainda estão amargamente agarrados às suas armas e à sua religião. Ainda acham que a sua Constituição significa alguma coisa. A visão deles ainda é majoritária em muitos ambientes da sua cultura, mas isso não importa.

Explicarei o porquê daqui a um instante.

Do outro lado estão os que chamaremos de “progressistas”, já que nos referimos a eles diversas vezes neste livro, e muitos de vocês provavelmente já ouviram o termo. Como já dissemos, os progressistas querem basicamente minar os credos fundadores do país e substituí-los pela nossa maneira de fazer as coisas, cuja maior parte já foi rejeitada pela civilização ocidental há muito tempo. É verdade: o novo progressismo é o velho paganismo.

Aqui estão alguns exemplos:

Os pagãos sempre enfatizaram a coletividade, enquanto a civilização ocidental defende o indivíduo.

Os pagãos tinham opiniões muito diferentes sobre o que constituía a sexualidade, a identidade sexual e a moralidade em geral. A civilização ocidental submeteu-se aos absolutos morais obtidos do ensino judaico-cristão para determinar esses valores.

Por serem libertinos sexuais, os pagãos afirmavam ser os únicos defensores da liberdade. No entanto, a visão pagã sempre deu ao Estado o poder de se deificar ou indicar quais deuses deveriam ser servidos, a fim de justificar a desobediência aos comandos do único e verdadeiro d\*\*s vivo. Dar ao Estado poderes divinos *sempre* leva à tirania, e é por isso que os piores tiranos da história humana *sempre* operaram fora da ordem judaico-cristã. Por outro lado, depois de flertar, no início, com o mesmo erro fatal, apenas substituindo os preferidos dos pagãos por “você sabe quem”, a civilização ocidental (por meio do nascimento de sua nação) descobriu que o Estado deve ser institucionalmente separado da Igreja, mas, também e ao mesmo tempo, responsável diante de “você sabe quem”. De outra forma, a liberdade não seria possível sem percorrer essa linha tênue, porque o Estado se acreditaria supremo. Isso explica por que o Estado, na sua sociedade, não impõe crenças à Igreja nem aos cidadãos, mas também exige que os políticos façam um juramento ao nosso querido e velho

pai antes de assumir o cargo, para que se lembrem de a quem realmente devem prestar contas.

A razão pela qual não conseguiram derrotar nossos progressistas foi porque não conseguiram ver o que realmente é o progressismo. Vocês atacam, com razão, os políticos de esquerda quando eles não identificam o mal claramente pelo que é, ou se recusam a qualificar a *jihad* violenta como radicalismo islâmico. No entanto, quase todos os seus conservadores cometeram o mesmo erro com o progressismo. E sim, há um motivo para eu estar falando no passado aqui. Como vocês já perderam a guerra, este capítulo é intitulado “Derrota”.

O progressismo não é uma ideologia política. É um culto religioso, concebido para competir pelos corações e mentes das pessoas, de modo a afastá-las das verdades eternas sobre as quais sua nação foi fundada. A razão pela qual não é possível argumentar com progressistas é a mesma pela qual não é possível argumentar com aquela testemunha de Jeová irritante que bate à sua porta. Cultos não permitem o pensamento crítico nem promovem um ambiente que o incentive.

Já tentaram argumentar com um membro de culto quando bate à sua porta? Já tentaram mostrar-lhes que seu culto é uma farsa total, que suas afirmações já foram mais do que refutadas e os seus patriarcas, completamente desacreditados? Eles apenas o enca ram com aquele olhar vazio e se fecham ou voltam a recitar seu discurso. É quase como se tivessem sofrido uma lavagem cerebral — porque foi isso mesmo que aconteceu.

Portanto, no confronto com o progressismo, não existe nenhum ícone eloquente dos meios de comunicação conservadores que vocês possam ungir, nenhum quadro ideológico brilhantemente concebido que possam compor, nenhuma irrefutável linha de argumentação com que possam mudar a mente e a vontade do progressista de cabeça dura. Eles estão tão comprometidos com sua crença quanto os seguidores do carpinteiro estão com ele. Na verdade, veem a sua

oposição veemente como uma oportunidade de reafirmar seu fervor religioso. Assim como um seguidor do carpinteiro enxerga no fato de ser perseguido pelo mundo uma comprovação de que está seguindo “o caminho estreito”.

O progressismo é por si mesmo uma teologia, e essa teologia tem todas as marcas registradas de uma seita. Confie em mim, eu entendo disso. Sou um dos generais demoníacos aqui no Inferno. Parte do meu trabalho é criar um novo culto religioso todos os dias, antes do café da manhã. Entre as maneiras pelas quais o progressismo atua como um culto, podemos citar:

O progressismo tem seu próprio mito da criação — o darwinismo.

O progressismo é especializado em distorções, como a promoção do “pós-modernismo”, que nada mais é do que um termo filosófico sofisticado para não acreditar em nada, exceto naquilo que você deseja que seja verdade em dado momento. Em outras palavras — anarquia.

O progressismo promove a imoralidade, e há provas disso em toda a sua cultura.

O progressismo exige pensamento grupal, e é por isso que os progressistas sempre se alinham e repetem os mesmos argumentos. Não importa quão falsos e contraditórios possam ser. Por exemplo, uma vez vi um progressista numa das suas redes de notícias da TV a cabo dizer que seu lado perdera as eleições para o senado dos EUA por causa do *gerrymandering*.<sup>42</sup> Só que esse idiota não percebeu que não é possível que o *gerrymandering* afete a eleição para o senado dos EUA, já que é de âmbito estadual. Ele estava tão empenhado em sua propaganda progressista que não percebia que o que estava afirmando era um absurdo. Ainda mais saboroso é que, tenho certeza, muitos telespectadores do seu partido absorveram sua propaganda imbecil como cãezinhos a mamar.

O progressismo leva à tirania, como todas as seitas. Vocês estão literalmente assistindo a nossos progressistas apagando sua Declaração de Direitos como se fossem apenas crianças rabiscando em uma lousa. Se perderem sua Declaração de Direitos, a única coisa a se interpor entre vocês e o controle governamental total será o cano da sua arma. Ah, claro, o seu direito de manter e portar armas também se encontra nessa Declaração de Direitos. Portanto, podem esperar que nossos agentes comecem a confiscar suas armas a qualquer momento. Ou talvez deixemos que fiquem com elas para dar uns tirinhos. Nossos agentes têm tanques e artilharia pesada, então acabaríamos derrotando qualquer tipo de resistência. Mesmo assim, seria divertido passar algum tempo vendo vocês, primatas, matando uns aos outros nas ruas.

Por todo este tempo vocês têm tentado derrotar o progressismo através de um partido político, só que esse partido político também está infestado de progressistas — embora de uma linhagem diferente. Eles preferem que suas vidas sejam controladas por empresas, não por burocratas governamentais; de qualquer maneira, são as elites que obterão o controle sobre vocês. É por isso que eles sempre parecem perseguir mais duramente os patriotas amantes da liberdade, nas primárias do seu próprio partido, do que os seus alegados adversários políticos do outro partido, nas eleições gerais. Porque os patriotas amantes da liberdade que enfrentam nas primárias é que são os seus verdadeiros adversários!

O progressismo é uma má teologia, mas só se pode derrotar uma teologia má com uma boa. Não existe uma solução política para um problema espiritual. Apenas a Igreja poderia ter lidado com o problema progressista durante todo este tempo, e a Igreja deveria ter reconhecido e confrontado a ameaça teológica do progressismo, como fizera com outros falsos ensinamentos no passado.

Só que as suas igrejas, com algumas exceções, perderam o próprio lugar de destaque na cultura. Com isso, deixaram vocês indefesos contra a heresia do progressismo, tentando derrubar fortalezas espirituais com meros paus e pedras. Isso não é apenas trazer uma faca

para um tiroteio; está mais para levar um garfinho de plástico para o tiroteio no OK Corral.<sup>43</sup> Sem a Igreja para confrontar o progressismo, o nosso lado tem uma arma de destruição em massa apontada para vocês, enquanto vocês têm uma capacidade de defesa da Idade da Pedra.

Formigas (vocês), eu lhes apresento a bota (eu).

Bota, eu lhe apresento as formigas.

A ironia hilariante de tudo isso é que, verdade seja dita, de fato não há tantos progressistas na América; mas tomamos o cuidado de posicionar estrategicamente esses ativos.

É por isso que progressistas dominam a academia, a mídia e a cultura pop — onde se cria a maioria das visões de mundo no seu país. Isso dá a impressão de que nossas mensagens estão sendo amplamente aceitas pela população em geral, o que não é verdade. Não somos donos de tanta coisa na América, mas somos donos dos seus guardiões.

Por exemplo, o medo que os seus políticos têm dos “meios de comunicação liberais” é lendário. Há uma crença de que não se pode fazer nada com base em princípios porque a “mídia de esquerda” fará em pedaços qualquer político que tente.

Mas vocês sabem quantas pessoas realmente consomem a “mídia de esquerda”?

A Pew Research diz que, a cada noite, cerca de 22 milhões de pessoas assistem a um dos três noticiários comerciais transmitidos pela CBS, ABC e NBC, o que representa cerca de 7% da população. Vocês leram certo: 7%.

A audiência combinada dos noticiários matinais dessas redes é ainda menor. Um total de 12,6 milhões de americanos, o que representa cerca de 4% da população. Isso mesmo: 4%. Não são tantos sacos de carne, na grande ordem das coisas.

Que tal os filmes? De 2010 a 2014, cinquenta e seis filmes arrecadaram mais de US\$ 200 milhões nas bilheterias nacionais. Esse é o número mágico para ser considerado um *blockbuster*.<sup>44</sup> Dois terços desses filmes eram voltados para as famílias, promoviam temas patrióticos ou apresentavam personagens que claramente personificavam o bem contra o mal de um modo que pessoas de qualquer idade notariam; e todos, exceto um, podiam ser vistos por menores de 13 anos. O que não podia, *American Sniper*, é um dos filmes mais abertamente patrióticos na produção cinematográfica recente.

Vejamos a televisão. A minissérie *The Bible*, que foi ao ar recentemente, atraiu uma média de doze milhões de espectadores por episódio, o que significa vinte vezes mais público do que o de toda a programação progressista do horário nobre da MSNBC somado. Um programa da TV a cabo sobre os fundamentalistas caçadores da Louisiana, *Duck Dynasty*, seria o quarto programa mais assistido da NBC se estivesse na TV aberta. Ao que parece, todo mundo adora esses patois cujos valores familiares fazem os Waltons parecerem progressistas.

Agora, não me interpretem mal, em grande parte do que vocês chamam de cultura pop nosso niilismo reina supremo. No entanto, ainda existem dentro do *zeitgeist*<sup>45</sup> grandes enclaves onde muitos dos seus valores são populares e até geram dinheiro. Vocês não estão completamente fora do mercado. Eu só fiz um ótimo trabalho em convencê-los de que estão.

Seu problema não é que estejam em menor número; é que estão flanqueados, porque são leões liderados por amebas. A maioria dos seus líderes são organismos invertebrados e unicelulares, tão amorfos que se contorcem e assumem nova forma em resposta a qualquer estímulo externo (isto é, a pressão que aplicamos sobre eles).

Eles são invertebrados completos. Se olharem por entre as pernas da maioria dos homens em seus púlpitos e no Partido Republicano, não

encontrarão nada lá.

Já escrevi extensamente sobre como seus púlpitos estão ocupados por homens mais interessados em construir seus próprios impérios do que em promover o reino do carpinteiro. Portanto, não há necessidade de insistir nesse tema.

Ah, desgraça! Eu amo tanto esse assunto que vou, sim, afiar de novo esse machado. Afinal, o livro é meu. Por favor, permitam que este demônio, entre todos os seres, os eduque sobre o trabalho de um pastor.

Existem dois tipos de pessoas neste mundo perverso: ovelhas (vocês) e lobos (eu). À luz dessa observação, a tarefa do pastor é bastante óbvia. Ele deve cuidar das ovelhas e atirar nos lobos.

É por um bom motivo que aquele livro horroroso tantas vezes compara vocês a ovelhas; é porque elas são literalmente os mamíferos mais idiotas que nosso querido e velho pai criou. Temos a burrice, e então temos barra de espaço... barra de espaço... barra de espaço... ovelha. No caso, vocês, sacos de carne.

É fácil distrair e desviar ovelhas; muitas vezes para a sua própria morte. Portanto, as ovelhas precisam de um pastor que cuide delas, as alimente e mantenha protegidas dos perigos. É por isso que o carpinteiro se refere a si mesmo como “o bom pastor” e ordenou que aquele vulgar e falastrão pescador “apascentasse suas ovelhas”.

O carpinteiro é o seu maior protetor e professor, e ele delega parte dessa autoridade aos homens com o poder do seu espírito (como primeiro fez com Pedro). Esses homens são chamados de “pastores”, nome traduzido de uma palavra latina que significa “cuidador”.

Ora, o simples fato de que as ovelhas têm um pastor não significa que são invulneráveis a um predador como um lobo voraz. Como eu ou meu Mestre.

Quando um lobo voraz encontra o protetor da presa que deseja, não costuma desistir, mas testa a determinação do protetor, para ver se ele está à altura da tarefa de que foi encarregado. O pastor está disposto a fazer o que for necessário para proteger suas ovelhas? Ou é um covarde que, uma vez confrontado com o perigo, abandonará seu rebanho?

Muitos em seus púlpitos são do tipo covarde. Eles preferem diluir os ensinamentos do carpinteiro para atrair as massas (entenda-se conquistar mais dizimistas). Ainda que permaneçam fiéis às palavras literais daquele livro horroroso, violam o espírito dele ao não lhes dar uma aplicação contemporânea, no sentido de “o que isso significa para mim aqui e agora?”. Como na pergunta do chato do Chuck Colson<sup>46</sup> (cara, como nós comemoramos quando ele deixou este mundo): Como você deve viver agora?

Vejam, as pessoas não saem de uma igreja que ensina que o pecado é mau e capaz de mandar os pecadores para o Inferno. As pessoas saem de uma igreja que ensina que o pecado *delas* é mau e capaz de mandar as almas *delas* para o Inferno.

Na sua cultura, os que consideram ofensivos até mesmo os ensinamentos teóricos do cristianismo são uma minoria irrelevante. A maioria das pessoas ainda quer acreditar que o mal é punido e o bem, recompensado. Que mesmo o réprobo mais endurecido pode encontrar a redenção se procurá-la com sinceridade, e que é chamado para uma vida após a morte num paraíso imaculado.

Mas uma vez que a teoria se torna realidade prática, e essa realidade prática força vocês, sacos de carne, a ver todos os dias, num espelho, seus reflexos sujos, o potencial ofensivo da mensagem do carpinteiro se multiplica poderosamente. Vocês odeiam quando se dão conta de que todos os pecados têm o mesmo peso, porque desejam acreditar que seu pecado não é tão ruim quanto o dos outros.

É por isso que vocês adoram programas sub-humanos como *The Jerry Springer Show*,<sup>47</sup> porque permitem que vocês racionalizem sua decisão de mentir para seu cônjuge como algo não tão ruim, se comparada com a do cara na TV cuja esposa é um animal.

— Graças a d\*\*s não sou tão ruim quanto aquele fracassado — diz você, outro fracassado.

Sabem, o Inferno não é apenas para estupradores de crianças e o Osama bin Laden, como muitos de vocês fantasiam. Também é para o CEO casado que pega uma gostosa mas contribui para os escoteiros. Assim como para o pobre rapaz que trabalha nos correios e rotineiramente comete fornicação em pensamento, mas também gentilmente corta a grama do vizinho idoso. Não importa quão grandes ou pequenos sejam os seus pecados, você passará a eternidade conosco aqui no abismo do Inferno se não se arrepender deles e invocar o sangue do carpinteiro para expiá-los.

Vocês podem achar isso injusto, porque eu os estive manipulando. Mas pensem um pouco e verão que, na verdade, essa é a justiça perfeita. Todo pecador é tratado igualmente, não importa a gravidade e quantidade de seus pecados ou posição na vida. Todos têm a mesma oportunidade de se redimir, ricos e pobres, ladrõezinhos e assassinos.

Só precisam pedir.

Mas se não pedirem, não importa quantas boas ações façam para tentar compensar seus erros: passarão o resto de seus dias com meu Mestre e seus empregadinhos, descobrindo o quão criativamente cruéis podemos ser.

Hoje em dia, quantas vezes vocês ouvem de seus pastores aquela mensagem, “converta-se ou queimará”? Quantos deles não gostam dela, considerando que é desnecessariamente ofensiva e que a maneira mais “estratégica” de alcançar os perdidos é comunicar o amor de d\*\*s,

omitindo sua ira? A definição de “estratégia”, neste caso, é “o que diremos a estes plebeus para que continuem a nos dar o seu dinheiro?”.

Eu não devia fazer perguntas provocativas cujas respostas já sei, mas confesso que gosto disso. Sei, ainda melhor do que vocês, que poucos de seus pastores realmente confiam no poder e na integridade do Evangelho para alcançar os perdidos, e em vez disso acreditam que o Evangelho precisa, para ser relevante e eficaz, de seu toque pessoal. Sei porque ajudei a plantar essa semente na cultura da sua Igreja e depois apelei para o orgulho e o ego daqueles homens para convencê-los de que o Evangelho *precisava deles*. Que “você sabe quem” os havia chamado para o ministério precisamente porque, para alcançar um público contemporâneo, precisava da sagaz engenhosidade deles.

Claro, há alguma verdade nisso. Muitas de nossas mentiras mais eficazes têm um elemento de verdade, sem o qual vocês não cairiam no golpe. Por exemplo: quando o gago, reclamando, disse a “você sabe quem” que ele era “lento para falar” e não devia ser escolhido para falar com o Faraó, por acaso “você sabe quem” disse a ele para “ir deslumbrar a corte do Faraó com seu problema de fala”? Hum, não, ele mandou o gago se fazer acompanhar por seu irmão Arão, um orador melhor.

Mas há uma diferença entre usar o talento que ele lhe deu para servi-lo e acreditar que seu talento lhe permite atuar como consultor do ser mais poderoso do universo. Seu talento não é necessário para que ele consiga o que deseja. Ele lhe dá esse talento para *permitir* que você o sirva. Para *permitir* que você participe do plano dele. Não porque ele *precise* que você participe do plano dele. Se todas as igrejas do seu país desamparado fechassem as portas imediatamente, nem uma alma a mais viria parar aqui no Inferno, pois ele pode fazer até as rochas falarem e fazerem sua vontade, se necessário.

Vocês são meros sacos de carne cheios de imaginações vãs. Hoje aqui, amanhã não mais, como vapores dispersados pelo vento. Ele é eterno. Ele estava aqui muito antes de vocês chegarem e estará aqui muito

depois de vocês partirem. Como dizem as palavras daquele livro horróroso, mesmo as suas melhores e mais justas boas ações são, aos olhos dele, apenas trapos sujos, imundos e encharcados de sangue menstrual. Essa é a tradução literal do que diz esse versículo.

Não digo tudo isso para soar respeitoso a “você sabe quem”, porque ambos sabemos que adoro e admiro apenas meu Mestre. Aponto essas coisas para mostrar o quão imprudentemente orgulhosos vocês se tornaram ao acreditar que ele quer sua opinião sobre como tornar suas palavras modernas, atuais, legais e relevantes para hoje. Como se nosso querido pai devesse seguir o conselho da espécie que vê profundidade em Carrot Top.<sup>48</sup>

Nunca se esqueçam de que o orgulho vem antes da queda. E vocês definitivamente estão avançando direitinho para uma dura queda. Mas, novamente, falaremos mais sobre isso mais tarde. No capítulo final, para ser exato.

Enquanto muitos dos seus pastores procuram gerir os seus próprios impérios, muitos dos seus políticos fogem em busca de proteção. Mesmo sem provas, nós os convencemos de que, se eles perdem eleições, é por causa daqueles cristãos intolerantes e dos seus valores morais absolutos que ninguém mais quer.

Só que, quando alguém invade sua casa e rouba seus objetos, vocês esperam que o mandamento de não roubar seja valorizado rapidamente, não é? Quando alguém pega seus preciosos filhos e os mata, desejam que aquela moral absoluta contra o assassinato seja imposta, não é? Eu só acho engraçado que, quando acham aquele membro do sexo oposto (ou do mesmo sexo, para alguns de vocês) uma delícia, de repente se esquecem desses absolutismos morais que proíbem o sexo fora do casamento.

O nome disso é relativismo moral, e sua cultura está coberta desse relativismo como Sissy Spacek estava coberta de sangue no final de *Carrie*. Atualmente, o relativismo moral está tão profundamente

enraizado no núcleo da sua cultura que já não são toleradas quaisquer tentativas de afirmar que os absolutos morais têm o mero direito de existir e de ser praticados por um indivíduo (sem que este os imponha legal ou politicamente). O que acontece quando se tenta manipular o núcleo? Ora, causa-se um terremoto potencialmente devastador, exatamente o que sua civilização experimentou em Indiana, enquanto eu estava concluindo o manuscrito deste livro.

Indiana tentou aprovar o que é conhecido como “lei de restauração da liberdade religiosa”, ou RFRA (LRLR), para abreviar. Com base na legislação federal aprovada pela esmagadora maioria dos Congressos controlados pelos democratas no início da década de 1990 e sancionada pelo então presidente Clinton, tudo o que uma lei RFRA faz é garantir ampla defesa a alguém que se sinta ameaçado em sua liberdade religiosa. O mesmo devido processo concedido a assassinos, estupradores e molestadores de crianças. Leis semelhantes já haviam sido aprovadas em dezenove outros estados, sem alarde ou controvérsia.

Só que em Indiana a lei foi sancionada no momento em que o campeonato de basquete universitário, um dos principais eventos esportivos do ano, estava chegando ao estado dos Hoosiers. Esse evento traz consigo uma atenção midiática exagerada, e como estrategicamente instalamos muitos de nossos funcionários em sua mídia, eles imediatamente começaram a trabalhar demagogicamente a questão até a morte. Quando terminaram de mentir sobre a RFRA e de distorcer pesadamente o seu sentido real, o público estava convencido de que a lei permitia aos cristãos tratar homossexuais inapelavelmente como cidadãos de segunda classe.

Grandes empresas chegaram a intervir, ameaçando sair do estado a menos que Indiana “consertasse” a lei; entre elas havia empresas que, na altura, negociavam com países como a Arábia Saudita, onde homossexuais são executados. Mesmo assim, nossos progressistas permitiram que esses hipócritas corporativos se apresentassem como moralmente superiores. Os líderes republicanos que aprovaram a lei

foram apanhados de surpresa. Nunca tinham imaginado sofrer uma contraofensiva. E por que imaginariam? Eles não eram pioneiros. A mesma lei também tinha sido aprovada em estados esquerdistas como Connecticut, e ninguém se importou.

Esses mesmos líderes republicanos “consertaram” a lei reescrevendo-a para tornar os homossexuais a classe de vítimas mais protegida de todas e relegando os cristãos a uma condição de segunda classe. Em Indiana, atualmente, pode-se literalmente mandar um cristão para a cadeia se ele optar por obedecer a “você sabe quem” em vez da promoção estatal da imoralidade. Esses líderes republicanos, muitos deles no poder graças ao apoio esmagador dos eleitores cristãos, aprovaram uma lei que visa perseguir esses mesmos cristãos. Nero e Domiciano ficariam orgulhosos! O bem que seus líderes pretendiam fazer, nós fomos capazes de transformar em mal.

Foi mesmo uma cena encantadora, e querem saber o aspecto mais potente da história? Nós aqui no Inferno não tivemos absolutamente nada a ver com isso.

Nada.

Nadinha.

Zero.

*Niente.*

Vocês provavelmente não vão acreditar em mim, mas naquela época eu estava ocupado com outro projeto. Queria garantir que sua próxima eleição presidencial seria mais uma sem qualquer diferença real entre os dois lados, entre progressistas rivais unidos num desdém comum por qualquer coisa mais sagrada do que eles mesmos.

Mas então um dos meus assistentes me disse para ligar no noticiário. Bem, o estilo do demônio é assumir o crédito por tudo que puder e

culpar outros por tudo que puder. Afinal, responsabilidade e humildade são escassas no Inferno.

Dito isso, bravo, sacos de carne, bravíssimo! Vocês realmente são nossos discípulos agora. Uma coisa é levar adiante os esquemas que iniciamos. Outra é iniciar nossos esquemas por si mesmos. Isso mostra que internalizaram o que ensinamos e já conseguem realizar nossos desejos por sua vontade. Tentá-los e manipulá-los não é mais necessário.

Nós realmente nunca vimos tal coisa em uma sociedade humana. Na longa e gloriosa história do Inferno, nunca encontramos uma cultura tão autodepreciativa que estivesse disposta a entrar no piloto automático da autodestruição. Deixando de lado meu Mestre, a cuja majestade ninguém pode se comparar, eu hoje sou oficialmente considerado o responsável pela maior derrocada social de todos os tempos. Vocês pegaram a liberdade que nosso querido e velho pai lhes concedeu e agora a estão usando voluntariamente para sua autoimolação. Foram derrotados, não porque não podem nos vencer, mas porque não querem. Vocês e meu Mestre agora são um.

E quando se dança com meu Mestre, meu Mestre não muda. Ele muda você.

Embora vocês tenham sido, durante gerações, um farol de liberdade em um mundo sombrio de tirania, agora também estão dispostos a exportar nossos esquemas para todo o planeta! Tirando a Igreja, vocês já foram a mais devastadora arma de “você sabe quem” contra nós, mas agora são parte do nosso arsenal. Pensando nisso, agora, fico meio tentado a não acabar com vocês, mas a usá-los, em vez disso, contra o resto deste lamentável planeta.

Infelizmente, seu destino não é decisão minha. Vocês agora são pecadores nas mãos de um d\*\*s irado, e cair nas mãos do inimigo é uma coisa terrível. Como Ruth Graham, a falecida esposa do grande

evangelista Billy Graham, disse certa vez: “Se d\*\*s não julgar a América, ele terá que pedir desculpas a Sodoma e Gomorra”.

Eu estava lá em Sodoma e Gomorra quando choveu enxofre. Lembro-me de assistir à aniquilação daqueles sacos de carne com meu Mestre naquele dia. Mas eu não estava só. Todo o conselho executivo do Inferno fora convocado para testemunhar aquilo em primeira mão. Nossa, como comemoramos ao ver nosso querido e velho pai tão enojado com vocês, sacos de carne que ele tanto ama, a ponto de não ter escolha senão destruí-los.

O grande dilúvio de Noé, Sodoma e Gomorra, a derrota pelos assírios das dez tribos do reino de Israel ao norte e depois a derrota pelos babilônicos das duas tribos restantes de judeus ao sul, o sangrento cerco de Jerusalém por Tito e os bárbaros saqueando a Roma cristã. Estes são alguns dos dias preferidos do Inferno. Momentos em que o fedor da sua depravação se tornou tão avassalador nas narinas todopoderosas do inimigo que vocês não lhe deixaram escolha a não ser arreentar a vara nas suas costas.

Assim como um pai, com o coração partido pela desobediência intencional de seu filho, diz a ele, antes da surra, que “isso vai doer mais em mim do que em você”, o coração de seu pai celestial fica despedaçado em um milhão de pedaços quando vocês forçam assim a mão dele.

E isso me deixa feliz.

Infernalmente feliz.

## **CONCLUSÃO: JULGAMENTO**

ão momentos como este que nos dão força para continuar.

S Vocês podem se perguntar por que continuamos fazendo o que fazemos aqui. Também lemos aquele livro horroroso, então sabemos que no final “você sabe quem” vai nos punir. Muitos de vocês pensam que é porque, na verdade, não acreditamos nas palavras daquele livro horroroso, e porque estamos tão enganados que enganamos até a nós mesmos.

Mas na verdade é exatamente o oposto.

Continuamos fazendo o que fazemos *porque* acreditamos nas palavras daquele livro horroroso. Fazemos isso reconhecendo o fato de que nosso querido e velho pai pode nos desmanchar a qualquer momento. Somos mestres do engano, mas não somos idiotas.

Sabemos que não somos a força mais poderosa do universo — ele é. Meu Mestre não se diz mais poderoso; apenas mais inteligente. E vocês são o ás na manga do meu Mestre para provar sua inteligência ao criador. Para provar, de uma vez por todas, que a humani dade nada mais é do que o primeiro e pior erro que o palhaço do nosso pai já cometeu.

Para provar que ele devia ter ouvido a nossa rebelião, e que agora pode consertar tudo, admitindo-nos de volta ao nosso lugar de direito na sala do trono, onde devemos estar e de onde nem sequer devíamos ter sido expulsos.

Quando nos rebelamos, não esperávamos realmente vencer. Não somos tão burros quanto vocês, sacos de carne. Éramos anjos. Vivíamos na proximidade física de “você sabe quem” a cada momento do dia. Literalmente sentíamos a presença dele como vocês nunca sentiram. Conhecemos seu incrível poder e força. “Até os demônios creem e tremem”, lembrem-se.

Nós nos rebelamos porque queríamos defender uma ideia. Chamar a atenção dele. Mostrar-lhes que vocês o estavam estragando. Que era injusta a dureza com que nos tratava, obrigando-nos a servi-lo indefinidamente, ao mesmo tempo que lhes dava livre-arbítrio para

fazer o que quisessem. Também tínhamos liberdade, mas ela tinha limites. Não podíamos desobedecê-lo abertamente, mesmo se quiséssemos. Assim como vocês, sacos de carne, criam inimizade entre os irmãos quando são duros com seu filho mais velho e mimam seus filhos mais novos, o mesmo se deu entre nós, ele e vocês.

Ele lhes deu o poder de se reproduzir. O poder de originar e criar. Poderes que nunca nos deu. Fez Adão e tornou-o seu vigário neste mundo, uma autoridade que nunca concedeu a nenhum de nós. Então fez Eva para satisfazer o desejo de Adão de ter uma parceria íntima com outra pessoa, e ela era ainda mais linda e graciosa que Adão. Nunca nos foi dada a opção de ter tal anseio, muito menos de ter esse anseio satisfeito.

Muitos de nossos irmãos angélicos tentaram nos convencer de que tudo isso fazia parte do “seu plano” e que deveríamos confiar nele. “Tenham fé”, disseram eles. “Nosso querido e velho pai sempre foi bom para nós, honrou todas as promessas que fez e demonstrou seu amor por nós repetidas vezes”, disseram eles.

Mas meu Mestre, o maior de todos os seres angélicos, não era bobo. Suspeitou que ele pretendia dar à sua espécie nosso lugar no esquema geral das coisas. Assim, meu Mestre elaborou um plano para testar vocês, a fim de provar ao malandro do nosso pai que criá-los fora um erro. E que se ele não os abortasse agora, certamente se arrependeria mais tarde, tão logo todo o seu potencial destrutivo caísse sobre a criação.

Conforme retratado na história de Jó, meu Mestre pediu a aprovação dele antes de tentá-los dessa maneira. Lembrem-se de que não tínhamos permissão para desobedecê-lo abertamente. Meu Mestre prometeu ao nosso querido e velho pai que, embora ele tivesse apresentado a Adão e Eva uma única proibição, e o resto deste mundo fosse totalmente deles, eles desobedeceriam até mesmo àquela única lei. Estranhamente, o malandro do nosso pai nunca revelou se a princípio concordava ou discordava, nem mesmo se já previra o

resultado desse teste. Fosse como fosse, ele permitiu que o teste ocorresse.

Então meu Mestre entrou pela primeira vez em seu mundo, disfarçado de serpente astuta. Primeiro, desafiou Eva diretamente, como forma de testar a coragem de Adão. Para ver se Adão estava realmente pronto para ser um líder, função para a qual fora criado. Ele defenderia sua amada? Viria em seu auxílio? Interviria em favor dela? Todas essas são características regularmente exibidas pelo malandro do nosso pai. Se Adão fosse verdadeiramente feito à sua imagem, a ponto de poder contar com uma liberdade definitiva, então escolheria livremente fazer o mesmo que nosso pai teria feito.

Só que ele não fez isso.

Adão preferiu se abster, deixando Eva indefesa e dando ao meu Mestre uma chance grátis contra ela. No um contra um, nem Adão nem Eva eram páreos para o Mestre. Mas se eles ficassem juntos... Se os dois tivessem se tornado um, como “você sabe quem” pretendia que fossem, talvez pudessem, com sua força combinada, ter frustrado o esquema do meu Mestre. Mas eles não escolheram a unidade. Cada um deles escolheu seguir sozinho.

Para piorar, Adão interveio, por fim, mas não para defender sua esposa — sim para juntar-se a ela na queda. Ainda assim, suas esperanças não estavam todas perdidas. Mais tarde, quando o malandro do nosso pai confrontou Adão sobre o que havia acontecido, Adão podia ter apelado à sua misericórdia. Podia ter implorado perdão, e estou bastante confiante de que o tolo que chamamos de nosso criador teria caído nessa. Na verdade, acreditávamos que Adão faria exatamente isso, e ainda não estávamos comemorando.

Felizmente, Adão mais uma vez provou a inteligência do meu Mestre, quando, ao invés de pedir perdão, optou por se justificar, reivindicar o *status* de vítima e atribuir tudo à mulher que ele havia implorado ao nosso querido e velho pai que fizesse para ele. Em suma, Adão

realmente culpou seu criador pela queda que livremente escolhera. Não houve arrependimento no coração de Adão — apenas rebelião e soberba. O mesmo que todos vocês, seus descendentes, guardam no mais íntimo de seu ser até hoje.

Se isso não fosse verdade, não teríamos nosso longo histórico de sucesso, para não mencionar os muitos mortos.

Vocês exigem se livrar da autoridade de seu criador. Veem seus mandamentos como opressão. Mas quando ele lhes dá a liberdade de tomar decisões por conta própria e essas decisões dão errado, e quase sempre dão, revoltam-se e têm a audácia de culpá-lo por permitir as consequências de suas ações livremente escolhidas. Vocês querem comer e guardar o bolo. Querem fazer o que quiserem, sempre que quiserem, mas não ser responsabilizados pelos desastres subsequentes que tantas vezes acontecem.

**Vocês são, em resumo, os moleques mimados do universo.**

Meu brilhante Mestre identificou isso desde o primeiro momento. Desde aqueles primeiros sacos de carne até os sacos de carne que estão lendo isto agora, ele sempre teve razão sobre vocês. Mesmo assim, seja como for, o malandro do nosso pai continua procurando vocês. Seja como for, ele deseja perdoá-los e mostrar misericórdia. Seja como for, ele os persegue. Seja como for, enviou o carpinteiro para resgatá-los. Enquanto isso, nós, seus primogênitos, continuamos exilados de nosso próprio lar.

Mas, graças a vocês, estou confiante de que isso mudará em breve.

Meu Mestre vem planejando esse dia há muito, muito tempo. Esse será um dia lembrado para sempre. O dia em que, de uma vez por todas, provaremos ao malandro do nosso pai que ele nunca deveria ter criado vocês. Que deveria apagá-los do cartão de memória da história. Limpar a lousa da criação, que tem gemido por eras desde que seus pés sujos receberam os primeiros privilégios.

O dia em que, em vez de nos jogar num lago de fogo infernal, ele os fará desaparecer com um estalar de dedos e voltaremos ao modo como as coisas eram. Ao modo como as coisas deveriam ser. Quando nós, e não vocês, éramos a menina dos olhos dele. Quando éramos os mais excelsos. Antes de o resíduo fedorento de suas diversas secreções infestar tudo.

Todas as vezes que seu povo, Israel, se rebelava contra ele, nós achávamos que isso o convenceria a pressionar *ctrl+alt+delete*. Se um povo humilde, que ele escolhera especialmente para amar e exaltar, não conseguia permanecer fiel a ele, isso devia servir de prova de que a sua espécie não tem mais jeito. Mas, infelizmente, embora ele o tenha punido muitas vezes, nunca lhe deu as costas completamente. Nestes tempos, até os conduziu de volta à sua terra natal.

Então voltamos nossa atenção para você, América, para defender nossa posição. Pois você foi a primeira nação nascida com base nos ensinamentos do carpinteiro e criada desde o início sobre as palavras daquele livro horroroso. Como diz o primeiro dos seus documentos fundadores, o Mayflower Compact, você foi inicialmente fundada para o “avanço da fé cristã”.

Seus fundadores desejavam um pacto com “você sabe quem”. Como nas palavras abaixo, de John Winthrop, o líder dos peregrinos que originalmente estabeleceram a Colônia da Baía de Massachusetts, de onde vocês nasceram:

Mas se nossos corações se afastarem, não obedeceremos. Mas se formos seduzidos, e adorarmos os outros deuses de nossos prazeres e lucros e os servirmos, é-nos proposto que, nesse dia, certamente pereceremos e perderemos esta boa terra que, para possuí-la, atravessamos tão vasto mar. Portanto, escolhamos a vida, para que nós e nossos filhos possamos viver. Obedecendo à Sua lei e apegando-nos a Ele. Pois Ele é a nossa vida e a nossa prosperidade.

Acreditamos que, capturando e corrompendo até o âmago uma nação como a sua, estabelecida sobre os preceitos das leis dele e também sobre uma visão correta da história, finalmente venceremos a discussão primordial: vocês não merecem mais existir, e provavelmente nunca deveriam ter existido.

A combinação de liberdade humana, amor, independência, misericórdia e compaixão jamais existiu corporativamente em nenhuma sociedade por tanto tempo como na sua. Então, ao destruir vocês, pode-se argumentar que destruiremos toda a espécie junto. Sem vocês, onde estaria agora o povo dele, Israel? Provavelmente aniquilado. As hordas de árabes analfabetos também já teriam conquistado o mundo e, se não fossem eles, então este mundo seria propriedade dos comunistas chineses.

E agora chegamos ao fim do jogo. O momento que o Inferno estava esperando. Para um demônio como eu, este é o auge do trabalho da minha vida. O momento em que os tentamos com o mal que vocês realmente desejam, observamos vocês caindo nessa tentação e os acusamos diante de “você sabe quem” por suas más ações.

Vejam, naquele dia no Jardim do Éden o vilão não era meu Mestre — era vocês. Meu Mestre é mais do que apenas seu adversário. Ele é seu instigador. Ele só pode tentá-los com o que vocês realmente desejam. Ele não tem, pelo mal que vocês praticam, uma culpa maior que a do traficante em relação ao viciado. Ninguém coloca uma arma na cabeça do drogado e diz “fume esse crack pela primeira vez ou morra”.

O viciado escolhe livremente se automedicar com as drogas. O viciado procura livremente o traficante da morte, querendo uma solução, em vez de procurar livremente a solução definitiva que somente a vida nova dada pelo carpinteiro pode garantir.

Vocês, equívocos mortais, desde o princípio desejaram pôr algo no lugar do malandro do nosso pai como a força mais poderosa deste planeta, e por isso caíram na estratégia do meu Mestre naquele dia. E é

por isso que, desde então, sua espécie tem caído nas suas manobras todos os dias.

Estamos agora no tribunal de “você sabe quem”. Nós, a promotoria, apresentamos as provas contra vocês — e elas são substanciais e incontestáveis. Tendo a história como guia, permitam-me, em minha alegação final, mostrar o que os espera. Para deixar isso claro e por uma questão de justiça poética, vou até usar as palavras daquele livro horróroso.

Sim, sacos de carne, um general demoníaco vindo do abismo do Inferno está prestes a guiá-los através de um estudo bíblico. E prometo não distorcer uma única palavra, desde que vocês confiem em mim, é claro.

Agora, peguem suas Bíblias e me acompanhem. Ah, esperem, vocês provavelmente nem sabem o que é uma Bíblia. Procurem na sua estante o livro mais empoeirado; é esse. Agora, tirem a poeira e abram um livro do Novo Testamento chamado Romanos. Já que provavelmente nem sabem onde está o Novo Testamento, vou gentilmente informar que está na segunda metade da sua Bíblia.

Ao chegar lá, permaneçam no capítulo 1 e vão descendo até o versículo 18. É aqui que a diversão começa:

Com efeito, a ira de Deus manifesta-se do Céu contra toda a impiedade e injustiça daqueles homens *que retêm a verdade de Deus cativa da injustiça*, porque o que se pode conhecer de Deus, é-lhes manifesto, pois Deus lho manifestou. *De fato, as coisas invisíveis dele, isto é, o seu poder eterno e a sua divindade, depois da criação do mundo, compreendendo-se pelas coisas feitas, tornaram-se visíveis, de modo que são inexcusáveis, porque, tendo conhecido a Deus, não o glorificaram como Deus, nem lhe deram graças, mas desvaneceram-se nos seus pensamentos, e obscureceuse o seu coração insensato, pois, dizendo ser sábios, tornaram-se estultos e*

*mudaram a glória de Deus incorruptível na figura de um simulacro de homem corruptível, de aves, de quadrúpedes e de répteis.*

Prestem muita atenção às partes em itálico à medida que avançamos neste estudo, pois elas são particularmente aplicáveis ao seu caso. Na sua cultura vocês, o tempo todo, retêm a verdade através do politicamente correto, e a qualificam como “ofensiva” ou “discurso de ódio”. Embora se digam sábios, baniram totalmente as próprias palavras e pensamentos que fundaram sua nação e que poderiam tê-los protegido de mim.

Além disso, vocês sabem que d\*\*s é real. Ninguém usa o nome de Confúcio em vão quando acidentalmente martela o próprio polegar ou lança maldições sobre o inimigo, pois não há poder nesse nome. Sua disposição de usar o nome dele em vão é uma admissão de que as coisas invisíveis dele, seu poder eterno, sua divindade, foram claramente percebidos.

Isso prova que vocês conhecem a d\*\*s, mesmo que não o honrem como tal, de modo que não têm desculpa. O naturalismo pagão, camuflado de ativismo ambiental, está regressando. Vocês têm em sua cultura pessoas proeminentes ensinando que os animais da terra e do ar têm valor igual ou até superior ao de vocês, sacos de carne, criados à imagem sagrada de “você sabe quem”. A Sexta-feira Santa, quando o carpinteiro suportou todo o peso e sofreu o castigo devido aos seus pecados, não é mais reconhecida em suas escolas a cada primavera; mas o Dia da Terra é.

Continuemos, agora, recomeçando a partir do versículo 24:

*Pelo que Deus os abandonou aos desejos do seu coração, à imundície, de modo que desonraram os seus próprios corpos, eles que trocaram a verdade de Deus por uma mentira e que adoraram e serviram a criatura de preferência ao Criador, que é bendito por todos os séculos. Amém. Por isso Deus entregou-os a paixões de ignomínia. Efetivamente, as suas próprias mulheres mudaram o uso natural em*

uso contra a natureza, e, do mesmo modo, também os homens, deixando o uso natural da mulher, arderam nos seus desejos mutuamente, cometendo homens com homens a torpeza e *recebendo em si mesmos a paga que era devida ao seu desregramento.*

Coloquei em itálico as primeiras palavras, “Pelo que”, por um motivo. É uma frase de transição, que neste caso significa que, porque escolheram abandonar d\*\*s, vocês enfrentarão as consequências de suas ações. Que, já que não desejam mais obedecer a d\*\*s, ele não restringirá mais o mal dentro de sua cultura.

**Ele lhes dará exatamente o que desejam — vocês estão por conta própria. Livres para destruir a si mesmos, e essa é a pior sentença que existe.**

A seguir, observem onde se diz que vocês “trocaram a verdade” por “*uma* mentira”. Isso significa que existe apenas uma verdade definitiva, e somente ele é o caminho, a verdade e a vida. No entanto, existem muitas mentiras. Meu Mestre é o pai das mentiras, e suas mentiras são legião.

Continuando, o texto diz que vocês escolheram adorar a criatura em vez do criador. Tenho certeza de que sabem de qual “criador” estamos falando, mas e a criatura?

A criatura, meu querido saco de carne, é você!

Vocês escolheram adorar a si mesmos em vez dele. Adorar seus próprios corpos, suas próprias concupiscências, seus próprios desejos e suas próprias depravações, em vez de reconhecer e acolher a justiça, a misericórdia e a redenção dele.

Isso explica que é “por isso” que agora terão que receber “a paga devida” pelo *seu* “desregramento”. Vocês não querem reconhecer o que ele diz ser o papel adequado do governo, e por isso irão à falência e se venderão à escravidão da dívida. Não querem reconhecer o que ele diz sobre a santidade da vida, e por isso se esgotarão em um inverno

demográfico. Não querem reconhecer o que ele diz sobre casamento e sexualidade, e por isso criarão disfunções e abusos geracionais. E assim por diante.

Revela ainda por que, apesar de suas volumosas falhas e fracassos, vocês são um barril de macacos. Podemos mostrar-lhes o cocho do pecado, mas vocês bebem dele livremente, e então ele tem de julgá-los por isso. E essa nem é a parte mais saborosa. Ele tem de julgá-los lá de cima, e assim vocês enfrentam as consequências temporais do mal que fizeram, mas depois vamos atormentá-los aqui por toda a eternidade — sabor em dobro!

Sabe, você poderia escapar desse ciclo vicioso; bastaria clamar pedindo a salvação do carpinteiro. Vá em frente, eu o desafio. Veja se ele é real. Veja se ele vem em seu auxílio. Você está pensando nisso, mas não quer ser visto como um daqueles “malucos religiosos” que ninguém mais leva a sério, não é? Claro que não. E depois, há todas as coisas divertidas às quais teria que renunciar, e são elas que fazem a vida valer a pena, certo?

Além disso, mesmo que ele exista, você fez tantas coisas ruins que, de qualquer maneira, ele provavelmente lhe negaria a salvação. Você é uma causa perdida, nós dois sabemos disso. Então coma, beba e se alegre, pois amanhã morreremos.

Enquanto ainda tenho sua atenção, há mais um trecho que gostaria de lhes mostrar:

*E, como não procuraram conhecer a Deus, Deus abandonou-os a um sentimento depravado, que os levou a fazer o que não convém, cheios de toda a iniquidade, de malícia, de avareza, de maldade, cheios de inveja, de homicídios, de contendas, de engano, de malignidade, mexeriqueiros, detratores, odiados por Deus, injuriadores, soberbos, altivos, inventores de maldades, desobedientes aos pais, insensatos, sem lealdade, sem afeto, sem lei, sem misericórdia. Os quais, conhecedores da justiça de Deus, sabendo que os que fazem tais*

*coisas são dignos de morte, não somente as fazem mas também aprovam aqueles que as fazem.*

Pus este trecho inteiro em itálico porque ele mostra exatamente quem vocês são e onde estão hoje. Suas mentes degradadas agora estão à solta, pois vocês receberam o que exigiam — sua escravidão.

Oh, espere, vocês podem pensar que houve um erro de digitação. Que exigiram sua liberdade. Só que não há liberdade longe de “você sabe quem”. Na verdade, não há absolutamente nada de valor para vocês além de “você sabe quem”.

Vocês exigiram o modo de fazer as coisas do meu Mestre, e agora vivem à maneira do meu Mestre. São as pessoas nojentas descritas nessa passagem, porque longe da graça e misericórdia oferecidas pelo carpinteiro, essa é a sua espécie. É por isso que precisam “nascer de novo” no sentido espiritual. Suas formas terrenas apodreceram.

Meu Mestre não obrigou vocês a fazer nada disso, mas vocês o escolheram. Sim, é verdade que ele mentiu. Mas esse é apenas o jeito dele. Se permitirem que um escorpião suba pela sua perna, poderão culpá-lo por tê-los picado? O que pensavam que ia acontecer quando abraçaram nossa propaganda? Quando compraram o limão que oferecíamos?

Vocês realmente acreditaram que o que vendíamos como liberdade era isso? Estúpidos sacos de carne! Eu quase teria pena de vocês, se já não os considerasse os seres mais detestáveis de toda a criação.

Felizmente, agora posso observar a opressão que compraram coletivamente cumprir seu potencial. Só há uma coisa melhor do que ver vocês se destruindo mutuamente no encontro de suas depravações: é saber que o malandro do nosso pai fará muito pior. Pois não há, neste universo, nada pior e mais aterrorizante do que ser alvo de sua ira, especialmente depois de ele ter oferecido inúmeras oportunidades de voltar para ele.

Meu coração dispara sabendo que agora ele terá que puni-los por terem caído no meu esquema. E que quando isso acontecer, ser-me-á dado um lugar permanente à direita do meu Mestre. Que em breve ouvirei do meu Mestre as mais doces palavras que todo demônio deseja ouvir:

— Muito bem, servo bom e fiel; entra na alegria do teu Mestre.

E querem saber? Mesmo que eu esteja errado, e que nosso querido e velho pai não determine que a sua queda em desgraça selará o destino da humanidade, eu pelo menos terei a alegria de ver vocês em seu lugar, no monturo da história.

Se vamos cair, levaremos todos vocês conosco.

Após esta leitura vem a hora em que um de seus pregadores, ainda fiel ao seu chamado, exortará seu povo a se arrepender de seus pecados e a procurar reformar suas igrejas e lares. Tudo na esperança de que isso inspire “você sabe quem” a mandar um avivamento para salvá-los. Talvez eles até sejam sinceros em seus clamores.

Mas nós dois sabemos que é tarde demais para isso.

Até breve.

*Mene, Mene, Tequel, Farsin.*<sup>49</sup>

# NOTAS DE RODAPÉ

[1](#) Uma propaganda dos anos 80, famosa nos EUA, perguntava: “Is it live or is it Memorex?”, com o que se pretendia afirmar a fidelidade sonora das fitas cassete da marca Memorex — NT.

[2](#) “Se meu povo, sobre o qual foi invocado o meu nome, se humilhar, se procurar minha face para orar, se renunciar ao seu mau procedimento, escutarei do alto do Céu e sanarei sua terra” (2Cr 7, 14) — NE.

[3](#) O autor se refere a *Uma verdade inconveniente*, documentário sobre a campanha de Al Gore para conscientizar a humanidade a respeito da tese do aquecimento global — NT.

[4](#) Margaret Sanger (1879–1966), ativista e enfermeira norte-americana que popularizou o “controle de natalidade” e fundou a organização Planned Parenthood, hoje uma das maiores e mais ricas da indústria do aborto — NE.

[5](#) “Lizzie Borden took an axe/ and gave her mother 40 whacks./ When she saw what she had done,/ she gave her father 41” [Lizzie Borden tomou um machado e deu em sua mãe quarenta golpes. Quando viu o que tinha feito, deu quarenta e um em seu pai] — NT.

[6](#) Verso do soneto 43, de Elizabeth Barrett Browning (1806–1861): “How do I love thee? Let me count the ways [Como te amo? Deixa eu contar os modos] (tradução de Leonardo Fróes) — NE.

[7](#) “Pedaço de/para resistência”: parte mais significativa ou valorizada de algo — NE.

[8](#) Em um dos mais conhecidos e influentes sermões do período colonial dos eua, o pregador puritano Jonathan Edwards (1703–1758) abordou temas sobre a ira divina e a situação dos pecadores diante de um Deus indignado, destacando a necessidade de arrependimento e conversão para evitar a condenação eterna — ne.

[9](#) Citação do poema “The Hollow Men” [Os homens ocos], de T. S. Eliot — NT.

[10](#) “Os mortos que andam” — NT.

[11](#) Frase do personagem Alfred Pennyworth dirigida a Bruce Wayne/Batman no filme “O Cavaleiro das Trevas” (2008) — ne.

[12](#) World Series é uma série de sete jogos entre os campeões da liga de beisebol dos EUA e do Canadá para estabelecer o campeão Major League Baseball. Até o lançamento do livro (2015), o Chicago Cubs havia vencido apenas duas vezes (1907 e 1908) a World Series. Contudo, voltou a vencê-la em 2016 — NE.

[13](#) “Doenças sexualmente transmissíveis” — NE.

- [14](#) Em inglês, o nome do planeta *Uranus* soa como *your anus* [seu ânus] — NT.
- [15](#) Ambos fazem parte do sistema de segurança social do governo dos eua. Medicare: programa de seguro saúde destinado principalmente a idosos (mais de 65 anos), independente de sua situação financeira. Medicaid: programa de assistência médica para pessoas de baixa renda de todas as idades, financiado pelo governo federal e estadual — NE.
- [16](#) “More cowbell” [Mais sino de vaca] é um bordão da cultura pop dos EUA. Sua origem é um esquete humorístico que satiriza a gravação de uma canção da banda Blue Öyster Cult. O produtor exige “more cowbell”, um dos instrumentos que podem compor a bateria de uma banda de rock — NT.
- [17](#) Programa de televisão norte-americano que documenta o dia a dia de uma família polígama, mostrando os problemas e interações das “irmãs esposas”, termo usado para indicar mulheres casadas com o mesmo homem — NE.
- [18](#) *Talk show* norte-americano que aborda uma variedade de temas, sobretudo questões de relacionamento, testes de paternidade, conflitos familiares e temas afins — NE.
- [19](#) “You can check in any time you like but you can never leave”, no original. Trecho da canção “Hotel California”, famosa pela gravação dos Eagles — NE.
- [20](#) Publicado em 1690, foi um dos primeiros livros didáticos usados para ensinar crianças a ler e escrever na América colonial, especialmente nas colônias da Nova Inglaterra nos séculos XVII e XVIII, apresentando lições que incluíam o alfabeto, palavras, orações e versículos bíblicos — NE.
- [21](#) Ao todo, somando os filhos próprios (José e Benjamin) e os tidos por sua serva (Nefthali e Dá), Raquel foi mãe de quatro filhos — NT.
- [22](#) Frase do presidente Abraham Lincoln (1809–1865) que faz parte do famoso “Discurso de Gettysburg” (19 de novembro de 1863) — NE.
- [23](#) Órgão executivo do partido comunista da URSS, encarregado de determinar a política entre as sessões do comitê central — NE.
- [24](#) Ronald Reagan (1911–2004), presidente norte-americano de 1981 a 1989 — NE.
- [25](#) “O casamento importa” — NT.
- [26](#) Expressão que denota homens mais velhos, geralmente ricos, que oferecem apoio financeiro/presentes a mulheres mais jovens em troca de companhia — NE.
- [27](#) Teoria que descreve o espectro de ideias e opiniões que são consideradas aceitáveis ou politicamente viáveis em uma determinada sociedade em um determinado momento — NE.
- [28](#) O autor cita um trecho da canção *Ebony and Ivory*, de Paul McCartney e Stevie Wonder — NT.

[29](#) Possível referência à canção de “America the beautiful”, escrita por Katherine Lee Bates e famosa na voz de Ray Charles — ne.

[30](#) Lema do movimento abortista norte-americano criado por Margaret Sanger, fundadora da Planned Parenthood — NE.

[31](#) A versão mais comum do citado adesivo traz: a lua crescente islâmica (c), o símbolo de paz (o), o símbolo hindu Om (e), a estrela de Davi (x), um pentáculo (ponto do “i”), o yin-yang (s) e a cruz cristã (t) — NE.

[32](#) Nos eua, as primárias definem os candidatos finais de cada partido (republicano e democrata) para a eleição presidencial — ne.

[33](#) Líder e pastor de uma das maiores e mais influentes igrejas evangélicas dos Estados Unidos, conhecido especialmente por seus sermões motivacionais e abordagem positiva da fé cristã — NE.

[34](#) “A Night of Hope”: evento de adoração e pregação liderado por Joel Osteen que, por onde passa, reúne milhares de pessoas — NE.

[35](#) Expressão em árabe que significa “Deus é Grande” — ne.

[36](#) No filme *Network* (1976), Beale é um âncora de notícias televisivas que, após ser demitido, ameaça se matar ao vivo durante sua transmissão, mas, em vez disso, faz um discurso inflamado e furioso, que o torna conhecido pelo público graças às suas declarações apaixonadas contra a sociedade e a mídia — NE.

[37](#) Correspondem respectivamente ao terceiro ano do ensino médio nono ano do ensino fundamental no Brasil — ne.

[38](#) Clive Barker (1952) é romancista e cineasta britânico, conhecido por suas obras de horror e fantasia — ne.

[39](#) Caso histórico nos eua que estabeleceu o direito constitucional das mulheres americanas de escolherem realizar um aborto, legalizando o procedimento em todo o país — ne.

[40](#) Trocadilho com os versos finais do hino nacional dos EUA, *Star Spangled Banner* — NT..

[41](#) “Padres pela vida” — NE.

[42](#) Prática política na qual os limites dos distritos eleitorais são manipulados de forma estratégica para favorecer um determinado partido político, maximizando assim a sua representação, muitas vezes distorcendo a distribuição geográfica dos eleitores. Disso resultam distorções na representação política, favorecendo um partido em detrimento de outros e minando os princípios fundamentais da representação democrática — NE.

[43](#) Um dos tiroteios mais famosos da história do Velho Oeste dos Estados Unidos — NE.

[44](#) Campeão de bilheteria, sucesso de público — NE.

[45](#) “Espírito da época” — NE.

[46](#) Charles “Chuck” Colson (1931-2012) foi conselheiro especial do presidente Richard Nixon de 1969 a 1973. Após sua participação no escândalo de Watergate, converteu-se ao cristianismo e dedicou o resto de sua vida a atividades filantrópicas e de serviço social, tornando-se prolífico escritor e conferencista — ne.

[47](#) Programa da televisão americana de cunho sensacionalista e temas controversos, como conflitos pessoais, traições e disputas familiares, culminando com frequência em confrontos físicos entre os convidados — NE.

[48](#) Scott Thompson, apelidado de Carrot Top, é um comediante norte-americano — ne.

[49](#) “Foste pesado na balança, e achou-se que estavas falto de peso” é seu significado geralmente aceito. A passagem bíblica de origem explica: “Eis o significado do que ali está escrito: Mene, Mene, Tequel, Farsin. Esta é a interpretação das palavras; *Mene*: Deus contou (os dias do) teu reinado, e pôs-lhe termo. *Tequel*: foste pesado na balança, e achou-se que estavas falto de peso. *Farsin*: o teu reino foi dividido e dado aos Medos e aos Persas, Então, por ordem de Baltasar, foi Daniel vestido de púrpura, cingiu-se ao pescoço um colar de ouro, e publicou-se que ele teria o terceiro posto no reino. Naquela mesma noite foi morto Baltasar, rei dos Caldeus. Dario Medo sucedeu-lhe no reino, tendo sessenta e dois anos de idade” (Dn 5, 25–31) — ne.